

ADMINISTRE SEU LAR:

DESATE SUAS MÃOS,
ABRA SUA MENTE



14
4279a 1980

LINDA NELSON

Beasu 640 N7279a 1980

Linda Nelson
com a colaboração de
Clara A. Martín

ADMINISTRE SEU LAR: DESATE SUAS MÃOS, ABRA SUA MENTE



INSTITUTO INTERAMERICANO DE CIÊNCIAS AGRÍCOLAS – OEA

Rio de Janeiro

1980

1

Título do Original: "ADMINISTRE SU HOGAR: Desate sus manos, abra su mente..."
Publicado pelo Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas – OEA. Centro de Ensino e Pesquisa, Turrialba, Costa Rica, 1976.

Tradução de Diva Resende
Revisão de Zita Machado Salazar Pessoa
Capa: Chico Diaz

Este livro foi editado em decorrência do interesse despertado em escolas de Economia Doméstica, no Brasil, pela tradução preliminar, para o português, do seu original, em espanhol, feita pela Professora Diva Resende.

Série "Libros y Materiales Educativos" n.º 44

Este livro foi publicado pelo Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas. Integra a Série "Libros y Materiales Educativos", que conta com o apoio financeiro da Fundação Kellogg e cujo objetivo é o de contribuir para promover o desenvolvimento agrícola do Continente Americano.

IICA Nelson, Linda.
LME-640 Administre seu lar: desate suas mãos, abra sua mente [por] Linda Nelson com a colab. de Clara A. Martín [Trad. de Diva Resende. Rev. de Zita Machado Salazar Pessoa] Rio de Janeiro, IICA, 1980.
117 p. (IICA. Livros e materiais educativos, n. 44)

Título original: "Administre su hogar, desate sus manos, abra su mente..."

Bibliografia: p. 113

1. Economia doméstica. 2. Administração doméstica. I. Martín, Clara A colab. II. Resende, Diva Trad. III., Zita Machado Salazar Pessoa rev. IV. Série. V. Título.

CDD 640 CDU64

Para os latino-americanos, com a esperança de que saberão selecionar e superar o que lhes oferecemos neste trabalho.

This One



6EDH-PGZ-E1PJ

Digitized by Google

AGRADECIMENTO

Aos professores que despertaram meu interesse pela administração do lar.

Aos estudantes de cursos nacionais e internacionais que colaboraram na formação de minhas idéias através de suas perguntas.

Ao pessoal do IICA e da AID que apoiou meu trabalho e me permitiu dispor de tempo para terminá-lo.

Aos moradores de San Isidro, Costa Rica, que me introduziram na intimidade de lares de um rincão latino-americano.

Ao INTA, Argentina, que autorizou a colaboração da Licenciada Clara A. Martín, sua funcionária.

A todos, meus profundos agradecimentos.

Linda Nelson

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
----------------	---

Primeira Parte

RUMO À TEORIA DA ADMINISTRAÇÃO DO LAR

Pensamentos de uma dona-de-casa	15
Capítulo I – VALORES	17
Capítulo II – RECURSOS	33
Capítulo III – TEMPO	43
Capítulo IV – DECISÕES	53

Segunda Parte

RUMO À PRÁTICA DA ADMINISTRAÇÃO DO LAR

Pensamentos de uma dona-de-casa	69
Capítulo V – COMO ADMINISTRAR?	71
Capítulo VI – PADRÕES DE ATIVIDADE	73
Capítulo VII – A SIMPLIFICAÇÃO DO TRABALHO	81
Capítulo VIII – ORIENTAÇÃO AOS CONSUMIDORES	99
Capítulo IX – COMO ADMINISTRARÃO?	107
Capítulo X – A ADMINISTRAÇÃO	109

EPIÍLOGO	111
----------------	-----

BIBLIOGRAFIA	113
--------------------	-----

PREFÁCIO

Há coisas invisíveis só conhecidas por seus resultados. Embora muitos exemplos possam ser dados, referimo-nos, aqui, à tarefa de administração que, sob múltiplas formas, é cumprida nos lares. Nas páginas seguintes, procuraremos captar esse conceito pouco tangível.

Nossa atenção está voltada para os estudantes universitários e seus professores. Pensamos, de modo especial, naqueles que pertencem a escolas ou departamentos de Ciências Domésticas ou de Economia Doméstica, cujo número cresce continuamente na América Latina. Ademais, as idéias aqui expostas poderão servir de orientação para os estudantes e profissionais de outras disciplinas que têm por objeto a compreensão da vida familiar, com vistas a orientá-la e modificá-la. Os sociólogos, antropólogos, assistentes sociais, engenheiros agrônomos, extensionistas, psicólogos, professores, religiosos e os candidatos a essas profissões poderão encontrar nestas páginas idéias incentivadoras da própria formação.

Sabemos que trabalhar com a família representa um sério desafio; as variações que esta apresenta afetam a vida dos que a compõem e exigem cautela na ação. Assim, antes de agir, é imperioso que se conheçam os padrões de comportamento, as motivações, as aspirações e os requisitos impostos pela sociedade. É forçoso, portanto, pesquisar a vida familiar.

Os cursos de Ciências Domésticas ou de Economia Doméstica, a nível universitário, constituem um ramo do conhecimento que abstrai teorias e resultados de várias disciplinas para aplicá-los à vida familiar. Por esta razão, seria aconselhável que a esses cursos sucedessem outros estudos, em áreas tais como Sociologia, Psicologia e Economia, a nível também universitário. Julgamos, pois, que este trabalho, dada a sua abrangência, poderá inclusive servir de texto didático para a disciplina de Administração do Lar, incluída nos referidos cursos.

Administração é uma atividade complexa, parcialmente abstrata e parcialmente visível através de seus resultados; é semelhante a um caleidoscópio em mudança quase permanente. Varia segundo o ambiente, os padrões culturais e a composição familiar.

As características próprias que as famílias desenvolvem em diferentes épocas, lugares e culturas criam obstáculos à aplicação de "receitas" que, embora bem intencionadas, às

vezes não conseguem modificar positivamente a vida familiar sem provocar novas quebras na estrutura na qual se deseja atuar.

Por essas razões, não é possível ditar regras para a administração do lar e tampouco considerá-la estática ou pronta como disciplina.

Defrontamos com grandes dificuldades para apresentar as idéias de forma adequada às condições globais dos países latino-americanos e às características evolutivas da própria matéria. Por isso, este trabalho é apresentado sob a forma de uma experiência dividida em duas partes.

A primeira compreende quatro elementos fundamentais para a teoria de administração: os valores, os recursos, o tempo e as decisões. Classificamos esta parte como uma tentativa de aproximação dessa teoria, uma vez que carecemos de dados concretos a respeito de seus reflexos em lares da América Latina. Tomamos por base estudos desenvolvidos em outras culturas e por nós adaptados segundo a experiência vivida em vários países da região.

Cada capítulo é iniciado com uma série de questões estimulantes sobre o tema e se encerra com a apresentação de métodos e resultados de pesquisas pertinentes. Esperamos, assim, incentivar o estudo desses elementos em famílias latino-americanas, tendo em vista a utilização, num futuro livro, de dados objetivos e reais que permitam aprofundar os conceitos esboçados neste trabalho.

A segunda parte apresenta algumas práticas específicas de administração do lar, ilustradas com os resultados de um trabalho de pesquisa desenvolvido durante nove meses de residência em San Isidro, pequena comunidade rural costarricense. A maioria dos dados foi fornecida por dezenove donas-de-casa aleatoriamente escolhidas. Embora esse trabalho dissesse respeito a padrões de atividade, a observação da faina diária de cada casa e os inúmeros contatos suplementares forneceram uma série de dados sobre a forma de cumprir as tarefas domésticas, fazer as compras e desenvolver outras tantas atividades que ajudam a compreender as múltiplas facetas da administração.

Para analisar os elementos do esquema de administração do lar que apresentamos, é necessário considerá-los isoladamente. Esta abordagem torna-se artificial se confrontada com a realidade da vida familiar. Para ajudar o leitor a vencer a barreira que se interpõe entre a parte analítica e a realidade complexa, três métodos foram por nós empregados.

O primeiro consiste em demonstrar que as donas-de-casa do meio rural pensam e falam sobre elementos da administração do lar, mesmo que empreguem uma terminologia diferente. Iniciamos as duas partes que compõem este livro com palavras próprias de mulheres costarricenses ao descreverem, como se sonhassem acordadas, o início de mais um dia de trabalho. Como muitas das palavras usadas fazem parte do linguajar local, empregamos expressões correntes. Esperamos que, nestes casos, o leitor perceba a presença na vida cotidiana de elementos próprios da administração do lar e identifique fatos reais que ilustrem os conceitos manifestos em cada capítulo, de modo a reconhecer sua interdependência.

O segundo método consta da apresentação, na abertura da maioria dos capítulos, de uma lista de expressões, perguntas ou idéias que ocorrem a todo momento, a fim de chamar a atenção do leitor para suas próprias experiências relacionadas com o tema.

Quanto ao terceiro método, é representado pela enumeração, no final de quase todos os capítulos, de uma série de experiências no sentido de facilitar a exploração dos conceitos. Cada lista procura reportar-se à literatura, às experiências familiares e ao trabalho de extensão pertinentes, além de oferecer sugestões para o exame dos limites da administra-

ção do lar, por meio de observações, conversas e experiências embrionárias de pesquisa.

Ao utilizar os conceitos básicos o leitor deverá citar exemplos aplicáveis a diferentes estratos sociais, a famílias tanto urbanas quanto rurais e a condições específicas do seu próprio país.

Embora reconheçamos que, ao administrar, as famílias rurais têm de levar em conta a terra e o lar que possuem, carecemos de evidência sobre como e até que ponto o fazem as famílias latino-americanas. Para ampliar os conhecimentos sobre administração, deveríamos ouvir também os homens e as crianças, pois não conhecemos sua versão. Por isso, guiadas só pelas mulheres, penetremos nos lares e vislumbremos algumas formas e frutos da sua administração.

PRIMEIRA PARTE

Rumo à teoria da administração do lar. . .

Pensamentos de uma dona-de-casa...

Acordou, mas não abriu os olhos. Preferiu continuar mais um pouco na tranqüilidade que acompanha a sonolência.

Percebeu um formigamento nas pernas, possivelmente produzido pelas varizes; sentiu também o filho que levava no ventre.

Abriu pouco a pouco os olhos e, por entre as frestas da janela, vislumbrou a luz do amanhecer.

Percorreu com o olhar o quarto. Pôde perceber, na parede divisória, uma peça de vestuário nela pendurada; num canto, uma caixa onde guardava a roupa de uso da família; de um prego pendiam um chapéu e a maleta escolar dos filhos.

A seu lado estava o marido que daí a pouco sairia "na fresca da manhã para colher café"; mais adiante, em duas camas, seus seis filhos (Mariazinha de nove anos, a maior, e Raul, de nove meses, o menor).

Pensou que já era hora de levantar-se. Um dia de trabalho intenso a esperava. Um dia igual a todos, pois "todo o dia é a mesma coisa..."

Decidiu ficar mais uns minutos deitada; e pensou: "o trabalho de casa é tempo perdido, com as crianças nunca aparece o que se faz..." Por outro lado, pensou, trabalharia melhor enquanto os filhos dormissem, pois assim não incomodavam e o tempo renderia mais.

Confiante em que "Deus nos dá forças para o que temos de fazer", deu largas ao pensamento... Uma vez mais lembrou-se de que "o trabalho com crianças não acaba nunca". Todos os dias a mesma preocupação com a saúde e a educação delas, pois "a gente é o resultado da criação que teve".

Hoje um está resfriado, tosse e tem febre: "melhor não dar banho nele para que não se molhe"; ontem, um comeu muita banana verde e "preciso dar remédio para o estômago". A cada instante é necessário cuidar dos menores para que não brinquem com faca nem se aproximem do touro; é preciso observá-los, porque "brincar na rua é perigoso", e ao bebê, dar a mamadeira com ervas e remédio, "para que se crie forte".

"As crianças esquentam a cabeça de qualquer um, mas é bom ter filhos pequenos para distraírem a gente quando se está preocupado".

Que desespero quando estão doentes! Às vezes, para vê-los são, dá-lhes qualquer remédio, e logo "o doutor se aborrece se lhes dou remédio não receitado".

Ela "gostaria que eles andassem calçados", porque "é bom para a saúde usar sapatos; os pés permanecem secos e livres de micróbios".

Dá outra volta na cama; é preciso levantar-se e começar um novo dia, mas espera um instante mais.

Geralmente seu trabalho de dona-de-casa começa ao amanhecer, "com o fogo fraco", "a lenha úmida", e o "problema da água".

Está cansada de lavar roupa suja com pouca água; hoje é preciso lavar a roupa do marido e "roupa de trabalho de homem é dura de lavar".

“Quando será que não precisarei mais lavar cueiros? ”

Quase todos os dias deve pegar na agulha e “cuidar do que tem”, remendar, costurar, prestar atenção para que “nada se desperdice”.

“Os pobres só costuram trapos velhos”. Mais tarde, vai “transformar uma colcha velha em cueiros”. Já faz sete anos que a comprou por sessenta colones; há pouco tempo comprou “outra a vinte e três, mas não é boa”

“O caro sai barato, porque dura mais”.

É também tarefa sua examinar o caderno escolar dos meninos, embora muitas vezes tenha de pedir-lhes que deixem o trabalho para mais tarde e se ocupem de distrair os pequenos ou de algum mandado.

Que não faz uma mãe para que seus filhos sejam sadios e felizes! Para que sejam bons, queiram bem aos irmãos, respeitem os pais e “não sejam malcriados”.

Como gostaria que “fizessem até a sexta série e que houvesse uma escola por perto, para maior comodidade”.

Quando chega a noite, pensa, é parte da sua missão repetir o Pai-Nosso e rezar o rosário com as crianças, para que seus filhos “se aproximem de Deus”. Quantos dias terminam com a observação “rezem e vão todos se deitar”! Nem fala em pôr roupas de dormir; “os pobres não têm direito a pijaminhas”.

Os filhos alegram, mas “não é vida ter um filho por ano”. Bem, é hora de deixar a cama. “Não se deve permitir que os pensamentos tomem conta da gente”.

Levanta-se; olha o céu. É uma bela manhã. Isto não quer dizer nada porque certamente ao meio-dia choverá e “não vai poder passar a roupa enquanto o aguaceiro durar, pois tem medo por causa do ferro”.

Começa a acender o fogo; é difícil, a lenha está molhada. “Feliz quem tem fogão elétrico, nada de fumaça. Quem me dera comprar um fogão daqueles que vi em São José, para fazer comidas bem gostosas! Prefiro um de ferro, mas não posso comprar”.

O fogo pegou, agora é preciso buscar a água. “Como seria bom ter água aqui...” Quando terminar este serviço, já será hora de lavar a roupa. “Se pudesse, compraria uma máquina de lavar para lavar a roupa bem ligeiro...”

Tudo, porém, são sonhos; parece até que ainda não acordou. “Já começou um novo dia”, diz para si mesma. “O que não faz Deus para provar a paciência da gente...”

CAPÍTULO I

VALORES

Você acha que os nordestinos não amam a sua terra e por isso a deixam? *

Concorda em que o sertanejo é antes de tudo um forte?

Aceita que somente os paulistas sejam trabalhadores?

Considera tomar cafezinho uma perda de tempo?

Acha certo sua vizinha desejar um noivo rico para a filha?

Aprova que seus pais tenham sofrido privações para que você estudasse?

Possivelmente, mais de uma vez lhe foi difícil ver a conduta dos outros com objetividade. Sem dúvida, ao penetrar em lares alheios, foi levado a julgar ou avaliar o comportamento das pessoas segundo a sua concepção do que deve ser a "boa vida", esquecendo-se do modo de viver da família considerada.

Com certeza você já leu e ouviu falar a respeito dos diferentes países da América Latina, conhece-os ou neles vive. Talvez já tenha emitido juízo sobre eles e sua gente, ou teve sua atenção despertada para o que diziam do seu próprio país.

O que ocorre é que cada um de nós, cada família, cada cultura, tem seu padrão para medir e julgar. Esta escala é dada pelos valores.

O conceito de "valor" tem sido motivo de preocupação para filósofos, psicólogos, sociólogos e antropólogos.

* Para maior expressão, algumas das perguntas que introduzem este capítulo foram adaptadas a fim de refletirem tradições brasileiras. N. do T.

Os filósofos definiram, classificaram e hierarquizaram os valores. Os psicólogos exploraram os valores individuais, procuraram formas de medi-los e empenharam-se em estabelecer uma relação entre eles, bem como a motivação do comportamento humano.

Os sociólogos deram ênfase à função integradora dos valores e assinalaram sua importância como elementos inerentes aos problemas sociais.

Os antropólogos negaram a universalidade dos valores, destacando sua variabilidade conforme a cultura.

Os valores também atraem o interesse dos que se dedicam ao trabalho educacional. Antes de planejarem qualquer ação, sentem eles ser necessário identificar os desejos das pessoas ou dos grupos com que trabalham. Para isso, é preciso que saibam descobrir os valores por eles cultuados, já que estes servem de "base" sobre a qual se assenta a vida social.

Mas... Que são valores?

Coisas?

Conceitos?

Idéias?

Normas?

Práticas?

Critérios?

Princípios?

Valores são tudo isso. "São jogos entrelaçados de noções, conceitos e práticas aos quais se associam sentimentos fortes" (10, p. 95). "São as predisposições mentais e emocionais que ajudam as pessoas a julgarem a importância das coisas, idéias ou acontecimentos" (15, p. 969).

Fichter acrescenta que "é possível definir valores como os critérios segundo os quais o grupo ou a sociedade avaliam a importância das pessoas, padrões, metas e outros objetos sócio-culturais...; valores são, pois, os critérios que dão sentido à cultura e à sociedade em geral" (29, p. 294).

"Valores são coisas em que as pessoas estão interessadas; coisas de que necessitam, que desejam ser ou chegam a ser; que sentem como algo obrigatório, que cultuam e usufruem. Valores são modos de organizar a conduta, princípios significativos e afetivos que guiam o comportamento humano" (78, p. 375).

"O homem cultiva certas idéias ou crenças a que chama de seus valores. Estas idéias contêm ou expressam o juízo que se faz do valor relativo ou da importância das coisas" (18, p. 42).

Pode-se chamar de valor a "um elemento de um sistema simbólico e partilhado que serve de critério ou padrão para a seleção de alternativas de orientação intrinsecamente abertas em determinada situação" (60, p. 12).

"O valor de algo é a medida em que este é desejado comparado a outra coisa" (36, p. 157).

Das definições acima, podemos extrair algumas características dos valores:

- são importantes, não triviais;
- possuem o significado atribuído pelas pessoas;

- envolvem sentimentos e emoções;
- são conceitos sobre modos, meios e fins de ação desejáveis ou indesejáveis;
- estão associados a preferências, escolhas e juízos;
- ajudam a escolher aquilo que esperamos nos satisfaça;
- estimulam e guiam a conduta;
- conferem organização e direção ao comportamento.

Valores individuais ou sociais?

“Valor é o conceito daquilo que é explícita ou implicitamente desejável, próprio de um indivíduo ou característico de um grupo, que influi na seleção de modos, meios e fins de ação disponíveis” (43, p. 395).

“Valores sociais são tudo aquilo a que os membros de uma sociedade atribuem grande importância e que os leva a padronizar seu comportamento” (29, p. 8).

Fichter, ao definir “uma sociedade”, deixa implícito o conceito antropológico da variação dos valores conforme a cultura. Segundo esse conceito, nem todas as sociedades julgam com base nos mesmos critérios. Bougle afirma que “o juízo de valor, além de indicar minhas preferências pessoais, mostra os tipos de realidade que dominam a sociedade em que vivo” (7, p. 16).

Nem sempre, porém, há dentro de um grupo acordo sobre valores. “A adesão a diferentes valores, ou a valores opostos, e sua divergente hierarquização podem gerar conflitos entre os membros de um grupo e entre grupos”. Christensen nos diz que “é possível identificar vários tipos de conflitos de valores: a) entre normas dentro da cultura geral; b) entre normas da família e da sociedade; c) nas expectativas e realizações; e d) entre valores cultuados pelos membros de uma família” (15, p. 988).

- Os valores podem ser individuais ou partilhados por um grupo (valores sociais).
- Um indivíduo, grupo ou sociedade pode ter valores ambivalentes e/ou opostos.

Valores materiais ou imateriais?

“Assumimos a definição de valor como a atitude tomada por um indivíduo ou um grupo diante de um objeto — material ou imaterial, real ou fictício — que se considera digno de escolha, a tal ponto que, com relação ao comportamento das pessoas que assim o vêem, o valor adquire uma qualidade de *dever*” (65, p. 5).

“Os valores agrupam-se em torno de: (1) atividades e atitudes que atendem às necessidades do grupo ou a uma parcela grande ou dominante deste; (2) formas de vida transformadas em hábito ou rotina, que requerem pouco ajustamento cotidiano; ou (3) um entrelaçamento tão forte com outros elementos da cultura que um distúrbio em alguma parte do complexo ameaça as demais” (36, p. 157).

- O conceito geral de valores vai muito além do material.

Muitas tentativas no sentido de classificar valores já foram feitas. Várias categorias se sobrepõem, pois cada pesquisador formulou a sua segundo seus propósitos. Há autores que sustentam a existência de valores universais que variam de intensidade conforme as culturas; outros propuseram grupos de valores e elaboraram tipologias; e outros mais

procuraram ordená-los segundo os países e classes sócio-econômicas, mas não há de fato uma classificação unanimemente aceita e comprovada.

A enumeração de valores encontrada com maior freqüência na literatura referente à administração do lar é a de Parker, a qual compreende: amor, saúde, conforto, ambição, conhecimento e sabedoria, tecnologia ou eficiência no trabalho, atividade criativa (recreação) arte e religião (59, p. 46).

Allport, Vernon e Lindzey, baseando-se na concepção de que os valores funcionam em situações de seleção e estão hierarquizados, de modo que qualquer pessoa pode classificar um valor segundo o grau de importância que lhe atribui, desenvolveram um teste, tipo seleção obrigatória, para averiguar os valores que são mais importantes para o homem. A seleção é feita entre valores de seis grupos: teóricos, econômicos, estéticos, sociais, políticos e religiosos (3).

O teste foi padronizado para homens e mulheres dos Estados Unidos e vem sendo aplicado desde 1931. Nos últimos anos foi empregado em combinação com questionários especiais, a fim de averiguar até que ponto os valores por ele indicados se relacionavam com expressões verbais e práticas adotadas nas áreas familiares, tidas como refletoras de valores.

Os resultados obtidos por esse teste em alguns estudos longitudinais indicam pouca variação no tempo da importância das categorias de valores para as pessoas.

Como a publicação desse teste não foi autorizada em espanhol, é pouco provável que essa idéia tenha sido aplicada nos países latino-americanos. Seria interessante explorar a possibilidade de se elaborar e uniformizar um meio simples de identificar valores fundamentais na cultura latina.

Os valores mudam ou são permanentes?

Assim como não há acordo sobre a universalidade dos valores, tampouco o há quanto à sua mutabilidade. À procura de valores universais sucede a descoberta de variação na sua incidência e intensidade conforme os grupos. Embora haja valores que se mantêm mais ou menos estáveis durante a vida inteira da pessoa, a importância de cada um pode variar no decorrer desta.

“Os valores têm certa permanência e universalidade, enquanto as atividades sociais, as relações e as instituições em que se incorporam passam por constantes mudanças e ajustes, embora nem sempre claros e completos. Os valores são, de fato, a parte estável e uniforme da interação do grupo” (52, p. 2).

- Os valores persistem no tempo (têm profundidade histórica).
- Ocorrem em sistemas (padrões) próprios de indivíduos ou característicos de grupos.

Metas ou valores?

Para viver dentro de um estilo forjado por seus valores, as pessoas procuram satisfazer aspirações, fixando metas específicas. Estas podem ser bens que desejamos obter, serviços que desejamos receber, viagens que gostaríamos de fazer.

Satisfeito o desejo, este deixa de existir e pode ser substituído por outro.

Os valores não são nem aspirações nem metas. Permanecem mais ou menos estáveis durante a vida inteira da pessoa, embora sua importância possa variar. As aspirações são mais passíveis de mudança. Podem modificar-se porque foram realizadas, pelo efeito de alterações produzidas pela evolução da pessoa ou em consequência de crises e de reavaliação.

As metas intermediárias para realizar as aspirações devem ser propostas e atingidas, se o objetivo for chegar-se ao desejável, que é determinado pelos valores.

Em estudos sobre níveis de satisfação de famílias norte-americanas, verificou-se que aquelas que conseguiam expressar com clareza suas metas (preponderantemente econômicas) evidenciavam maior satisfação de seus desejos do que as que não expressavam metas específicas.

É provável que a corrida após os valores que se deseja satisfazer seja constante, visto que eles representam estados gerais que nunca atingimos plenamente, ainda que em dado momento desfrutemos alguns, como a saúde e a tranquilidade. Uma vez que a procura é constante, é difícil medir-se a consecução dos valores; o estabelecimento e a conquista de metas específicas permitem-nos sentir o progresso por partes ou em etapas curtas que nos aproximam da sua concretização.

“É claro que os valores não são, em si, metas ou objetivos de ação e pensamento social. Não são as coisas que se procuram, mas sim o que lhes dá importância. Usamos os valores como normas ou critérios para indicar as metas e objetivos” (29, p. 301).

“Os valores não são metas específicas de comportamento, senão aspectos dessas metas. Aparecem como critérios para a seleção de metas e como as implicações que as metas têm em determinada situação. O conceito de valor penetra as metas, motivações e condições próprias de uma ação continuada” (43, p. 429).

- Os valores influem no comportamento quando desempenham suas funções no sentido de definir a situação em que estão implícitas ação, seleção, orientação e decisão em matéria de metas.
- Os valores não são metas concretas de ação e sim critérios para a seleção de metas.

Valores e padrão de vida

Se os valores orientam as escolhas que as pessoas fazem, é fácil concluir que o padrão de vida destas pessoas reflete seus valores.

Todo indivíduo possui um padrão de vida ideal, composto de todas as suas aspirações econômicas, sociais, educativas, religiosas e políticas. A combinação e integração das imagens mentais da vida desejável de cada membro da família fixará o padrão de vida da família. Este refletirá os valores familiares se os membros tiverem conjugado suas ambições e chegado a um acordo; tal não ocorrendo, aparecerão como padrões da família os desejos do membro mais proeminente do grupo.

O padrão representa tudo aquilo que a pessoa ou a família insiste em ter, isto é, os valores essenciais; guia a escolha entre alternativas quando procura o nível de vida mais próximo do desejado e, ao fazê-lo, determina o tipo de vida que tenta estabelecer com os recursos disponíveis.

Padrão de vida é aquilo que se deseja alcançar, o nível de aspiração de um indivíduo ou de uma família, reconhecido e aceito como um bem futuro.

O nível de vida é a situação atual de um indivíduo ou família; é como vive e é o que possui.

A diferença entre nível e padrão influi e pode chegar a determinar o comportamento humano; é o que preocupa o indivíduo, a família e a sociedade.

Que ocorre quando:

- o padrão de vida é mais alto do que o nível de vida?
Há motivação para trabalhar? Ou, se a diferença for muito grande, há desesperança e falta de incentivo?
- o nível alcança o padrão?
Diminui a motivação? Permanece com a mesma intensidade a fim de manter a situação? Modifica o padrão?
- o nível supera o padrão?
Há fastio?

Feliz ou infelizmente, são poucos os que podem alegar que sentem tal sensação por este último motivo.

Embora os valores certamente guiem a fixação dos padrões, também é verdade que, ao orientarem as escolhas, afetam o nível de vida, pois os valores determinarão o uso dos recursos disponíveis identificados pelas pessoas.

Maslow (51, p. 80-92) afirma, na sua teoria, que há nos seres humanos uma hierarquia de valores atuantes que requer certo grau de satisfação antes que seja possível considerar o atendimento das necessidades de um nível mais alto. Somente quando as necessidades básicas são satisfeitas, surgem as hierarquicamente mais altas. Maslow estabelece a seguinte ordem:

- 1 – Necessidade de ordem fisiológica, como fome e movimentação.
- 2 – Necessidade de segurança e manifestação de ansiedade causada por ameaças de vários tipos.
- 3 – Necessidade de amor, inclusive afeto, aceitação e sentimento de pertencer a alguém.
- 4 – Necessidade de estima, inclusive auto-estima baseada na confiança no próprio valor e capacidade, além da estima fundada na aprovação social.
- 5 – Necessidade de auto-actualização por meio de auto-expressão criadora em realizações pessoais e sociais; necessidade de sentir-se livre para agir, satisfazer a curiosidade e compreender o mundo.

A América Latina inclui, na sua população, gente que não se atreve sequer a sonhar. Segundo Maslow, as pessoas que vivem no nível de subsistência, ou abaixo deste, não seriam receptivas a inúmeras idéias novas. Como muita gente dessa região vive em tais condições, não causa surpresa que alguns de seus programas inovadores não tenham alcançado êxito.

Com freqüência, ao observarmos as coisas do nosso ponto de vista particular, apoiado por nossos próprios valores, não avaliamos bem e tampouco compreendemos os valores de indivíduos pertencentes a outras classes sócio-econômicas. Oscar Lewis propõe uma teoria da cultura da pobreza em que afirma que os pobres do mundo, não importa o país em que residam, têm muitas características comuns pelo simples fato de participarem da pobreza (49).

Valores: pontos de integração

A inter-relação de termos como critérios, normas e medidas, utilizados nas definições do conceito de valor, mostra-nos a sua função integradora.

“Valor subentende um código ou um padrão que persiste por algum tempo, ou que, em termos mais amplos, organiza um sistema de ação. De forma adequada e segundo o uso comum, os valores colocam objetos, atos, tipos de comportamento e metas de ação em uma escala contínua de aprovação e desaprovação” (43, p. 395).

“Os valores definem os limites permissíveis ao satisfazerem impulsos de acordo com uma série de metas pessoais hierárquicas e duráveis, com as exigências da pessoa e o sistema sócio-cultural, tendo em vista ordenar e respeitar os interesses alheios e do grupo como um todo na vida social. O enfoque de códigos ou padrões dá-se na integração de seu sistema social, tanto pessoal quanto sócio-cultural” (43, p. 399).

- Os valores representam fundamentos para aprovação ou desaprovação manifestos e descobertos em análises de palavras e ações, especialmente elogio e censura, prêmio e castigo, apoio e oposição.
- Podem ser explícitos ou implícitos (dados em juízo de valor ou inferidos do comportamento verbal e não verbal).
- Manifestam direção (são conseqüentes em ações repetidas).

De todo o exposto deduz-se que os valores centrais nos dão uma concepção do que é desejável (aspirações e desejos), orientam nosso interesse, nos fornecem critérios para a seleção de metas e guiam a tomada de decisão para atingir o objetivo.

Os valores determinam o estilo de vida e os meios lícitos para alcançá-lo.

“Os valores não são pesos mortos que nos oprimem... mas sim ímãs que atraem e absorvem nossos esforços” (7, p.37).



Gráfico 1. Incidência dos valores sobre outros aspectos da vida.

Que funções exercem os valores?

Das idéias expostas infere-se a importância que os valores assumem na vida humana. Bougle bem o define quando afirma que "demonstramos que os juízos de valor têm como função formular não as propriedades naturais das coisas, mas sim os desejos de seres que vivem em sociedade. Quer se trate de arte ou moral, religião ou economia, os valores apresentam-se ao indivíduo como normas segundo as quais deve dirigir sua propensão, orientar sua sensibilidade, hierarquizar suas tendências, pois eles definem as formas do ideal" (7, p. 147).

A enumeração mais explícita das funções exercidas pelos valores é a que Fichter faz (29, p. 301-302), quando diz que os valores:

1. Indicam formas ideais de pensamento e comportamento.
2. Atuam como guia na seleção e cumprimento de regras sociais.
3. Provêm meios para o julgamento do valor social de pessoas e grupos, facilitando assim a estratificação social.
4. Dirigem a atenção das pessoas para bens materiais que a sociedade considera úteis, desejáveis e essenciais.
5. Provêm meios de controle e pressão social.
6. Propiciam formas de solidariedade.

Além disso, os valores podem ser causa de conflitos sociais. Por defender seus valores ou por atacar os antagônicos, as pessoas brigam, as famílias se dissolvem, os grupos se desintegram, as nações entram em guerra.

Quem perpetua os valores?

Ao longo de suas vidas as pessoas vão tendo oportunidades e adquirindo experiências que as põem em contato com fatos que são expressão de valores. A aquisição de valores, a constituição de um sistema individual próprio, resultará de aprendizagem formal ou informal, de incorporação por adesão ou por oposição. Nos grupos sociais de que o homem participa, a família desempenha o papel mais relevante como difusora de valores. A ela cabe formular e manter um sistema de valores familiares.

Os nubentes levam para a família que vão constituir sua parte de bens materiais. Da mesma forma, contribuem com os elementos que sua experiência e sua bagagem intelectual e cultural oferecem. Acompanham-nos seu sistema de valores próprio, que costuma ser o reflexo de suas famílias, de seu status sócio-econômico, de seu nível educacional e do ambiente cultural a que pertencem.

Uma das primeiras tarefas do casal, da qual muito dependerão as outras, é formular seu próprio padrão de valores.

Noivos de origem afim, pertencentes aos mesmos grupos religiosos e étnicos, com experiências semelhantes de participação social, tendem mais a possuir escalas de valores parecidas. Em caso contrário, é mais provável que cada um leve para o matrimônio valores talvez antagônicos ou que ocupem diferentes posições na hierarquia.

Hoje em dia, os estudos formais, as viagens, os amplos meios de comunicação, a saída dos jovens para estudar ou trabalhar favorecem a difusão de valores de fora nas comunidades mais isoladas. Em geral, as distâncias materiais já não são mais barreira à expansão desses elementos culturais, o que coloca a família numa situação em que é forçada a

conciliar os valores antagônicos, de modo a evitar conflitos que atentem contra a sua unidade e provoquem sua dissolução.

A família, no entanto, cresce e à medida que novos membros surgem o casal se vê diante de outra tarefa: inculcar valores nos filhos.

Através da administração do lar, os pais criam situações para incentivar a formação de valores aceitáveis. Pelo processo de socialização, transmitem e procuram perpetuar os valores que integram o padrão familiar.

Entretanto, a diversidade dos valores, a amplitude dos meios de difusão e a variedade dos agentes de socialização colocam a família diante dessas novas alternativas:

1. Selecionar entre os novos valores que se apresentam.
2. Ordenar ou dar prioridade aos valores.
3. Suprimir os valores rechaçados.

As variações na intensidade e na ordem dos valores podem gerar conflitos de natureza familiar e interfamiliar.

Valores antagônicos ou ambivalentes colocam todos os dias a família diante de perguntas como estas:

- Deve o marido ajudar nas tarefas domésticas?
- A esposa pode trabalhar fora?
- É necessário que as crianças tenham dinheiro para gastar livremente?
- Os jovens podem decidir sobre suas vidas sem consultar os pais?

Da procura dos valores que sustentam a vida familiar surgirão os critérios norteadores das decisões relacionadas com as perguntas acima feitas.

Para descobrir seus valores, as famílias têm que formular e responder algumas perguntas. Por exemplo:

1. Por que a senhora trabalha fora?
Necessita de dinheiro para alimentar-se?
Deseja que seus filhos freqüentem a universidade?
Não gosta de cuidar da casa?
2. De que modo um objeto que se queira comprar afetará a vida da família?
Por sua utilidade?
Por sua beleza?
Pela admiração dos vizinhos?
3. Que faz com que a família se sinta orgulhosa?
Ver os filhos sempre limpos?
Ter filhos detentores das melhores notas na escola?
Ter filhos obedientes e responsáveis para prestarem serviço?

Se a família analisar seu procedimento dessa maneira, aproximar-se-á da compreensão dos próprios valores.

Estudo dos valores

Temos insistido em que os valores são elementos decisivos na vida humana, que movem nossa vontade e nossos esforços na direção de fins que eles ajudam a definir. Isto fará supor que seja fácil explicar aquilo que, em determinado momento, nos levou a decidir e a agir como o fizemos. Todavia, quem não se sentiu, muitas vezes, incapaz de

dizer por que fizera alguma coisa? Quem não se viu a braços com as conseqüências de uma decisão apressadamente tomada? Estes fatos mostram as dificuldades com que defronta o pesquisador para descobrir valores.

Se a pessoa tivesse consciência do conceito de "administrar", talvez pudesse identificar seus valores e aspirações. É difícil, porém, expressá-los oralmente, e muitas vezes o fazemos somente quando perdemos alguma coisa que considerávamos valiosa ou, então, diante do simples risco de perdê-la.

A importância de se conhecerem os valores das pessoas e dos grupos, para poder com eles e neles atuar, tem levado os pesquisadores a identificarem formas diretas ou indiretas com que tentam determiná-los. Tem-se igualmente procurado colocar as pessoas diante de situações artificiais, ou estudá-las em situações naturais que revelariam os valores subjetivos que as levam a agir.

Algumas formas propostas para a determinação dos valores baseiam-se em observações, em entrevistas, no emprego de medidas psicológicas ou na combinação desses recursos. Também se tem procurado comparar dados levantados de vários modos, de cujas diferenças se extraem as medidas da intensidade dos valores.

Como os valores não são imutáveis, este fato abre novas perspectivas ao pesquisador, pois se afigura de interesse o estudo dos valores ao longo do tempo, a fim de captar suas alterações, conhecer os que permanecem, saber como variam de intensidade e de que modo agem no dia-a-dia. Os estudiosos da família, diante do desafio de descobrirem as modificações que os valores sofrem através das diferentes fases da sua evolução, encontram nesses estudos uma possibilidade.

Como estudar os valores?

"O estudo do comportamento seletivo aparentemente oferece o método de pesquisa que melhor se adapta ao estudo dos valores" (43, p. 408). Uma forma simples e ampla de aplicar essa idéia consiste em dar ao indivíduo a oportunidade de selecionar entre os valores que figuram numa lista que o pesquisador quer hierarquizar.

No comportamento seletivo, é comum empregar-se a técnica da seleção forçada, por meio do qual se apresenta à pessoa um conjunto de itens (geralmente dois ou quatro itens) dentre os quais ela selecionará somente a resposta que mais condiz com o seu modo de ser, no caso de pares de itens, e a que contém as indicações que com maior ou menor fidelidade revelam o que ela é, no caso de quatro itens.

Uma forma de aplicar a técnica da seleção forçada seria a seguinte:

Dada a lista de valores que se pretende hierarquizar:

- a. formulam-se frases ordenadas em pares, de modo a permitir comparar situações que reflitam valores; a pessoa deverá indicar a sua preferência;
- b. formulada uma série de perguntas sobre múltiplas situações de experiência comum, apresentam-se pares de respostas socialmente aceitáveis entre as quais a pessoa indicará a sua posição.

Todavia, o emprego da seleção forçada para determinar valores apresenta alguns problemas:

- a dificuldade de tomar uma decisão diante de situações artificiais;
- a dificuldade de hierarquizar valores teoricamente e não na presença de um problema concreto;

- a dificuldade de hierarquizar valores de acordo com a pessoa a que estão ligados;
- a dificuldade de hierarquizar nos casos de igualdade de valores;
- o conflito que pode gerar na pessoa a obrigação de fazer uma escolha fora da sua cultura.

Não obstante os obstáculos apontados a respeito das dificuldades para a expressão verbal de aspirações e desejos, várias situações dão oportunidade a que se obtenham expressões que reflitam valores, seja por meio de palavras, seja através de atitudes e interesses:

- quando as pessoas se queixam, fazem críticas ou revelam problemas que gostariam de solucionar;
- quando destacam situações que desejariam eliminar ou mudar;
- quando tomam atitudes;
- quando aprovam ou desaprovam, recompensam ou castigam.

O estudioso dos valores deve permanecer atento a esses fatos e consigná-los, pois estes agem como indicadores de valores aceitos.

Em entrevistas orientadas, foi possível recolher o pensamento geral das esposas de 420 operários do estrato mais alto da classe baixa de quatro comunidades dos Estados Unidos (61). Como a nosso ver tal pensamento reflete valores, vamos comentar alguns resultados.

As senhoras não se dão conta de que iniciam ações; reagem quando o mundo as afeta e acreditam que, com sorte, seja possível evitar o desagradável. Em outras palavras, são passivas e não muito orientadas para mudanças. Tendem a olhar o mundo como caótico e potencialmente catastrófico. Seu prestígio e segurança concentram-se na casa e na família. Temem a solidão e o afastamento dos familiares.

Mesmo nos bons momentos, ficam ansiosas ante a possibilidade de se verem privadas de valores fundamentais, tais como segurança física, afeto e recursos financeiros. Para elas a vida tem caráter elementar, é rotineira e monótona, marcada por nascimentos, doenças e morte.

Duas aspirações básicas foram encontradas:

1. O desejo de diminuir a vulnerabilidade diante do mundo.
2. O desejo de alguma coisa bela ou menos monótona na vida.

Essas manifestações refletem valores de segurança, beleza e variedade, dentro de certos limites. Se tais valores são importantes para as mulheres dessa classe social:

Como resolverão elas seu conflito diante do desejo de satisfazer valores ambivalentes ou contrários?

Se temem invasões no seu pequeno mundo:

- Aceitarão os agentes portadores de outras idéias?
- Sairão de seus lares em busca de mudanças?
- Estimularão os filhos a fazerem novos contatos?
- Serão receptivas a mudanças?

Tal situação parece ser típica de um número grande de habitantes das comunidades rurais latino-americanas, onde aparentemente inexiste um valor ou atitude básica orientada para melhorar a administração, já que essas pessoas sustentam uma filosofia de vida que, ao limitar a receptividade ao que é novo, nega alternativas às seleções, reduz o poder decisório e dificulta o processo de "administração".

Uma técnica para estimular a verbalização de aspirações e preocupações é a escala de "auto-ancoramento" desenvolvida por Cantril (13, 14). Por meio desta, a pessoa indica

seus próprios limites na escala de aspirações e sua percepção do processo para alcançar o melhor e evitar o pior. Na referida escala, uma série de perguntas lhe é formulada, como por exemplo: "Para você, qual é a melhor vida possível?", ou, "para você, qual é a pior vida possível?" Imediatamente se apresenta à pessoa uma escala composta de dez degraus, em que zero representa a pior vida e dez a melhor, para que indique o degrau em que pensa estar no momento, aquele em que estava em determinada época e o que pensa ocupar dentro de determinado tempo.

Essa técnica foi testada em alguns países latino-americanos (Brasil, Cuba, Panamá e República Dominicana), a fim de determinar as aspirações pessoais e nacionais de uma amostra da população. Também foi utilizada em várias pesquisas com casais, nos Estados Unidos.

Num desses estudos procurou-se verificar até que ponto a técnica era útil para identificar as aspirações de casais unidos há relativamente pouco tempo e para averiguar suas atividades no sentido da realização das aspirações que verbalizavam (69).

Foram feitas entrevistas simultâneas e individuais com os homens e mulheres que formavam 100 casais, cujos chefes eram estudantes universitários. Através dessa técnica foi possível identificar suas aspirações e temores. Enquanto os homens deram ênfase ao desejo de melhorar seu nível de vida e manifestaram grande preocupação em não perder o nível alcançado, tanto na vida pessoal como na familiar, as esposas indicaram forte aspiração de uma vida familiar feliz e de oportunidades para os filhos. Ao mesmo tempo, mostraram-se temerosas de enfermidades, acidentes ou morte de membros da família.

Embora os casais tenham expressado aspirações semelhantes, observaram-se diferenças quanto à intensidade ou à prioridade dos valores refletidos pelas aspirações.

Cabe, aqui, este pensamento: em quantas famílias essas diferenças serão causa de conflito? Como as famílias solucionam os conflitos gerados pelas diferenças no sistema de valores de seus membros?

Outro meio empregado para abstrair valores em diferentes culturas é formado pelas técnicas projetáveis, dentre as quais se destacaram, pelo progresso alcançado, as situações hipotéticas ou os depoimentos incompletos que estimulam o indivíduo.

Um estudo destinado a explorar valores e estabelecer sua relação com a administração do lar baseou-se em situações semelhantes às que criam oportunidade de decisão para as donas-de-casa (26).

A seleção de situações ou depoimentos deve atender determinadas condições. No estudo que mencionamos, os critérios foram:

- a. a decisão implícita seria de importância para toda a família;
- b. a decisão incluir-se-ia entre as mais importantes que uma família tomaria;
- c. a decisão exigiria deliberação;
- d. a situação estaria relativamente desligada das restrições impostas pela inclusão numa classe sócio-econômica.

Os depoimentos referiam-se a uma família hipotética e eram apresentados numa seqüência abrangendo certo período da vida familiar. O objetivo não era conhecer as prioridades ou a intensidade de valores predeterminados, mas sim saber a opinião que as mulheres tinham a respeito do que era desejável.

Para analisar as respostas dadas, quatro tipos de valores foram definidos:

1. Tradicional: com os valores de segurança e produtividade.
2. Social: com experiências partilhadas e reciprocidade de afeto.

3. Autônomo: com reconhecimento e realização individual.

4. Orientado para mudanças: com novas experiências, riscos e diversão.

Uma vez que as respostas nem sempre guardavam uniformidade no tocante ao tipo de orientação, foi preciso que se criassem tipos mistos. Este fato mostra as dificuldades que surgem quando se pretende enquadrar as pessoas em tipologia definidas.

Por outro lado, cabe lembrar que poucas pessoas reagem da mesma forma diante de todas as situações.

A modificação das circunstâncias pode pôr o contexto numa relação específica com determinado valor e orientar o comportamento para um dado sentido.

Um dos primeiros esforços para comparar a administração do lar em diferentes classes sócio-econômicas foi realizado em 1951, com quarenta e seis mulheres representativas das classes baixa e média dos Estados Unidos (72).

Empregaram-se perguntas diretas e frases incompletas para identificar metas, as quais foram interpretadas como reflexo de valores. Para orientar a classificação, utilizou-se a lista de valores de Parker, mais o valor segurança. Todos estes apareceram nas respostas dadas pelas mulheres de ambas as classes. As da classe baixa atribuíram maior ênfase à saúde física, a uma casa melhor, à limpeza e a melhores bens, enquanto que as da classe média destacaram mais arte, saúde mental, recreação e participação em atividades fora de casa.

Esse estudo reforça o conceito de que há uma hierarquia de valores e de que estes podem variar de acordo com a classe sócio-econômica. Também estabelece a necessidade de se averiguarem, juntamente com os desejos, os valores de fato existentes, pois grandes disparidades podem surgir, nesta matéria, entre as classes sociais.

Pensemos: uma casa melhor a que se referem as mulheres da classe baixa será parecida com a casa que as mulheres da classe média possuem? É temerário fazer tal comparação.

A maioria dos estudos de valores e aspirações examina os conceitos de forma muito geral. É necessário chegar a um conhecimento mais profundo, se é que os resultados das pesquisas deverão ser utilizados para programar trabalhos e modificar condições.

Se, além das barreiras apontadas, se insistir na dificuldade que as pessoas encontram para externar suas atitudes e desejos, aumentará o valor dos esforços envidados no sentido de se descobrirem novas formas de estímulo à expressão oral, principalmente com relação as pessoas de menor grau de participação social e de nível inferior de educação formal.

Com a finalidade de obter alguma medida dos desejos das donas-de-casa de uma fazenda de café na Costa Rica, com vistas a orientar programas de extensão agrícola, foi preparada uma série de fotografias por meio das quais se procuraria conhecer suas preferências em matéria de equipamento de cozinha (55). Feito o inventário do material que possuía cada uma das trinta e cinco famílias aleatoriamente escolhidas entre as residentes na fazenda, mostrou-se a cada dona-de-casa a série de fotografias dos diferentes tipos de equipamentos para preparar, guardar e servir alimentos.

Para ordenar os dados e levantar as áreas necessitadas de atenção, foram estabelecidas categorias para o equipamento, combinando-se a percentagem das donas-de-casa que o possuía, a que o desejava e a que o dispensava. A posse e as aspirações foram levantadas diretamente nas respostas. Como índice de recusa consideraram-se os casos em que as donas-de-casa não possuíam e tampouco expressavam desejo de possuir tais facilidades.

Os resultados indicaram que água encanada era o item mais desejado e menos disponível no momento do estudo. No entanto, embora ocupasse o primeiro lugar na lista de prioridades, foi rechaçado por duas das trinta e cinco mulheres.

Talheres, louça e copos, ainda que desejados, eram itens possuídos pela maioria das donas-de-casa que indicaram aspirar a maior quantidade ou a outra qualidade. Das doze que haviam conseguido eliminar a fumaça de suas cozinhas, nove expressaram o desejo de adquirir um outro tipo de equipamento, com o que evidenciaram tendência para modificar seu nível de vida. Esta mesma inclinação foi revelada pelo desejo de uma quarta parte das donas-de-casa de trocar o armário que possuíam.

Por meio desse estudo foi possível observar o estímulo positivo que o uso de fotografias produz, dada a sua aceitação favorável pelas pessoas. A pesquisa também mostrou que esse método servia para aprofundar o conhecimento dos desejos referentes a uma área da vida familiar que fora superficialmente explorada.

Desconhecemos existência, na América Latina, de estudos integrados sobre os valores que os casais ou famílias possuem. A nosso ver, seria conveniente testar algumas das técnicas mencionadas, verificar seu grau de adaptação, ou estudar a elaboração de novas técnicas a fim de examinar os valores das famílias latino-americanas e seu funcionamento.

Uma vez identificados os valores e as aspirações, seria útil que se estudasse um grupo de famílias por longo tempo, para determinar as modificações que se operam no seu interior e as formas sob as quais o êxito ou o fracasso na realização dos desejos afetam a administração.

Experiências sugeridas

1. Leia sobre o tema "valores" em textos básicos de Filosofia, Psicologia, Sociologia, Antropologia e Economia.
Prepare um simpósio ou mesa-redonda em que se ressaltem os pontos de vista de cada uma dessas disciplinas sobre o conceito "valores".
2. Identifique os valores num romance de seu país que focalize aspectos da vida familiar.
3. Escreva uma dissertação sobre o que representa para você uma "boa vida".
4. Prepare uma lista dos valores presentes na sua própria família, que lhe pareçam importantes. Que evidências tem para fundamentar essa lista?
5. Compare sua lista com a de colegas. Como explica as semelhanças e diferenças?
6. Após uma discussão em grupo, procure formular uma lista dos valores que têm prioridade nas famílias de seu país. Agrupe-os, se necessário, por regiões, classes sociais ou outros subgrupos que considere importantes.
7. Descreva uma experiência passada na sua própria família em que os membros manifestaram um ou mais valores. Qual foi a situação? Houve acordo ou conflito? Quem participou? Como surgiu a situação? Que valor ou valores foram manifestados? De que maneira?
8. Com relação a um valor selecionado, indique algumas metas específicas que ajudariam a alcançá-lo.

9. Discuta a teoria de Maslow e suas implicações no trabalho de um agente de mudanças (professores, extensionistas).
10. Descreva experiências em que sua família pretendeu inculcar-lhe algum valor específico.
11. Descreva o método que você usaria para transmitir um valor a uma criança.
12. No texto são indicadas algumas perguntas que as famílias devem responder para descobrir seus valores. Acrescente outras.
13. Aplique a escala de "auto-ancoramento" de Cantril no estudo de um casal conhecido. Analise os resultados.
14. Sugira situações hipotéticas que lhe pareçam adequadas para obter uma descrição do que é desejado pelas famílias de seu país. Se possível, teste as situações com uma família, descreva e comente os resultados.
15. Proponha métodos para ajudar as famílias a cumprirem cada uma de suas responsabilidades relativamente à perpetuação dos valores.

CAPÍTULO II

RECURSOS

Se eu tivesse dinheiro...

Eu o faria, mas não disponho do material necessário...

Eu gostaria de realizar algo semelhante, mas não tenho habilidade...

Todos nós não só já ouvimos esses comentários como também passamos pela experiência de não satisfazer algum desejo pela falta de dinheiro, habilidade ou material. Quantas vezes ficamos na metade do caminho por falta de "recursos"?

Recursos são os meios ou "ferramentas" disponíveis e utilizáveis na realização das aspirações. Embora haja de nossa parte tendência para limitar o reconhecimento deles, todos nós possuímos recursos: os indivíduos, as famílias, os países.

Há recursos disponíveis a nível mundial, embora nem sempre ao nosso alcance. Há recursos cujo uso é aceito por uma cultura e vedado por outra. As diferentes comunidades oferecem variados recursos para uso das famílias. Mas para que isso aconteça, é necessário que a família se conscientize da sua existência, assuma uma atitude positiva no tocante à sua utilização, tome decisões e aja no sentido do seu uso. Antes da utilização vem a percepção. Quando identificamos algum elemento que nos faz falta, poucas vezes pensamos na forma de obtê-lo ou supri-lo. Mas se esse desejo for muito forte, somos motivados a procurar a maneira de satisfazê-lo, mesmo que um ou mais recursos faltem ou sejam escassos.

A importância que os recursos assumem quando tentamos alcançar nossas metas nos faz sentir a necessidade de determinar os que estão disponíveis, como podemos obtê-los e usá-los, evitando desperdício.

Tradicionalmente, o conceito de recurso vem associado à imagem de dinheiro e de recursos naturais. De fato, estes são recursos, e importantes. Sua ausência ou escassez, porém, só modifica a maneira de satisfazer os desejos. Não os elimina, nem de forma alguma anula a possibilidade de concretizá-los. Procuraremos classificar os recursos segundo nosso ponto de vista, que tem como ponto central a família.

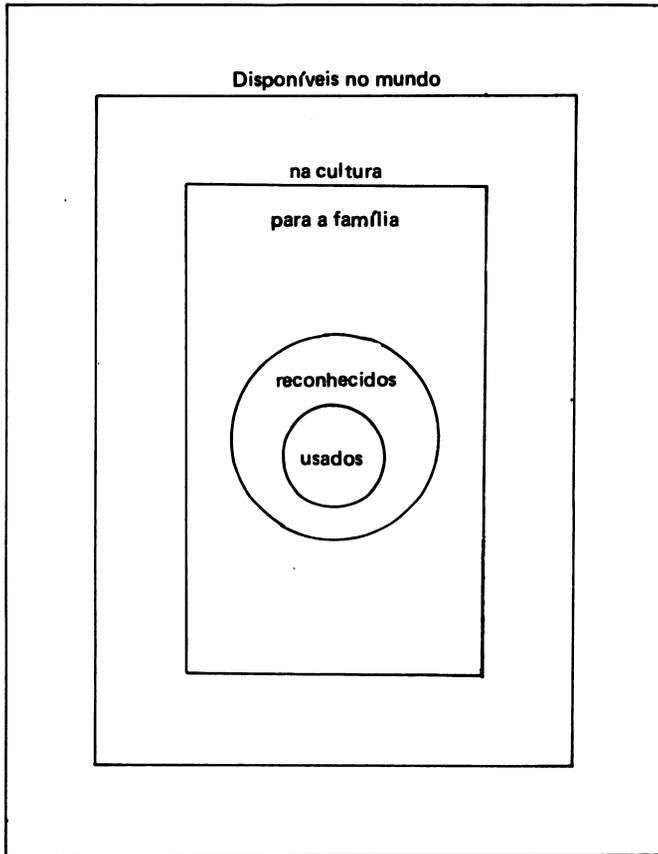


Gráfico 2. Disponibilidade dos recursos

Uma classificação inicial levar-nos-ia a situá-los como familiares e extrafamiliares ou comunitários. Os primeiros são exclusivos da família, por direito, posse ou consequência das condições pessoais de seus membros, e podem ser livremente utilizados. Os últimos, embora passíveis de serem usados pela família, não são do seu domínio exclusivo.

Tanto os recursos familiares como os extrafamiliares podem subdividir-se, por sua vez, em humanos e materiais. Os recursos humanos, compostos de aspectos físicos, intelectuais e psicológicos, são inerentes às pessoas. Os recursos materiais podem ser oferecidos pela natureza, ou obtidos, extraídos ou elaborados mediante a aplicação da ciência e da técnica.

De forma esquemática poderíamos exemplificar a sua classificação de acordo com o Quadro I apresentado a seguir.

QUADRO I
Classificação dos recursos

HUMANOS	MATERIAIS
<p>FAMILIARES Para cada membro da família:</p> <ul style="list-style-type: none">a. Estado de saúde.b. Conhecimentos, habilidades e destrezas relacionadas com as atividades domésticas.c. Conhecimentos, habilidades e destrezas relacionados com motivação, técnicas de comunicação e coordenação que estimulam ou impedem a participação nas atividades familiares.	<p>Bens de posse da família ou à sua inteira disposição, tais como casa, utensílios, ferramentas, roupas, alimentos, móveis, terra, lenha, animais, dinheiro.</p>
<p>EXTRA-FAMILIARES As contribuições que em um ou mais dos aspectos mencionados podem ser dadas por pessoas estranhas à família, sejam profissionais ou não, independentes ou pertencentes a alguma instituição.</p>	<p>Bens disponíveis sob a forma de empréstimo, aluguel, taxa, imposto ou regalia. Facilidades públicas ou comerciais da comunidade, tais como parques, casas comerciais, água, eletricidade, hospitais, igrejas, bancos, escolas.</p>

Entre os recursos humanos incluímos as condições que podem afetar a capacidade de ação das pessoas, a qual se apresenta com três grupos de componentes: físicos, mentais ou intelectuais, e pessoais ou psicológicos.

Os componentes físicos incluem a estrutura do corpo, a agilidade, a força e as necessidades de energia metabólica.

Os intelectuais abrangem os conhecimentos e as habilidades mentais.

Quanto aos pessoais ou psicológicos, neles se incluem, tradicionalmente, as atitudes, interesses, crenças, opiniões e sentimentos.

Não obstante alguns autores terem classificado as atitudes e os interesses entre os recursos humanos, não cremos que estes atendam plenamente às características dos recursos. Cremos mais que sejam aspectos da personalidade baseados nos valores. Agem mais no papel de motivadores do que no de recursos, exercendo sua influência como fundamento daquilo que desejamos e como impulso da nossa forma de proceder em relação ao que possuímos.

Ainda que as amplas categorias de recursos possam funcionar numa ou noutra cultura, os elementos que as constituem variam segundo a cultura.

— Os mercados costumam oferecer artigos diferentes.

Se a oferta corresponder aos mesmos elementos disponíveis em outra parte,

possivelmente variarão o nome, o preço, a apresentação, a estação em que são produzidos ou usados, e a durabilidade.

- O valor atribuído a cada recurso em relação a outros pode mudar. É “melhor” que as jovens estudem para ter uma profissão ou que aprendam a desempenhar bem as tarefas domésticas?
- Muitas vezes há destrezas e habilidades humanas que em determinada cultura não se desenvolvem porque a situação não o exige. Há regiões em que a família não precisa preocupar-se com a sua proteção contra o frio.
- As instituições desenvolvidas em cada sociedade também variam. Algumas oferecem facilidades públicas para comunicação, recreação ou serviço médico; outras delas carecem, seja por falta de dinheiro, de profissionais capacitados ou de interesse em mantê-las.

Características dos recursos

Ressaltada a forma sob a qual diferentes fatores incidem sobre os recursos, registraremos algumas das características comuns destes. Os recursos são: escassos, variáveis, substituíveis, mutáveis, perceptíveis, podendo aparecer entrelaçados numa situação.

Recursos escassos

Os recursos não se apresentam em proporções ilimitadas. Se assim fosse, não haveria problemas no seu uso. Este é um argumento a favor de que se deixem de lado, na classificação dos recursos, as atitudes e os interesses que estão relacionados com os valores e não são limitados, mas sim positivos ou negativos, distribuídos em uma linha contínua com variação de grau e não de quantidade.

Recursos variáveis em quantidade e qualidade

Embora limitada, a quantidade de cada recurso varia. Algumas pessoas ou famílias têm mais do que outras.

Os recursos também podem ser colocados em uma escala que gradua diferentes qualidades.

- O mesmo prato preparado pelas mãos de sua mãe, de uma cozinheira experiente ou de uma recém-casada que se inicia na arte de cozinhar lhe parece igual?
- Você tem notado que as roupas estão mudando de aparência?
- Você seria capaz de consertar seus sapatos tão bem quanto o sapateiro?

Cozinhar, costurar ou consertar sapatos são trabalhos que podem ser feitos por vários tipos de pessoas, mas o que possivelmente fará diferença no caso é a destreza no desempenho.

Também pode ocorrer que os recursos materiais à nossa disposição sejam de diferente qualidade.

- A casa de taipa é igual à de cimento?
- Há diferença entre o ferro de engomar a carvão e o elétrico?
- É a mesma coisa andar por uma rua de terra ou por uma de asfalto?

Os exemplos referem-se a casas, ferros de engomar e ruas, porém há entre eles diferenças de qualidade.

Fatores associados à variabilidade dos recursos. Via de regra, além da cultura, também as subculturas afetam a presença e o uso dos recursos.

- Famílias de diferentes estratos sócio-econômicos dispõem de diferentes bens materiais e de diferentes recursos financeiros para obter bens e serviços.
- Se uma senhora trabalha fora, os recursos disponíveis e utilizados variarão em confronto com os de outra que só se ocupa da casa.
- Famílias rurais e urbanas diferem nos recursos disponíveis, especialmente no tocante aos serviços oferecidos pela comunidade e ao desenvolvimento de certas habilidades e destrezas pessoais.
- O desenvolvimento progressivo da família oferece muitas perspectivas favoráveis à variação dos recursos disponíveis.

Recursos substituíveis

Até certo ponto é possível substituir um recurso por outro. Esta característica alivia a pressão imposta pelas limitações de quantidade e qualidade.

- A mãe novata não aprende a vestir o filho, esforçando-se mais no princípio para dar cumprimento a esta tarefa?
- Não fica mais fácil a lavagem de roupa quando há dinheiro para comprar uma máquina de lavar?
- Suas panelas não reluzirão igualmente se, na falta de uma pasta especial, você utilizar sua força para esfregar?

Nesses casos, dinheiro e força são os recursos que suprem uma necessidade.

Recursos mutáveis

Os recursos podem ser modificados ou ampliados de várias maneiras. Se a família está cônica de toda a gama de recursos disponíveis, estará menos propensa a usá-los mal ou não usá-los por falta de identificação. Quando se empregam os recursos em combinações ou configurações originais e criativas, estes poderão ser aumentados.

Que diferenças observa a família em uma filha de 16 anos em relação à sua idade pré-escolar? Talvez ela agora leia e escreva corretamente; talvez cozinhe, costure e borde. Possivelmente terá aprendido danças e canções folclóricas. A aquisição de novos conhecimentos, de habilidades e destrezas aumenta os recursos disponíveis.

Sob o aspecto material, os recursos se alteram quando novos bens são adquiridos, nas mudanças de residência, na troca da fonte de renda. Se nos transferimos da montanha para uma zona de mata, variará o volume da lenha que podemos juntar? Quando o vizinho agradecido lhe dá de presente uma vaca, quando o filho traz móveis novos para a casa, estão contribuindo para aumentar os recursos que a família empregará.

A cultura pode agir de várias maneiras, limitando as possibilidades de mutabilidade:

- A sociedade pode ser mais ou menos móvel. O grau de mobilidade pode estimular ou sustar as mudanças. Numa sociedade estável não se obterá tanta vantagem da mudança de situação quanto numa sociedade móvel.
- As possibilidades que a família tem de mudar de residência estão relacionadas com a organização familiar; uma família extensa tem menos perspectivas de deslocar-se do que uma nuclear.
- A divisão do trabalho pode ser mais ou menos rígida, criando obstáculos ou alterando o uso dos esforços e habilidades das pessoas.

Recursos perceptíveis

Os recursos são passíveis de serem ou não serem percebidos, podendo igualmente haver diferentes graus e períodos de percepção.

A percepção dos recursos, a consciência que a família adquire da sua existência, é que torna "aproveitáveis" os recursos "disponíveis". Numerosos bens podem estar "disponíveis", mas se a família não estiver cônica da sua existência, ser-lhe-á impossível usá-los ou só inconscientemente o fará.

Pensem os:

- Reconhecemos sempre as nossas habilidades ou as de outros membros da família? Já não lhe ocorreu que, pressionado pelas circunstâncias, se viu a fazer coisas de que não se julgava capaz? No momento em que você se dá conta disso, talvez tenha descoberto uma habilidade ou destreza.
- Até que ponto a família identifica as facilidades que a comunidade oferece? Quantas mulheres ignoram ou esquecem que há um grupo de donas-de-casa com as quais podem aprender a desincumbir-se melhor dos trabalhos domésticos?
- Há bens que estão guardados sem aproveitamento ou com pouco uso?
- Por que muitos jovens deixam seu pedaço de terra e procuram o sustento num emprego assalariado na cidade?

Recursos entrelaçados

Os recursos não são utilizados isoladamente. Cada um deles é empregado guardando alguma relação com os demais. O maior ou menor aproveitamento dos recursos obedece aos direntes graus e formas de combinação. Para muitas pessoas, a primeira atitude que lhes vem à mente tomar, no tocante a recursos, é a de "poupar", guardar os elementos escassos para uso futuro. Entretanto, nem todos os recursos são duráveis. O dinheiro muda de valor, o corpo envelhece, as forças diminuem, os gêneros armazenados deterioram-se pela ação da poeira, da umidade e dos insetos. Os professores podem mudar ou morrer.

Por isso, embora a disponibilidade de recursos seja importante, seu aproveitamento não o é menos. Se as famílias adquirirem consciência de todos os recursos disponíveis e analisarem os limites e alcances possíveis de seu uso, será mais fácil encontrar a forma de aproveitá-los em conjunto para satisfazer os desejos.

Que afeta o aproveitamento dos recursos?

Sua percepção. O reconhecimento da existência do recurso é importante. Quem poderá decidir sobre o uso de uma ferramenta se não perceber sua presença nem conhecer sua utilidade? Às vezes a consciência da presença de algum recurso forma-se espontaneamente como fruto da curiosidade ou da necessidade; em outros casos, um agente externo pode fazer com que a família se conscientize de algum elemento que pode utilizar.

Atitudes diante dos recursos. Vistas como disposições para agir, as atitudes afetam o reconhecimento e o uso dos recursos. Todos nós adotamos atitudes em relação a outras pessoas, ao dinheiro, à casa, às diferentes atividades ou à aquisição de conhecimentos. Nossas atitudes e interesses podem incentivar, impedir ou orientar um outro uso para os recursos.

Conhecimentos ou informação global disponíveis. A soma dos conhecimentos disponíveis cada dia que passa aumenta mais. Descobrem-se coisas novas, novos usos para as antigas, diferentes maneiras de cuidá-las e novos princípios de interação com as pessoas.

A existência de maior informação e de disposição positiva para usá-la facilita o aproveitamento dos recursos, uma vez que muitos são menos manipuláveis por pouco sabermos a seu respeito. É claro que grande parte da informação que se encontra disponível não o está, porém, a nível familiar.

Como estudar os recursos

Para compreender os recursos que as famílias utilizam e como o fazem, foram realizados estudos que se propunham a descobrir as normas ou padrões de uso mais comum ou que são adotados pela "média" das famílias.

Devido aos múltiplos fatores associados ao uso dos recursos, é muito difícil encontrar famílias dotadas de condições suficientemente homogêneas de modo a usá-las como objeto de pesquisa. A América Latina ainda não oferece muitos exemplos que preenchem essas condições.

Por outro lado, mesmo que procuremos estudar cada recurso isoladamente, a fim de chegar ao seu conhecimento mais profundo, seu entrelaçamento com outros torna difícil separá-lo. Além disso, o que importa descobrir é o padrão de uso conjunto.

A inter-relação dos recursos permite que se examine a situação familiar partindo de qualquer um deles. A escolha do recurso poderá ser orientada pelos valores da cultura onde o estudo é feito ou pelos valores e propósitos do pesquisador. Assim, corresponderá ao dinheiro, aos serviços, aos bens ou a qualquer outro recurso dar origem ao estudo integral.

Dinheiro

Os estudos levados a efeito em países desenvolvidos e em áreas urbanas deram ênfase às pesquisas relacionadas com o dinheiro, visto como meio de mudança para a obtenção de quase todos os bens e serviços.

Na América Latina o estudo dos recursos a partir do uso do dinheiro apresenta limitações e afeta a confiabilidade dos dados. São várias as causas que incidem sobre esse aspecto:

- O valor instável da moeda que torna difícil qualquer comparação.
- A elevada percentagem da população rural que não participa ativamente do mundo dos negócios e a insuficiência de técnicas para avaliar despesas e receitas não monetárias.
- A alta percentagem de analfabetismo que, em alguns países, dificulta o registro de dados.
- O temor aos agentes do governo e à taxaçoão de impostos que leva as pessoas a prestarem informações falsas ou a se recusarem a participar nos estudos.

Bens e serviços

Os estudos sobre níveis de consumo e níveis de vida representam um exame dos recursos baseado na existência de bens e de determinados serviços na comunidade. Embora proporcionem dados úteis para a compreensão da administração do lar, não oferecem um quadro completo da situação.

Esses relatórios tendem a ser numéricos e a:

- Indicar a quantidade e raras vezes a qualidade dos bens possuídos.
- Consignar às vezes só a sua presença e não a sua quantidade.
- Averiguar os bens familiares e não mencionar a disponibilidade de alguns sob a forma de troca ou aluguel.
- Não analisar o uso de bens possuídos, alguns dos quais poderão estar presentes, ainda que seu uso seja pouco ou nenhum.
- Formular índices gerais que podem apontar diferenças entre famílias, mas sem fazer um inventário completo (poucas vezes, por exemplo, incluem o material básico utilizado no preparo de alimentos).
- Fazer pouca menção ao aspecto humano, à habilidade e aos conhecimentos de quem utiliza os bens.
- Não considerar as atitudes diante dos bens, embora com frequência levem em conta as atitudes em relação aos serviços da comunidade.

Moradia

Na América Latina, uma abordagem aparentemente proveitosa da pesquisa de recursos é aquela que tem por base o estudo da moradia, do seu conteúdo e das atividades desenvolvidas no seu interior.

Há fatores que se aplicam à matéria, já que a moradia:

- Fornece o cenário para a maioria das atividades familiares que em outras culturas se desenvolvem fora de casa.
- Abriga a maioria das posses das famílias.
- É em si um valor, sendo fácil motivar uma conversaçoão a seu respeito.

Esses aspectos fazem com que os dados obtidos, tanto no nível real como no ideal, ofereçam certa garantia de confiabilidade.

Experiências sugeridas

1. Selecione estudos sobre receitas e despesas no seu país ou em setores dele. Esse trabalho pode começar pela consulta à lista publicada pelas Nações Unidas(71); a publicações oficiais (seção de estatísticas e censo); a estudos patrocinados por bancos, associações ou outros grupos ligados ao setor econômico. Se houver disponibilidade de dados, componha quadros, a fim de comparar os recursos em dinheiro de diferentes subgrupos de famílias em distintas épocas.
2. Selecione estudos sobre níveis de consumo e níveis de vida em seu país (por exemplo, 16, 48, 66).
Ordene, compare e comente os dados disponíveis.
Indique os outros tipos de dados que seriam úteis à compreensão dos recursos familiares.
3. Selecione estudos sobre moradia no seu país. (Por exemplo, 19, 47 e o catálogo do CINVA – Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento, Apartado Aéreo 6209, Bogotá, Colômbia).
Procure classificar a informação disponível, indicando a qualidade da construção, assim como a quantidade e a distribuição do espaço disponível para as atividades domésticas. Indique os outros tipos de dados que seriam úteis à compreensão do uso que se dá à moradia.
4. Classifique os recursos humanos familiares disponíveis de uma família conhecida.
5. Com relação a essa mesma família, indique os recursos extrafamiliares por ela utilizados.
Procure averiguar por que a família lança mão deles, os problemas que encontra ao empregá-los e se há outros que utilizaria caso estivessem disponíveis.
6. No tocante aos bens materiais familiares, planeje o inventário de um dos itens indicados no quadro. Trace o plano necessário (é facultado o trabalho em grupo). Se possível, aplique o formulário elaborado em uma casa conhecida. Aponte as vantagens e desvantagens de se proceder a um inventário. Sob que condições recomendaria a elaboração de inventário? (Se possível, esse inventário deverá incluir quantidade e qualidade, além da simples menção do bem).
7. Compare os recursos de que diferentes famílias dispõem, aproveitando o que foi descoberto pelos colegas de classe em trabalhos anteriores.
Destaque as semelhanças e variações, e assinale os fatores associados às variações.
8. Cite casos reais de substituição de recursos, passados na sua família ou em outra conhecida.
9. Quais os recursos que a seu ver são menos reconhecidos pelas famílias? Justifique sua resposta.
10. Proponha métodos para ajudar as famílias a reconhecerem todos os recursos disponíveis.
11. Proponha métodos específicos para ajudar as famílias a aumentarem seus recursos.

CAPÍTULO III

TEMPO

Como corre o tempo...

O que eu não faria se tivesse tempo...
Tempo é dinheiro!

Em nossas manifestações diárias aparece continuamente o conceito “tempo”. De todos conhecido, é um fator invisível que exerce influência sobre todas as atividades humanas.

O tempo de que dispomos é fixo, porém sua percepção é variável. Esta difere de acordo com a área de conhecimento; cada disciplina — Filosofia, Geologia, Linguística, Astronomia, Física, História, Psicologia, Antropologia e Sociologia — nos oferece diferentes imagens do tempo. Em geral, o conceito de tempo é variado e vago.

Tempo é recurso?

De acordo com a teoria tradicional da administração do lar, o tempo é um recurso escasso e susceptível de ser alternativamente usado, que as famílias manipulam para satisfazer seus desejos. Para alguns autores representa um recurso material, já que está fora do ser humano, disponível para todas as pessoas na mesma proporção. Para outros, é um recurso humano, pois seu aproveitamento depende do uso que os indivíduos façam dele.

Embora provavelmente seja verdade que o tempo funciona como recurso em algumas situações e que as famílias podem manipulá-lo com maior ou menor efetividade, esta conceituação não parece bastante ampla para explicar como o fator tempo penetra na totalidade das situações da vida.

Identificar o tempo como recurso é limitá-lo, e por várias razões:

- Porque a concepção do tempo como um recurso à parte e não como um fator integrado na cultura o isola da pessoa que age dentro dele.
- Porque restringe as oportunidades de se compreender o significado que o tempo adquire nas diferentes culturas.
- Porque suprime o dinamismo característico do tempo. Mesmo que pudéssemos forjar a visão de um ponto estático no tempo, não deixaríamos de reconhecer o movimento como qualidade sempre presente nele.

Como considerar o tempo?

Uma abordagem da compreensão do conceito de tempo é representada pela distinção entre tempo social e tempo público, a qual é fruto, basicamente, das diferenças na aplicação de medidas subjetivas e objetivas (68).

Tempo social é aquele vivido pelos seres humanos relativamente a fatos que lhes são significativos. O tempo público é medido, independentemente dos fatos, por meios tais como relógios e calendários que permitem a sincronização temporal com metas de ação e comunicação.

"... até agora nossa pesquisa descobriu que o tempo social, ao contrário do tempo astronômico, é qualitativo e não puramente quantitativo; que estas qualidades advêm das crenças e costumes comuns aos grupos humanos e que servem para revelar os movimentos e pulsações das sociedades em que se encontram" (68, p. 625).

A importância atribuída ao tempo social é demonstrada por Sorokin e Merton quando sugerem que este conceito deve acompanhar, e mesmo superar, o conceito de tempo astronômico nas pesquisas de dinâmica social (68, p. 628).

Qual é a perspectiva própria do tempo?

A perspectiva do tempo inerente a uma cultura, uma família ou um indivíduo é a concepção do seu presente em relação ao seu passado e ao seu futuro (67, p. 531-532).

Para Kluckhohn, a ênfase atribuída ao tempo passado, presente ou futuro representa um aspecto do conjunto que orienta os valores (44). Frank diz que preceitos tradicionais, tais como planejamento, cálculos prudentes e moderação, são consequência das perspectivas do tempo em que os acontecimentos imediatos são percebidos e nas quais os fatos hoje importantes diminuem de força e dimensão porque são vistos em confronto com dias remotos de necessidade, veihice e associação com a vida eterna (35, p. 343). Em outras palavras, a percepção das ocorrências do presente é consequência da intensidade, força e dimensão no tempo com que vemos os fatos passados e futuros.

Combinando-se as idéias de Frank e Kluckhohn, seria possível representar as culturas e as famílias segundo a perspectiva do tempo e, em seguida, predizer os tipos de práticas com ela relacionadas.

Se considerarmos a altura da barra como a intensidade com que se percebe o tempo, poderemos traçar gráficos como os seguintes e muitas outras variações:

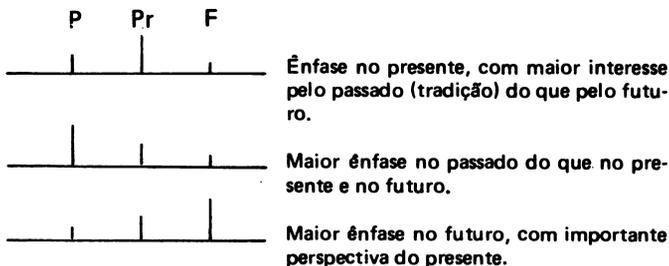


Gráfico 3. Intensidade relativa da perspectiva do tempo.

Até onde chega a visão? A extensão da visão do tempo também é importante, pois ela pode incidir sobre o planejamento, a utilização dos recursos e a maneira como se aceitam as sugestões.

Se quisermos projetar graficamente a visão do tempo, esta nos será dada pela longitude das linhas horizontais. Poderíamos assim obter gráficos como o que é apresentado a seguir, de acordo com as circunstâncias. É bem provável que a extensão da linha seja a mesma em relação ao passado e ao futuro de uma pessoa, ou a determinada situação.

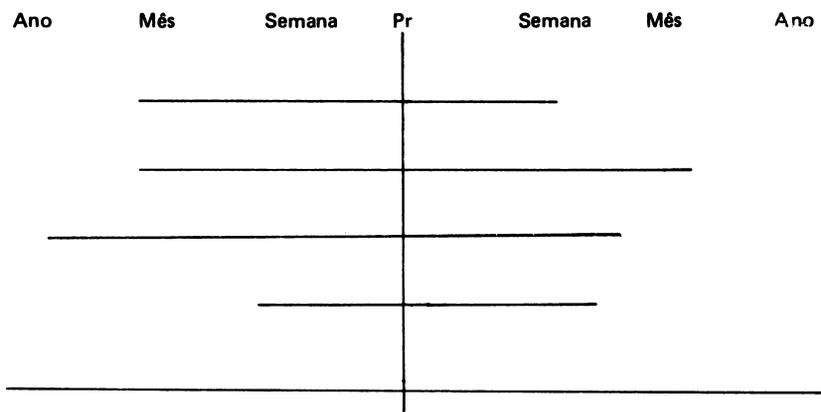


Gráfico 4. Longitude da perspectiva do tempo

Embora não haja estudos formais, alguns autores levantaram a hipótese de que os norte-americanos são representativos de pessoas dotadas de longa e intensa perspectiva do tempo futuro. Isto quer dizer que estão dispostos a sacrificar-se no presente para conseguir algo que lhes interessa no futuro. Neles, essa perspectiva do tempo futuro está associada à noção de domínio sobre os acontecimentos, querendo isso dizer que os norte-americanos, de modo geral, crêem que o homem pode agir de muitas maneiras no presente a fim de motivar ou atingir sucessos futuros.

Por outro lado, os latino-americanos têm sido caracterizados como pessoas dotadas de uma perspectiva do tempo com forte acentuação no presente. Em consequência, realizam hoje as atividades que têm importância, sem se deixarem dominar pela noção de que os recursos poderiam ser necessários para futuro uso. Do mesmo modo, a generalização mostra os latino-americanos como fatalistas, que aceitam a vida sem agir com todo o seu potencial no sentido de dominá-la.

Embora reconhecendo que se trata de generalizações e que sempre há nelas lugar para comprovadas exceções, nossa intenção ao citá-las foi tão-somente a de partir do conceito da perspectiva do tempo para explicar algumas variações na "administração".

Planejamento é o termo que desponta nitidamente quando se fala em administração. Planejar refere-se a pensar naquilo que se pode fazer de hoje em diante para concretizar o desejado. A perspectiva do tempo dar-nos-á alguns indicadores do tempo que os planos podem cobrir.

Muitas técnicas de administração têm sido desenvolvidas na cultura norte-americana com base na sua perspectiva própria do tempo. É lícito supor — caso de imediato aceitemos as diferenças acima apontadas entre norte-americanos e latino-americanos — que a simples aplicação dessas técnicas na América Latina talvez não seja bem-sucedida.

Traçar um plano implica decisões. Se a perspectiva do futuro for limitada e pouco intensa, torna-se bastante difícil crer que as pessoas planejem a longo prazo. Se a família indicar, por exemplo, um desejo a ser satisfeito no próximo ano, mas sua perspectiva do tempo só destacar o presente e pouco o fizer em relação ao futuro, é possível que observemos um comportamento nessa família pouco conducente ao que manifestou como desejo.

O conhecimento da perspectiva do tempo das famílias poderá ajudar os agentes de mudança a estudarem as técnicas a serem a elas aplicadas e as modificações que convém introduzir nas suas práticas atuais.

Como incide o tempo sobre as pessoas?

Há uma outra maneira de encarar o tempo: a consideração da sua incidência sobre as pessoas, sobre seu crescimento e desenvolvimento. Esta concepção de tempo/pessoa, que é dinâmica e se adapta a vários padrões culturais, corresponde ao conceito de desenvolvimento progressivo da família.

Toda a atividade familiar transcorre em lapsos. Lapsos são o espaço de tempo que medeia entre dois acontecimentos específicos. É claro que pode ser medido por um relógio ou calendário, porém seus limites são marcados pelos fatos determinados para defini-los. É certo que um dia pode compor-se de doze, dezesseis ou qualquer outro número de horas, mas este lapso talvez seja marcado pelos atos de levantar-se e deitar-se.

Alguns lapsos comumente estabelecidos são os ciclos agrícolas, religiosos e escolares. Também a vida familiar tem um ciclo ou desenvolvimento progressivo que marca a sua passagem temporal.

O conceito de desenvolvimento progressivo da família surgiu de uma adaptação do conceito de desenvolvimento progressivo do indivíduo. Assim como a vida humana passa por uma série de experiências biológicas e sociais decisivas (nascimento até à morte, emprego, casamento) que se produzem com uma certa seqüência, a vida familiar, no seu desenvolvimento progressivo, combina essas mudanças biológicas e sociais dos membros da família. Um autor destacou o dinamismo da vida familiar referindo-se à “carreira familiar” (63).

No curso de várias etapas a família cresce de forma semelhante à evolução biológica, alterando seu tamanho e composição. A estas mudanças estão associadas variações na disponibilidade de recursos, nas aspirações e nos papéis desempenhados.

O ciclo da vida familiar inicia-se com o casamento ou a união de um homem e uma mulher. A este fato sucede o nascimento dos filhos. O aparecimento do primeiro filho acrescenta aos papéis de esposos, o de pai e o de mãe. O segundo filho fará com que aquele que até então fora só filho passe a desempenhar também o papel de irmão.

Uma forma de marcar a evolução familiar que tem sido proposta é a do acompanhamento dos fatos importantes na vida do primogênito: seu nascimento, sua entrada na escola, seu acesso ao segundo grau de ensino ou ao mundo do trabalho, e seu casamento.

Outra modalidade sugerida é a da observação da série de papéis e responsabilidades desempenhados pelo chefe da família. Primeiro é esposo; logo pai de filho(s) em casa, de filho(s) na escola e de adolescente(s); mais tarde, sogro e avô.

Com o transcorrer do tempo, os desejos e recursos da família modificam-se.

Até que o filho mais velho entre na escola, talvez não haja mudanças notáveis nos recursos, mas sim maior demanda da energia materna. Ao entrar na escola, a criança recebe novas idéias e estímulos que agem sobre as expectativas e desejos da família e sobre o modo como esta emprega seus recursos. Às vezes, a criança contribui com suas forças para o trabalho familiar; outras vezes, acumula tarefas fora de casa que competem com as domésticas no uso do seu tempo.

A chegada de todos os filhos à idade escolar, ainda que libere a mãe do trabalho de cuidar de crianças pequenas, cria para ela a responsabilidade de manter o vestuário em ordem e de prover maior volume de utensílios e objetos.

Nas famílias numerosas é comum a presença prolongada de pré-escolares, o que com freqüência faz com que a filha mais velha tenha de assumir o papel de "mãe" ou de "dona-de-casa".

A transição do filho primogênito da adolescência para a juventude ou idade adulta, sua incursão pelos estudos secundários ou superiores, sua definição em matéria de profissão ou trabalho, assim como seu casamento serão causa de profundas alterações naquilo que seu núcleo familiar possui ou deseja.

Tudo isto, porém, segue um ritmo "normal". Faz parte das expectativas da vida em família. Entretanto, um acidente, uma doença ou qualquer outro tipo de crise (terremoto ou guerra por exemplo), podem alterar esse ritmo e produzir mudanças inesperadas. Invenções e descobrimentos podem afetar os recursos e aspirações da família. A morte de um ou mais de seus membros pode ocorrer antes que se complete o ciclo familiar.

Como se age no tempo?

Outra forma de focalizar o tempo emprega o conceito de padrão de atividade. Este representa o ordenamento de tarefas característico de uma pessoa ou grupo de pessoas durante determinado tempo.

O padrão de atividade pode ser visto de duas posições básicas: a partir do padrão de atuação (o que de fato as pessoas fazem) e a partir do padrão de imagem da atuação (o que as pessoas dizem que elas ou outras fazem, fizeram ou farão). Através da observação ou do registro diário das ações em curso, podem-se obter os dados elementares para o estabelecimento do padrão de atuação, enquanto que o padrão de imagem poderá ser composto a partir da expressão verbal de ações passadas, presentes ou futuras, assim como de opiniões e atitudes em relação às atividades.

A definição desse conceito opõe-se ao sistema rotineiro de coletar informações sobre o tempo total, medido por relógio, empregado em atividades previamente selecionadas e sem que seja levada em conta a ordem em que estas se desenvolveram. O uso do tempo, indicado somente pelo acúmulo de horas, não mostra a seqüência das atividades e tampouco assinala as interrupções e repetições que ocorreram.

O enfoque do conceito de padrão de atividade concentra-se na organização da atividade humana e não na atuação isolada dos atores, e realça mais seu conteúdo e ordenamento do que sua duração.

Como têm sido estudadas as situações temporais no lar?

Os estudos sobre o uso que as donas-de-casa fazem do seu tempo partiram de dados coletados para fins de pesquisa. As características do método de pesquisa empregado, que exige tempo, cooperação e habilidade para escrever, impunham limitações aos estudos, pois discriminavam os indivíduos, eliminando as mulheres de baixo nível de renda e educação e aquelas com família numerosa.

Na década de 1930, tendo em vista eliminar a representação limitada imposta pelo sistema de diário, Warren desenvolveu um método centralizado na obtenção de informações por meio de entrevistas com as donas-de-casa, durante as quais lhes era solicitado que rememorassem as atividades realizadas num dia ou em dias anteriores à entrevista (74).

O método pressupõe que as lembranças oferecem dados válidos. Todavia, não estão fora de propósito as seguintes indagações:

- É possível que todas as donas-de-casa rememorem com a mesma fidelidade?
- A lembrança varia de acordo com o espaço de tempo considerado?
- A importância atribuída às atividades influi na sua recordação?

Nesse método os dados são geralmente pedidos em ordem cronológica e divulgados, na maioria das vezes, por categorias de atividades, o que faz com que se perca a seqüência em que se desenvolveram.

Na América Latina, segundo nos consta, a forma de pesquisar o uso do tempo criada por Warren foi aplicada em Porto Rico, no Uruguai, no Chile e na Argentina (17, 75, 5, 64, 22).

A nosso ver, trata-se de um método que deve ser empregado com cautela. Apesar da facilidade com que nele se coletam os dados, há pouca evidência da validade dos seus resultados, que, além do mais, não refletem de que forma o tempo funciona na cultura latino-americana.

Os inconvenientes apresentados pelos métodos de diário e de registro de lembranças no levantamento de informações sobre a maneira como as pessoas ocupam seu tempo fizeram com que a observação, método básico da Antropologia, fosse utilizada como técnica para a coleta de dados nessas famílias.

Firth agiu como incentivador da observação dos padrões de trabalho quando afirmou que "um documento etnográfico de grande valor seria um diário de trabalho nativo, dia após dia, anotado durante um longo período (um ano...). Este proporcionaria dados muito úteis a respeito da organização das atividades e da distribuição sazonal das ocupações" (30, p. 56).

Embora não se questione o valor do método de observação, surge o problema de se determinar o tamanho da unidade a ser observada, pois a aplicação do método ocupa muito tempo do pesquisador e exige que se vençam os obstáculos representados pela dificuldade em penetrar na intimidade das pessoas e em observá-las durante um período continuado.

Muitos estudos preliminares divulgaram seus resultados, usando unidades de meio dia para informar sobre atividades que, a "grosso modo", qualificavam de "agricultura", "atividades domésticas", ou "viagem". Neste caso os detalhes foram sacrificados. Para obtê-los, foi preciso focalizar a atenção somente em um membro da família e deixar de lado o que simultaneamente faziam os outros.

Foster (33) estudou os padrões de atividades de oito famílias indígenas mexicanas durante dois meses. A partir destes e ainda que sem critérios específicos, procurou fazer uma descrição do padrão diário. Os dados latino-americanos mais recentes que conhecemos indicam, em unidades de meia hora, as atividades simultâneas que cinco membros de uma família rural colombiana desenvolveram durante três dias (62, p. 268-271). Como se trata de um estudo de caso, é impossível extrair-se um padrão geral ou comparar famílias entre si.

Uma vez que o observador poderia representar um elemento estranho e perturbador, dois métodos foram testados no México, tendo em vista eliminar as alterações que costumam produzir-se.

Erasmus (27) e sua mulher estudaram durante três meses os padrões de trabalho correspondentes a treze horas diárias, de um povoado inteiro. Anotavam apenas as atividades em curso no momento do contato para não dar margem a que sua presença alterasse a ação. Nenhuma unidade familiar foi observada de forma consistente. Tampouco se levantaram dados sobre a duração de cada atividade. Esta foi calculada proporcionalmente, relacionando o número de observações de cada atividade com o total de horas observadas.

Ainda que não resolvesse todas as dificuldades, esse engenhoso método serviu para apoiar a hipótese levantada pelos pesquisadores no sentido de que os habitantes daqueles povoados organizavam seu trabalho combinando-o com o repouso.

Lewis, no seu estudo de um dia de cada uma de cinco famílias mexicanas transferidas de um povoado rural para um meio urbano, contribuiu para a prática da observação constante (49).

Os dias foram selecionados ao acaso e todas as atividades, especialmente as interações, taquigraficamente anotadas. Para impedir a modificação das atividades (que o observador poderia provocar), Lewis estudou famílias com as quais havia mantido contato pelo menos durante nove anos e procurou empregar observadores que fossem aparentados ou que mantivessem relações pessoais com essas famílias.

Os resultados dos casos foram publicados em estilo romanesco que, embora ameno, não permite que se extraia um padrão completo de atividade. Para evitar repetições no seu relatório, Lewis eliminou alguns acontecimentos, sem no entanto esclarecer com que critério o fazia.

Que necessitamos estudar sobre o tempo?

Da exposição até aqui feita emanou, repetidas vezes, a necessidade de se considerarem, como aspectos do conceito de tempo dignos de estudo, a duração, o ordenamento e a importância ou significado dos acontecimentos.

A duração e a ordem podem ser objetivamente aferidas por qualquer medida pública de tempo ou pelo emprego de medidas pessoais de tempo social. A importância dos acontecimentos não pode ser medida por relógios ou calendários, pois é impossível afir-

mar-se que a soma do tempo gasto nas atividades denota sua importância. Isto nos leva a não pensar no tempo como um recurso, a não ser quando entrelaçado com outros recursos, até que alguma mudança no seu uso venha contribuir para a remoção de um inconveniente ou para a satisfação de um desejo da família. Manifesta-se, assim, a necessidade de pensar no tempo como um fator cultural, que atua quase sem que as pessoas disso se apercebam no sentido de orientar seus padrões de atividade.

Tal como se dá na maioria dos aspectos, a América Latina carece de resultados de pesquisa sobre o tema que nos ocupa. Para compreender melhor a situação temporal em que se processa a administração do lar nessa região, fazem-se necessários estudos tais como:

- Índices para o desenvolvimento progressivo da família.
Que acontecimentos biológicos e sociais são adequados para indicar o desenvolvimento familiar, por países e subculturas, na América Latina?
Para cada lapso:
Como varia o desejado?
Como varia a disponibilidade de cada recurso?
- Qual é, para cada membro da família, o padrão básico de atividade na cultura?
- Que coincidência existe entre os padrões de atividades dos diferentes membros de uma família?
- Como se modificam os padrões estabelecidos com base em espaços de tempo tais como dia, semana, mês, estação e ano, para adequá-los às várias fases do desenvolvimento progressivo da família? Até que ponto os latino-americanos dão importância ao presente na sua perspectiva de tempo? Como esta se associa às suas práticas administrativas?

Experiências sugeridas

1. Aponte expressões e comentários relacionados com o tempo. Sugira alguma forma de classificá-los.
2. Discuta a generalização sobre a perspectiva de tempo dos latino-americanos. Para apoiar seu argumento descubra evidências nas atuações de indivíduos e famílias.
3. Utilizando dados censitários sobre a composição familiar, calcule a distribuição das famílias de acordo com alguma das formas de determinar fases no desenvolvimento progressivo.
4. Esquematize as modificações de desejos e recursos que podem ocorrer durante o desenvolvimento progressivo de uma família rural e de uma urbana de seu país. Se as variações geográficas ou étnicas forem marcantes, faça um esboço das modificações viáveis nas famílias mais numerosas.
5. Proponha formas de ajudar as famílias a preverem as variações normais que se produzem no seu desenvolvimento progressivo e a elas se ajustarem.
6. Que seria "crise" no desenvolvimento progressivo das famílias? Descubra dados no censo, nos jornais e revistas e na sua experiência pessoal, e indique tipos de crise e sua incidência (por exemplo, taxa de mortalidade, alcoolismo, doenças comuns), assim como as formas de enfrentá-los.

7. Proponha formas de ajudar as famílias a ajustarem-se às crises que as possam afetar. (Por exemplo: que recursos extra-familiares estariam disponíveis caso fossem necessários?).

CAPÍTULO IV

DECISÕES

Como a senhora vai enfrentar a vida se seu marido não pode trabalhar?

Que camisa vestirei hoje?

Que parentes visitaremos domingo?

Quando vamos consertar o telhado?

Que noiva convém a João?

Devo ou não devo comprar uma panela de pressão?

Responder a qualquer dessas perguntas subentende decidir. Todas as situações mencionadas implicam decisões. Algumas sérias, outras triviais; talvez, simples, talvez complexas.

Todos os dias somos obrigados a tomar decisões, para pôr a vida em ordem, tazer face às múltiplas oportunidades e problemas que surgem no nosso caminho, aplacar conflitos entre pessoas ou solucionar crises particulares, hierarquizar nossos desejos, usar os recursos e enfrentar as mudanças esperadas ou inesperadas a que nosso ciclo vital nos submete.

A quantidade e a qualidade das decisões podem variar. Não podemos, porém, deixar de decidir ou correremos o risco de navegar sem rumo no oceano da vida.

A decisão tem sido considerada o átomo da administração do lar (8, p. 31). Não representa uma simples seleção, mas todo o processo de escolha entre possibilidades identificadas.

Que tipos de decisão tomamos?

As decisões que tomamos no lar podem variar de superficiais a profundas. Sua posição em qualquer ponto do gráfico abaixo traçado será determinada pela importância e pela magnitude de que se revestem.

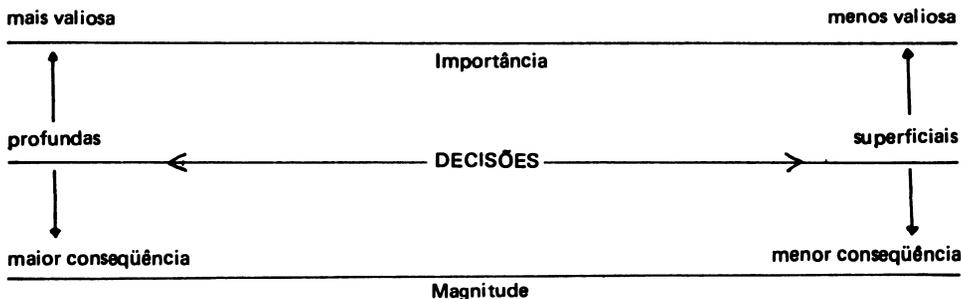


Gráfico 5. Inter-relacionamento das características das decisões

A importância da decisão será estabelecida pelos valores que ocupam posição prioritária na escala e pela firmeza das atitudes que incidem sobre o aspecto objeto da decisão.

A magnitude da decisão é medida segundo as consequências que esta produz. Cada decisão representa o elo de uma cadeia que abre ou fecha outras possibilidades.

As decisões mais sérias são aquelas centrais, que formam o elo inicial e oferecem oportunidade para novas decisões. Seriam centrais as decisões de: escolha de ocupação, compra de um trator, realização de uma viagem.

Que ocorre quando uma família decide comprar uma casa? Tudo acaba quando se chega a uma decisão?

Não! Apenas se iniciou um longo processo.

A família deverá, então, enfrentar decisões a respeito de local, estilo, tamanho, material de construção, divisão, decoração, mobiliário e financiamento.

Uma decisão central dá origem a múltiplas decisões subsequentes.

Uma forma de determinar as consequências de uma decisão é considerar até que ponto esta pode ser retificada ou modificada se não der o resultado esperado. As decisões centrais parecem ser mais difíceis de modificar. As oportunidades de retificar as decisões também podem estar relacionadas com a escassez dos recursos utilizados para cumpri-las.

Para todas as decisões que envolvem o uso de dinheiro, a classe econômica a que pertence a família poderá representar um fator associado à sua profundidade. A posse de diferentes somas de dinheiro, por parte das famílias, pode fazer com que variem a importância e a magnitude das suas decisões

Por outro lado, as decisões podem ser políticas ou administrativas. São políticas quando se referem à fixação de rotas fundamentais pelas quais conduzir a vida familiar. São administrativas quando se relacionam com o uso que se faz dos recursos para seguir a política traçada.

Os membros da família tomam os dois tipos de decisão. Nesse sentido a administração do lar difere da que se processa nas instituições, onde as pessoas que traçam política e

as que administram não só costumam ser diferentes como também estar espacialmente separadas.

As decisões políticas dentro de uma família podem incluir a seleção de valores que orientarão as ações; a escolha de sanções que indicarão a seus membros quando sua atuação satisfaz ou não às expectativas do grupo; os acordos sobre a divisão do trabalho familiar e destinação de papéis a cada membro, assim como os convênios sobre as formas de decidir determinadas questões. Isso quer dizer que as decisões políticas estabelecem as linhas gerais às quais os membros da família ajustarão sua conduta.

Por certo a política pode ser alterada, mas a magnitude das suas conseqüências exige, em todos os casos, profunda consideração. A família que toma, por exemplo, a decisão de permitir que a dona-de-casa trabalhe fora, embora sob determinadas condições, estabelece uma política geral e adota uma decisão central que logo incidirá sobre a administração.

O que hoje nos parece rotineiro foi decidido em algum momento passado ou faz parte das áreas em que não se reconhece poder decisório. A mulher que se veste de uma cor básica evita uma série de decisões porque fechou o caminho com uma decisão inicial. Ter um cardápio fixo para os diferentes dias da semana não dispensa as decisões diárias sobre o que preparar para as refeições?

Além da variação em profundidade, as decisões podem variar em complexidade.

A decisão pode ser simples ou complexa segundo o número de alternativas ou a clareza das suas conseqüências. A que envolve alternativas múltiplas é mais complexa do que a que só apresenta duas possibilidades. A decisão torna-se mais complexa quando subentende maior número de diferentes recursos, quando afeta mais pessoas e maior número de indivíduos dela participam, ou quando as conseqüências ou resultados não são muito aparentes.

Apesar da complexidade implícita nas decisões, é aconselhável que os membros da família nelas participem, para que esta possa:

- obter informação sobre seus desejos;
- contar com sua participação ativa nos atos que concretizam a decisão;
- oferecer oportunidade de aprendizagem a respeito de como tomar uma decisão.

À parte sua profundidade e complexidade, as decisões também se fazem acompanhar de certo grau de risco. Este representa uma medida subjetiva da posse ou não de suficiente informação e o custo de obter informação adicional. A situação envolverá menos risco se a família entender que dispõe de informação "suficiente" para decidir. Todavia, há ocasiões em que, embora a situação ofereça muito risco, dada a falta de informação, a família se vê forçada a decidir.

Como se toma uma decisão?

O modelo inicialmente proposto para o processo decisório corresponde ao método científico que tem por objetivo procurar "a verdade", ou seja, uma resposta correta, a solução única para um problema.

Tendo essa meta em vista, o processo científico consiste em:

- reconhecer a meta ou o problema a ser solucionado;
- procurar alternativas para solucionar o problema;

- analisar os resultados possíveis de acordo com as diferentes soluções;
- selecionar uma alternativa.

Esse processo mental é aplicável a situações em que as metas estão claramente definidas. Um laboratório científico ou uma indústria, por exemplo, aplicam seus recursos na procura de metas específicas, geralmente limitadas. Essa, porém, não é a posição geral da família. Frequentemente o que ela deseja aparece disperso e nebuloso, e as diretrizes do processo científico não são seguidas na tomada de decisões.

O processo científico de decidir não se ajusta com igual facilidade a todos os tipos de decisão. Quando são escassas as possibilidades de retificar o decidido, quando não se está diante de "uma" resposta única e quando há múltiplos desejos que esperam ser satisfeitos, devemos introduzir algumas modificações no processo decisório.

Como resultado de especulações filosóficas, Diesing propôs cinco tipos de racionalidade que exigem diferentes classes de decisão (24). Dos tipos enunciados, chamam nossa atenção, como atuantes na família, o econômico e o social. A decisão econômica procura satisfação, enquanto que a social visa à integração das expectativas e obrigações que emanam de um papel que envolve tanto estas como os sentimentos da pessoa que o desempenha.

Numa situação que exige uma decisão econômica, a pessoa ou a família se vê diante de recursos e objetivos neutros, permutáveis e padronizados, que abrem alternativas. As ações e os objetos tendem a ser moral e emocionalmente neutros.

Numa situação que exige uma decisão integrativa, o indivíduo ou a família se vê a braços com obrigações e expectativas especiais e com afetos e significados únicos. As relações pessoais, as ações e os objetos adquirem significação especial e expressam ou simbolizam as relações sociais com diferentes conotações emotivas e morais. Não há alternativas substituíveis.

As decisões econômicas requerem metas, comparações e hierarquização de desejos. As sociais não possuem metas, mas agem no sentido de uma solução de integração, apacando conflitos de desejos não com a satisfação destes baseada na sua hierarquização, porém modificando-os.

As decisões econômicas procuram solucionar problemas; as integrativas transformam os problemas. As primeiras tendem a ignorar as mudanças, as últimas nelas se apóiam.

A renúncia à obtenção de alguma coisa, resultante da recusa de alternativas, pode ser racional e decorrer de uma decisão econômica. A decisão integrativa não confronta a evidência de escassez e ignora a renúncia necessária em alguns casos. Talvez seja por isso que muitas pessoas têm dificuldade em explicar por que fizeram determinada coisa. É que decidiram de forma mais integrativa do que econômica e não justificaram sua renúncia.

Talvez o método criativo de pensar seja o mais aplicável às decisões integrativas. O pensamento criativo consiste em visualizar claramente o problema, equacioná-lo e procurar uma solução, não pelo processo lógico, porém, pela imaginação. O resultado pode sobrevir por captação e por um processo que não é nem indutivo nem dedutivo.

O objetivo mais importante da família é desempenhar as funções que lhe foram atribuídas pela cultura. Algumas dessas funções são, além de econômicas, também integrativas. Embora a família possa mostrar preferências por um ou pelo outro tipo de decisão, parece-nos que ambos se apresentam simultaneamente.

Todos os fatos citados têm levado a literatura sobre administração do lar a rever seus registros iniciais sobre o processo de decidir e a fazer outros que prevejam a combinação dos tipos de decisão econômica e integrativa.

Sugestões para a tomada de decisão

Embora seja impossível a elaboração de um esquema mental rígido por meio do qual as pessoas tomam suas decisões, sempre se podem fazer tentativas no sentido de esboçá-lo.

Reconhecer e definir o problema

É capaz de decidir quem não tem consciência de estar diante de uma situação que exige uma decisão?

As situações que forçam a decisão não nascem só da presença de metas específicas; basta que exista o problema que requer solução. Talvez a forma de defini-lo seja a formulação de uma meta a ser atingida. É possível que metas específicas surjam mais amiúde nos casos de decisões administrativas do que nos de decisões políticas, assim como nas decisões que seguem a uma decisão central.

Muitas vezes os agentes de mudança, em conversa com as famílias, conseguem perceber problemas que elas não expõem claramente. Este é o primeiro passo no sentido de ajudá-las a defini-los e a procurarem sua solução.

Na época em que nos dedicávamos a observar famílias rurais costarriquenhas, anotamos os seguintes problemas apontados pelas donas-de-casa:

- falta de lenha seca no inverno;
- telhado com goteiras;
- escassez de hortaliças para comer;
- como obter um vestido de Primeira Comunhão para uma filha;
- dificuldade para secar roupa no inverno.

O penúltimo item está expresso de uma forma que torna mais fácil iniciar o processo decisório.

A leitura dessa lista, que em qualquer comunidade latino-americana poderia alongar-se, leva-nos a indagar o seguinte:

- Como se poderiam enunciar os problemas?
- Quais seriam as possíveis soluções a considerar?

Procurar soluções alternativas

Este, aquele, o mais distante, o mais barato, o mais alegre?

Aqui o vocabulário "alternativa" não subentende que todas as soluções possíveis sejam equivalentes, mas sim diferentes. Do ponto de vista do raciocínio econômico poderia ser a mais barata, ou talvez se trate de diferentes formas de oferecer oportunidades integrativas aos membros da família.

Analisar as conseqüências

Se faço isto, obterei mais sucesso, assumirei mais compromissos, gastarei mais, porei em jogo alguma amizade?

Antes de decidir, geralmente estudamos as possíveis conseqüências das alternativas ou soluções consideradas. É claro que a visualização das conseqüências depende, em grande parte, da informação disponível associada a certa dose de imaginação.

Selecionar uma forma de agir

Compro aquilo. Vou ali. Faço isto.

Eis escolhida uma entre as várias alternativas que me foram apresentadas. Se não houvesse risco numa decisão econômica, teoricamente não haveria nenhuma dificuldade em selecionar, porque o resultado da consideração das conseqüências seria um só. Todavia, sabemos que há risco e estamos cômicos da existência de metas que competem no uso dos mesmos recursos. Além disso, estão permanentemente em ação os valores que, tanto nas decisões econômicas como nas integrativas, orientam a seleção.

Aceitar a responsabilidade emergente da decisão

Há uma infinidade de modos de fazê-lo e expressá-lo.

Se procurarmos relacionar esta sugestão com o aspecto de renúncia a que nos referimos antes, será possível observar-se que numa decisão econômica a família procurará explicar racionalmente a recusa de outras alternativas, enquanto que numa decisão integrativa a família se ajustará à nova situação sem sentir necessidade de comentar o porquê da sua renúncia.

Todavia, a tomada de decisões não resulta tão-somente em renúncia, mas também em conseqüências diretamente relacionadas com a decisão. O ponto chave está na(s) pessoa(s) que assume(m) a responsabilidade, desfruta(m) ou suporta(m) os resultados e na forma pela qual manifesta(m) sua aceitação. Um estudo mais minucioso permitiria classificar as conseqüências e estabelecer sua relação com quem atua e os tipos de decisão tomados.

Uma lista emanada de uma série de reuniões cuja finalidade era a elaboração de um currículo (28, p.4) modifica as sugestões acima feitas ao propor o seguinte:

- identificação de um problema;
- reconhecimento dos valores e metas das pessoas;
- procura de informação aplicável à situação problemática;
- identificação de alternativas e meios para enfrentar o problema;
- seleção de um plano a seguir.

Há, obviamente, acordo em que identificar o problema é o primeiro passo no sentido de uma decisão. O reconhecimento dos valores e das metas não é necessariamente um passo, mas sim um guia de todo o processo, ou o resultado de decisões políticas.

A procura de informação pode ser feita antes, durante ou depois da identificação dos meios. Está associada à profundidade (importância e magnitude) do problema e ao grau de risco que a família está disposta a correr para tomar uma decisão.

A princípio se recomendava a identificação de um grande número de alternativas. Diante, porém, do reduzido número de pessoas que consideram com seriedade muitas alternativas e do grande número das que vão eliminando alternativas rapidamente e dedicando-se à procura de maior informação sobre as mais atraentes, a força daquela sugestão inicial foi diminuindo. Parece-nos que um maior número de alternativas concorda mais, em princípio, com o processo criativo de pensar do que com o científico. Com menor número de alternativas presentes, a decisão torna-se menos complexa e mais receptiva ao emprego da lógica. Certamente, qualquer alternativa considerada deve ser clara, concreta e exequível.

A seleção do plano a ser seguido pode pender para uma das alternativas já identificadas ou para a formulação de uma nova, integrando aspectos das demais.

Se conviermos em que no grupo familiar são tomadas decisões integrativas e econômicas e desenvolvidos processos decisórios científicos e criativos, com algumas combinações, torna-se patente para nós a necessidade de se criar algum modelo novo ou modificação a fim de pesquisar possíveis processos decisórios nas famílias.

Como se tem pesquisado a tomada de decisão?

Este aspecto antepõe sérios obstáculos a que o pesquisador consiga a evidência que procura.

O processo decisório é, às vezes, puramente mental, só ficando visível o resultado final de uma escolha. Por outro lado, a profundidade da decisão implícita numa situação pode impedir que a família a comente na presença de um pesquisador, enquanto a sua complexidade pode dificultar a observação do processo decisório durante todo o seu desenrolar.

Para o estudo de aspectos referentes a decisão têm sido usadas situações reais, experimentais e artificiais.

Situações reais ou atuais

As situações reais têm sido estudadas por meio de observação, entrevistas e questionários.

Como ponto de partida de estudos sobre tipos de decisão e fundamentos da seleção têm-se utilizado entrevistas pouco estruturadas. Tendo em vista aprofundar seus conhecimentos sobre decisões ligadas a aspectos de desenho decorativo, uma professora de arte aplicada à casa iniciou suas entrevistas com o seguinte comentário: "Estou interessada nas decisões sobre desenho tomadas nesta casa e de modo especial nas razões para assim decidir" (32, p. 831). Não definiu o termo "desenho", deixando-o à livre interpretação da entrevistada. As respostas indicaram doze seleções frequentes e quatro grupos de razões para a seleção. Estes qualificaram-se como práticos, estéticos, sociais e pessoais.

Posteriormente, foi enviado um questionário a mil mulheres com o objetivo de averiguar o predomínio de determinadas decisões e razões, classificadas por categorias baseadas na orientação dos estudos universitários realizados e na época da promoção. A finalidade era obter subsídios para programar cursos universitários de desenho.

Além de elucidarem um pouco as múltiplas decisões envolvidas ao se montar uma casa, os resultados dessa pesquisa demonstraram que uma série de valores pode influir numa decisão.

Em Porto Rico, Lacot pesquisou a liberdade identificada por adolescentes ao tomarem certas decisões relacionadas com sua vida social e financeira (46). Lacot aplicou um questionário às jovens e a uma amostra de suas mães.

Os resultados revelaram que as jovens do meio rural identificavam menos liberdade para decidir do que as do meio urbano.

Seria útil dispor-se também de resultados comparáveis obtidos de adolescentes homens. Além disso, parece-nos importante que se procure estabelecer a relação que existe entre o grau de liberdade identificado e as experiências anteriores em tomada de decisões.

As pesquisas em torno de aspectos relacionados com as decisões têm levado ao estudo das pessoas que desempenham papéis importantes no processo decisório. Tendo por base a análise da estrutura do poder familiar esses estudos visam a obter dados a fim de orientar a informação e a publicidade.

Se admitirmos a tese de que chegar a uma decisão não é algo estático, mas sim um processo que evolui mediante a inclusão de múltiplas decisões, então os estudos anteriores terão sido excessivamente superficiais. Devemos saber que tipo de participação tem cada pessoa e quem procede à seleção em cada elo da cadeia.

Por exemplo, se os pais decidem juntos a soma total destinada às despesas com alimentação e logo a mãe indica os artigos de que necessita naquele dia e manda uma criança buscá-los, há decisões em cada etapa. Quem necessita de informação sobre nutrição e compras?

Como a pessoa ou pessoas responsáveis pela decisão devem arcar com as suas conseqüências, um ponto talvez muito importante seja saber se há acordo a respeito de quem deve assumir o papel decisório. Se esta pessoa for aceita, o que decidir e suas conseqüências possivelmente terão acolhida mais favorável.

Em estudos realizados na América Latina, temos incluído perguntas destinadas a averiguar o uso de alguns serviços e os membros da família que a eles recorrem. Também em estudos sobre adoção de práticas temos tocado superficialmente na questão de fontes de informação e nas razões para optar pela aceitação ou recusa de práticas específicas.

Os estudos levados a efeito sobre participação conjunta dos esposos em decisões econômicas (compras), segundo a classe sócio-econômica, não chegaram a conclusões acordes (42, 45).

Os que se realizaram nos Estados Unidos indicam que a participação conjunta dos esposos da classe alta é relativamente pequena. Sua explicação pode estar no fato de que seu papel como compradores é especializado ou no de que a posse de bastante dinheiro permite a satisfação da maioria dos desejos e elimina a necessidade de tomar decisões centrais.

O que mais nos preocupa são os resultados conflitantes em relação à classe baixa, os quais às vezes indicam pequena participação conjunta dos esposos e, outras vezes, intensa participação de ambos. Como as conclusões não são definitivas e como na América Latina a população relativamente pobre é numerosa, dispomos de fundamentos para insistir na necessidade de se estudar, de acordo com as rendas auferidas, quem participa das decisões.

Seria conveniente saber até que ponto influi na participação conjunta do casal o fato de a mulher contribuir com dinheiro para a renda familiar. Há evidência, em famílias

norte-americanas, de uma estreita relação. Na América Latina podem incidir outros hábitos, como, por exemplo, o de entregar todos os ganhos ao chefe da família, reconhecendo-lhe também o poder de decisão.

Algumas afirmações a respeito das decisões rotineiras próprias da classe baixa têm sido feitas. Se se comprovarem, podem representar um fator que tolhe a decisão conjunta.

As respostas a situações reais forneceram alguns elementos que sugerem ser a vida dos pobres monótona. As perguntas, porém, seriam verdadeiras para os indivíduos ou só para o pesquisador?

Situações experimentais

São aquelas que procuram imitar ou reproduzir fielmente uma situação real. Neste caso as pessoas não sabem que estão participando de um estudo sobre tomada de decisões e tampouco vêem a situação como artificial.

Strodtbeck desenvolveu este método empregando a técnica a que chamou de diferenças reveladas (70), cujas duas fases consistem em:

- Pedir aos indivíduos que compartilharam alguma experiência que as avaliem separadamente.
- Solicitar-lhes que conciliem as diferenças que possam surgir das avaliações.

Enquanto se desenvolve a segunda etapa, um observador oculto grava e anota o que cada indivíduo diz e faz. Comparam-se a seguir as intervenções de cada um com a sua avaliação original e com a avaliação final dos indivíduos.

O estudo considerou casais sem filhos e com um filho adolescente. Num teste com casais pertencentes a três subculturas norte-americanas constatou-se que ganhara a decisão a pessoa que:

- falou mais;
- perguntou mais;
- opinou mais;
- analisou mais em voz alta.

Os casais de navajos (indígenas norte-americanos) analisaram, avaliaram e opinaram em voz alta menos do que os casais de mórmons e protestantes. Também justificaram menos suas decisões. É possível que os navajos representem uma cultura em que a tomada de decisões integrativas predomina sobre o processo de decidir economicamente.

Se os latino-americanos são propensos a aplicar o processo integrativo, o que se afigura viável dada a sua tendência a avaliar cada pessoa, ato e objeto como único e insubstituível, é provável que não sejam frutíferas as pesquisas que requerem muita verbalização sobre o processo decisório.

Situações artificiais

São aquelas em que os indivíduos sabem que não participam de uma situação real. Não é fácil precisar até que ponto as atitudes diante de uma situação fictícia se assemelham às que seriam tomadas numa situação familiar real.

A técnica de uso mais comum é a de situações hipotéticas a serem equacionadas. Freqüentes vezes se faz referência ao uso do dinheiro hipoteticamente ganho na loteria, presenteado, herdado ou obtido de maneira semelhante.

Esse recurso foi empregado para estimular as reações de dezenove donas-de-casa de uma comunidade rural costarriquenha. As situações propostas e os resultados obtidos são mostrados a seguir.

“Uma família rural ganhou cinco mil colones (750 dólares) na loteria. Na sua opinião, como poderia usar o dinheiro? Se a família pretender que a vida em casa seja mais confortável, como lhe parece que deva usar o dinheiro?”

A compra de terreno ou casa como destino para o dinheiro foi a indicação mais freqüente. As mulheres evidenciaram dificuldade em responder sobre o uso do dinheiro na casa. Aparentemente esta pergunta forçava decisões relacionadas com valores, desejos ou problemas que não ocupavam posição muito alta nas suas prioridades. Os bens mais assinalados como necessários à casa foram os móveis. Embora não tivéssemos feito um levantamento completo, o desejo parecia justificado.

Outra situação hipotética foi proposta da seguinte maneira:

“O marido deu dinheiro à mulher para contratar uma empregada. Esta senhora não consegue decidir-se em relação às tarefas a serem confiadas à empregada. Quais você lhe daria?”

Lavar e passar roupa foram as atividades com maior número de menções. Entre as razões responsáveis por esta colocação figurava o reconhecimento de que são tarefas pesadas, que tomam tempo, cansam e podem ser entregues com segurança a uma empregada. Sete das mulheres indicaram as tarefas de varrer e limpar, que segundo se observou eram com freqüência confiadas às filhas. Poucas donas-de-casa mencionaram cozinhar, cuidar dos filhos ou moer como trabalhos que podiam ser delegados.

Numa terceira situação, o interrogador perguntou o que a dona-de-casa faria durante o dia se pudesse pagar uma empregada para ocupar-se das tarefas domésticas. As respostas demonstraram que as mulheres aceitavam suas responsabilidades no lar e não viam muitas alternativas desejáveis e admissíveis para romper sua rotina diária. Somente uma citou mais de três atividades possíveis.

Oito responderam “ficar sentada”, o que a seu próprio ver “não seria nada bonito”, mostrando com isso não terem idéia de como mudar a sua rotina. Cinco reconheceram que teriam a responsabilidade de “estar mandando”; seis sonhavam com passeios ou tempo livre para “vaguear”, fazer visitas ou “ir ao teatro” (cinema). Três mencionaram arrumar as roupas, remendar e confeccionar peças mais finas, e duas preferiam tecer. Cinco mães indicaram que reservariam para si a tarefa de cuidar dos filhos, enquanto uma foi mais além, declarando “cuidar da família”.

Tendo em vista medir de algum modo a forma de enfrentar situações críticas e de emergência, a fim de colocá-las num plano mais real, propusemos às donas-de-casa duas situações hipotéticas relacionadas com a saúde da família.

A primeira dizia que um chefe de família sofrera um acidente grave que o impediria de trabalhar durante um ano pelo menos. Perguntou-se às senhoras como pensavam elas que a mulher desse acidentado poderia obter alimentos e outras coisas necessárias à sobrevivência da família.

As respostas foram variadas. Oito mulheres disseram que a esposa ou outro membro da família deveria trabalhar ou vender algo; oito indicaram que alguém teria de ajudá-los ou eles seriam forçados a esmolar; três viram a situação como impossível e sem solução.

A partir da observação de que a doença é uma ameaça constante, agravada pelo número de crianças pequenas que fazem parte das famílias, procurou-se também averiguar a reação das donas-de-casa diante da seguinte situação hipotética:

“Uma senhora do meio rural está com um filho doente. Que tarefas deixaria de lado para cuidar dessa criança? ”

A importância atribuída à saúde dos filhos tornou-se patente nas respostas dadas, já que seis mães disseram que deixariam tudo para mais tarde; cinco adotariam igual critério, com a ressalva de que continuariam cozinhando; seis trabalhariam à noite ou distribuiriam as tarefas de diferentes formas, e duas não viam necessidade de modificar a organização do seu trabalho.

Bustrillos apresentou três situações hipotéticas a donas-de-casa mexicanas imigrantes nos Estados Unidos, a fim de captar as expressões verbais do processo de raciocínio continuado (12). Procurava mais “estilos” de tomar decisões do que o conteúdo da própria decisão. Criou três problemas para uma família hipotética que procurou assemelhar fielmente às famílias das entrevistadas.

A pesquisadora levantou a hipótese de que o estilo da tomada de decisão seria formado por três elementos: o modo, a referência ao tempo e a regra para tomar a decisão.

O modo refere-se à forma de expressão. Pode ser hipotético ou condicional (talvez; — ou —; se...; então...); de fato (dar opinião, revelar atitudes, comparar duas coisas conhecidas), ou conter sugestões de ação (uso de verbos de ação, menção do que se deve fazer).

A referência ao tempo leva em consideração o futuro, quando, ao responder, a dona-de-casa indica possibilidades futuras; o passado, quando considera tradições, hábitos, experiência prévia pessoal ou alheia; e o presente, quando focaliza a situação atual, sentimentos e necessidades.

A regra para tomar decisões concentra a atenção no método pelo qual se avaliam as alternativas e nos fundamentos para a escolha de uma solução. Pode ser:

- Hierarquia de preferências: quando há um ordenamento de prioridade no pressuposto de que determinada solução é a “melhor” e mais duradoura.
- Eliminação objetiva: quando a seleção é feita segundo os limites identificados para a situação e não há uma resposta melhor.
- Conclusão imediata: quando é focalizada uma ação ou selecionado um caminho sem que se indiquem explicitamente ordenamento ou eliminação. Um rápido processo de análise e raciocínio segue à seleção.

Embora da combinação de fatos, tempo presente e preferências tenha resultado o estilo mais comum às dezesseis senhoras incluídas no estudo, muitas combinações apareceram. Não se evidenciou claramente um estilo, o que indica a existência, em grupos aparentemente homogêneos, de muitas maneiras ou estilos de enfrentar uma situação problemática.

Embora em Costa Rica os dados referentes a decisão não tenham sido coletados para averiguar estilo, mas sim conteúdo, é possível arriscar-se uma aplicação incompleta da análise de Bustrillos. Na maioria dos casos, as mulheres costarriquenhas tiraram conclusões apressadas, sem dar justificativas e tampouco sugerir as possibilidades imediatas de solução que viam para os problemas propostos, ou, talvez, os produtos finais de um

processo decisório mental. Outras solicitaram informação adicional, evidenciando de saída certa tendência à eliminação objetiva e ao raciocínio hipotético.

No caso proposto da criança doente, especialmente, as mães fizeram referências ao tempo passado e apelaram para a sua experiência pessoal. Os dois problemas que envolviam doença motivaram maior identificação por parte das mulheres.

Como Bustrillos testou várias situações antes de selecionar seus problemas finais e como encontramos em Costa Rica diferenças na seriedade com que as mulheres consideraram os problemas propostos, parece-nos de especial importância que, ao pretender estudar os processos decisórios, se formulem problemas comuns às famílias objeto do estudo.

A decisão é algo que não funciona no ar, mas sim na presença de uma situação. É, pois, de grande valia que se conheçam as situações mais importantes em que as famílias devem decidir. Aparentemente, um bom ponto de partida para esse estudo seria a elaboração de uma lista de situações possíveis e a averiguação daquelas em que as famílias têm experiência. Perguntando-se ao marido e à mulher, isoladamente, em quais delas participaram, conhecer-se-iam as áreas em que um ou ambos necessitam de informação. Assim, a informação se orientaria para aqueles que dela farão uso.

É possível fazer-se, com relação às decisões tomadas, uma avaliação subjetiva da sua importância. Um estudo indicou a associação entre a estimativa subjetiva da importância de uma decisão e a busca de informação (38).

Se aceitamos a conclusão acima apontada, uma lista de áreas de decisão, ordenada segundo a importância atribuída por uma numerosa população, proporcionaria a pauta dos aspectos em que nos cabe difundir informação.

Parece-nos também importante que se recompilem os dados referentes ao casal, e não exclusivamente à mulher. A técnica de diferenças reveladas associada à solução de situações hipotéticas importantes para a família (rural e urbana, de diferentes classes sociais e em diferentes estágios do desenvolvimento progressivo) poderia fornecer relatórios úteis sobre estilos de decisão.

Quais são as responsabilidades da família diante das decisões?

A família, grupo dinâmico promotor de socialização, desempenha um papel de grande relevância no processo decisório. Entre as responsabilidades que dele emanam podemos enumerar as seguintes:

1. Formular uma política geral, revê-la e atualizá-la quando as circunstâncias o exigirem.
2. Reconhecer e definir problemas de uma forma que permita decidir sobre sua solução.
3. Distribuir entre seus membros as funções e as responsabilidades que lhes correspondem nas decisões familiares.
4. Dar oportunidade a seus membros de participarem na tomada de decisões, pois só decidindo se aprende a decidir.
 - Para os principiantes, graduar as decisões que devem tomar, dando-lhes a oportunidade de começarem pelas mais simples e com menor número de alternativas ou com alternativas igualmente aceitas pelos pais.

5. Reconhecer estas possíveis conseqüências da não formulação de uma política definida:
 - formação de conflitos constantes;
 - adiamento de decisões;
 - situação de insegurança por não saber “que fazer”;
 - desconhecimento de expectativas;
 - desgaste emocional.
6. Reconhecer estas possíveis conseqüências da falta de oportunidade de aprendizagem relacionada com a tomada de decisões:
 - insatisfação com as decisões tomadas;
 - inação;
 - dependência excessiva de outras pessoas;
 - não aceitação das conseqüências das decisões tomadas;
 - impulsividade incontrolável;
 - incidência em erros não retificáveis ou de difícil transformação.

Experiências sugeridas

1. Com relação a uma das famílias apresentadas em **Antropologia de la pobreza**, de Oscar Lewis, indique as decisões tomadas no transcurso do dia. Procure classificá-las de acordo com sua profundidade e complexidade. Justifique sua classificação.
2. Leia um romance que trate da vida familiar no seu país. Procure classificar os tipos de decisão tomados. Se cabível, procure analisar o processo seguido para a tomada de uma decisão profunda e de uma superficial. Compare os processos.
3. Faça uma lista das decisões que, em seu país, são provavelmente tomadas pelas famílias durante seu desenvolvimento progressivo. Procure classificá-las de acordo com sua profundidade. Compare sua lista com a de outros colegas, a fim de obter uma lista tão completa quanto possível.
4. Descreva uma decisão pessoal central, indicando o processo adotado para tomá-la, e registre as decisões que, em conseqüência, se desencadearam.
5. Descreva uma decisão familiar de que participou; procure indicar o procedimento seguido e a intervenção de cada participante.
6. Discuta a filosofia de Diesing a respeito do raciocínio integrativo e econômico, associando-a à sua provável função na tomada de decisões familiares em seu país.
7. Faça uma lista de problemas comuns para serem solucionados em situações familiares em seu país.
8. Para cada um desses problemas, descreva de que modo uma família poderia tomar decisões à luz dos recursos à sua disposição. (Em outras palavras, situe essa família em um dos grupos de seu país para os quais já estabeleceu uma classificação de recursos).
9. Entreviste uma família conhecida (pelo menos o casal), para averiguar quais dentre as decisões que figuram na lista emanada do exercício constante do item 3 teve de tomar. Solicite ao casal que classifique as decisões tomadas segundo alguma escala de importância.

10. Formule critérios para a redação de situações hipotéticas bastante reais, de modo a estimular a verbalização das decisões.
11. Utilize esses critérios para criar situações hipotéticas. Se possível, discuta-os com a classe inteira e chegue a um acordo a respeito de uma ou duas mais adequadas.
12. Aplique a uma família conhecida as situações selecionadas no item 11. Se possível, aplique a técnica de diferença reveladas, prestando atenção ao processo conciliatório, no caso de divergências entre as soluções propostas por marido e mulher. Outra possibilidade seria expor a situação ao casal, de uma vez, e registrar a reação dos esposos. Descreva e comente suas descobertas.
13. Se vários membros da classe tomaram parte no exercício constante do item 12, compare seus resultados incluindo as razões que explicariam afinidades e divergências.
Trace diretrizes para orientar futuros estudos sobre decisões, analisando as vantagens e desvantagens do método de situações hipotéticas e do tipo de respostas obtidas.
14. Proponha métodos exeqüíveis que as famílias de seu país aplicariam para ensinar seus filhos a tomarem decisões.
15. Proponha métodos para ajudar as famílias a cumprirem suas responsabilidades no tocante à tomada de decisões.

SEGUNDA PARTE

Rumo à prática da administração do lar...

Pensamentos de uma dona-de-casa...

Levantou-se mais pensativa do que de costume, pois habitualmente não dispunha de muito tempo para pensar. Hoje, porém, era um dia especial, o último do ano. E como todo 31 de dezembro é propício às evocações, as lembranças, os sofrimentos, os planos e os sonhos tomaram conta do seu espírito.

Para que vivera este ano?

Para atender ao marido, cuidar dos filhos, lavar, passar, e tantas tarefas mais! Seus afazeres, como páginas desfolhadas de um calendário novo, desfilam por seu pensamento. "Que descanso quando, prontas as tortillas* e terminada a ordenha, já posso parar um pouco!"

Cada manhã do ano que findava se havia anunciado como mais um dia de intenso labor. Em geral, depois de seis horas de trabalho ininterrupto, mal dava para sentar-se por alguns minutos; outras vezes, só se sentava para amamentar o bebê.

"Muitos dias, a uma hora da tarde, já estou exausta de tanto andar numa roda-viva". Houve momentos em que, olhando o sol brilhante, imaginara como seria agradável sentar-se um pouco sob o seu calor. E dormir de dia? "Que maravilha dormir de dia!" A realidade, porém, logo destruíra o seu sonho: quem tem filhos pequenos não pode descansar, nem termina nunca de cuidá-los. Nos seus dias de recém-casada havia sobrado tempo para a sesta, mas com os filhos crescendo não havia lugar para mais nada, só trabalho.

Assim fluíam seus pensamentos sobre os filhos, quando outra corrente de idéias vem ocupar-lhe a mente. É verdade que "os filhos ajudam, mas é preciso vigiá-los, chamar-lhes a atenção o tempo todo, empurrá-los". "Mariazinha trabalha depressa quando tem vontade, mas ontem mesmo tive de dar-lhe uma surra". Às vezes "faz tudo às carreiras", e na hora de trazer a água, "quer cuidar dos deveres da escola". Não podia, porém, deixar de reconhecer "que me toca muito mais trabalho quando Mariazinha vai à escola pela manhã e não pode me ajudar".

Em todas as casas dá-se o mesmo: ainda ontem sua vizinha lhe dissera que nos dias em que a filha de oito anos ia à aula de manhã ela mal podia ocupar-se do serviço, principalmente da lavagem da roupa, porque não havia ninguém para olhar o bebê. De qualquer modo, Mariazinha às vezes está em casa e tampouco o faz: "diz que está fazendo os deveres só para não tomar conta do pequeno".

Outro dia saiu para a escola uma hora mais cedo apenas para gastar as forças pulando corda. Ela a repreendera, pois embora outras crianças possam sair antes da hora, Mariazinha deve distrair seu irmãozinho até o último momento. Além disso, não quer que pule corda, "porque suas pernas vão engrossar como as de um garoto e acabará por menstruar aos doze anos". Bem se lembrava de que sua mãe "mantinha as filhas sob vigilância, e nenhuma menstruou antes dos quinze". Ela pretendia seguir o exemplo materno.

É verdade que os garotos "servem para ir ao armazém a qualquer hora", mas também é verdade que "voltam para casa com artigos inferiores".

* *Espécie de pão, de forma arredondada e achatada, feito à base de milho, de largo consumo em alguns países da América Latina, N. do T.*

Como lhe toma tempo cuidar dos menores! "Não posso nem comer até que os despache, senão não me deixam em paz". Por outro lado, "os pequenos perturbam os pais porque se aborrecem de tanto ficarem à toa". Por isso dá razão à mulher do professor que, para ocupar os filhos, lhes dá uma escova e um par de sapatos para engraxar. Ela, porém, terá de arranjar para os seus outro tipo de ocupação; na sua casa os sapatos só são usados em caso de doença. Estará certa a mulher do professor quando diz que "os sapatos lhe custam menos do que os remédios que seus vizinhos consomem? "

Que crianças! Levam tudo na brincadeira, e como brigam... Não se pode descuidá-las um instante sequer. Não sabe como irá fazê-las compreender que devem trabalhar até que os "grandes" cheguem da escola.

Uma ponta de preocupação vem espicaçá-la. Embora ontem tivesse rido ao ouvir Mariazinha dizer que "casamento é uma coisa horrível", acorria-lhe agora o pensamento de que isso talvez fosse um indício de que era grande demais a responsabilidade que impunha à filha mais velha.

Amiúde se pergunta se não será severa demais com os filhos. A todo o momento chama-os de "burros, imprestáveis", e quando está muito nervosa lhes dá umas palmadas. Isso, porém, não quer dizer que não os ame, pois ao vê-los, felizes, brincando e rindo, "que tranqüilidade" inunda o seu coração! Que prazer lhe dá ouvir o tagarelar do pequeno, que "só ela entende"! Como são engraçadas as peraltices das crianças! Ainda ontem uma dissera que "ainda somos índios porque usamos cabaças".

Possivelmente nisso havia uma ponta de verdade, pois ela mesma se lembrava das índias e de seus remédios quando tratava suas dores de cabeça com ervas, já que "não devo tomar comprimido para não me habituar".

Seus pensamentos retornam ao presente. O choro do bebê chama-a de volta à realidade. Vai deixá-lo chorar um pouco, pois "o choro faz desenvolver os pulmões". Depois, vai trocar-lhe as fraldas e alimentá-lo, porque "quando está seco e de barriga cheia não atrapalha a mãe".

Como folhas de um calendário vertiginosamente arrancadas pelo vento as idéias vão deixando sua mente...

Outro ano vai começar... Deve dar graças por este que terminou? Deve recear o próximo? Como será ele? Melhor? Pior? Seja lá como for terá de vivê-lo, porque "ninguém morre senão pela vontade de Deus..."

CAPÍTULO V

COMO ADMINISTRAR?

Como fazem as famílias para administrar?

Como organizam o uso do disponível para alcançar o desejado?

Não o sabemos. Até agora as Ciências Sociais não nos forneceram os elementos que nos permitiriam dar uma resposta. Tentativas têm sido feitas no sentido de focalizar o assunto a partir de diferentes ângulos, mas os resultados não foram suficientemente satisfatórios de modo a explicar a atuação das famílias, nem ditaram normas gerais que permitam ajudá-las de forma integral, e não apenas em aspectos isolados de suas tarefas administrativas.

A nosso ver, o principal motivo de os especialistas em administração do lar terem experimentado sérias dificuldades em descobrir o "como" ou o que fazem as pessoas é a existência de muitos "como", pois as pessoas fazem várias coisas diferentes para alcançar o mesmo fim. Se o desejado, o disponível e as tomadas de decisão variam, é natural que também variem as formas de administrar.

Sugerimos, a seguir, três meios de verificar o que fazem as pessoas, a fim de compreendermos sua administração e refletirmos sobre as nossas possibilidades de colaborar para que realizem seus desejos.

Inicialmente, faremos a comparação do padrão ideal de atividade com o padrão real ou observado. Neste caso, partimos da premissa de que o padrão verbalizado representa o modelo que se deseja adotar e o que se faz representa, juntamente com os conhecimentos de administração disponíveis, aquilo que mais se assemelha ao desejado.

Em seguida, estudaremos as técnicas de simplificação do trabalho, vistas como possíveis formas de aproveitar os recursos disponíveis para cumprir as tarefas domésticas com um mínimo de esforço e de dar conta do trabalho nos casos em que as condições físicas são precárias, é escasso o equipamento mecânico disponível, há poucas pessoas para ajudar, é grande o volume de trabalho e há interesse em liberar o tempo a fim de dar-lhe outro destino.

Por último, examinaremos as práticas financeiras, procurando isolar as que fazem parte da administração do mundo atual, que cada vez depende mais do dinheiro para obter outros recursos e realizar o desejado.

CAPÍTULO VI

PADRÕES DE ATIVIDADE

Como vou secar a roupa?

Quem vai cuidar do bebê enquanto preparo o almoço?

Devo novamente esquentar o ferro de engomar?

Quando as crianças crescerem me verei livre da tarefa de trazer água e lenha para casa?

Não é verdade que todos os dias são iguais, iguais, iguais?

O tempo passa e é impossível detê-lo. Sempre o usamos, quer realizando atividades produtivas, quer vendo-o correr. Sua passagem, porém, deixa marcas nas pessoas e nas coisas.

A forma de empregar o tempo cria padrões de atividade que são tão próprios do lugar a que se referem que é impossível generalizar. É por isso que quisemos divulgar os padrões extraídos em San Isidro (Costa Rica), que acreditamos não serem idênticos aos de nenhum outro lugar, mas servem para dar uma idéia de como as pessoas pretendem e podem ordenar suas tarefas enquanto vêm o tempo passar.

Tendo em vista conhecer esses padrões, fizemos um estudo de dezenove donas-de-casa aleatoriamente escolhidas numa comunidade rural costarrriquenha. O espaço de tempo pesquisado correspondeu ao dia de uma dona-de-casa, limitado pelos atos de levantar-se de manhã e pôr as crianças na cama à noite.

Estabelecemos o padrão de atuação a partir dos dados observados nas dezenove casas durante um período diário médio de treze horas e meia. Do padrão de imagem recolhemos duas versões: de um lado, o predito ou o projetado e, do outro, o recordado. Na véspera da observação, cada dona-de-casa indicou, por ordem, as atividades que pensava realizar no dia seguinte. No dia seguinte à observação, foram registradas, também por ordem, suas lembranças do que havia feito. Todos os dados foram coletados durante o ano escolar, excluídos os domingos.

Todas as donas-de-casa viviam no povoado com seus maridos e a média de seis filhos, dos quais um pelo menos tinha idade pré-escolar. Antes de compor a amostra, eliminamos da escolha as mulheres que trabalhavam fora o dia inteiro, como, por exemplo, professoras e comerciárias. No grupo selecionado foram incluídas cinco que periodicamente trabalhavam fora e esporadicamente se dedicavam a manufaturas caseiras.

Todas as casa das famílias objeto desse estudo tinham dimensões e facilidades parecidas. Com isso se limitavam as possibilidades de variação e se facilitava o levantamento de padrões.

Para analisar os dados, dividiu-se o dia em cinco períodos ou lapsos, limitados pelas variáveis independentes dos cinco primeiros minutos correspondentes ao preparo do café da manhã, do almoço, da merenda e do jantar. Foram levados em conta esses preparativos porque eram genéricos ou comuns a todas as famílias estudadas, ainda que se processassem em diferentes horários.

Os dados observados foram consignados em unidades de minutos. Em consequência, eliminaram-se, por razões práticas, às atividades cuja duração contínua não chegou a cinco minutos.

O agrupamento das atividades de uma dona-de-casa foi feito valendo-se dos afazeres mencionados pelas mulheres; a esta classificação preliminar foram acrescentadas outras tarefas observadas, obtendo-se oito grupos principais, com quinze subgrupos aparentemente importante para a cultura, assim configurados:

- I. Preparo e serviço de alimentos.
 - A. Moer milho. Esta tarefa foi classificada à parte, porque com frequência era desempenhada por outras pessoas.
 - B. Fazer tortillas. Esta tarefa sempre foi mencionada como uma atividade específica.
 - C. Preparar outros alimentos, servir e comer.
- II. Cuidados com a casa.
 - A. Limpar a cozinha, inclusive lavagem da louça e outros utensílios.
 - B. Limpar e arrumar outros cômodos da casa, fora da cozinha.
 - C. Carregar água. Esta poderia destinar-se à cozinha, à lavagem de roupa e à limpeza da casa.
Esta tarefa às vezes era confiada a outros membros da família.
- III. Cuidados com a roupa.
 - A. Lavar. O processo em geral adotado era o de ensaboar algumas peças e enxaguar outras, sem que necessariamente a lavagem se concluísse num só dia.
 - B. Passar a ferro.
 - C. Costurar. As mulheres que se ocupavam de costurar, iniciavam e terminavam a peça no mesmo dia da observação.
- IV. Cuidados com os filhos.
 - A. Cuidados rotineiros e normais que compreendiam alimentá-los, banhá-los, vesti-los, aprontá-los para a escola e colocá-los na cama.
- V. Recreação.

- A. Escolhida ou "esperada", consistia principalmente em conversas à tarde ou depois do jantar.
- VI. Cuidado pessoal.
 - A. Cuidado físico.
- VII. Cuidado dos animais.
 - A. Vacas. (O tempo dispensado ao trato de outros animais foi pouco e por isso classificado em VIII-B).
- VIII. Interrupções, circunstâncias inesperadas e de força maior.
 - A. Causadas por doenças dos filhos, atividades especiais ou funções de guia.
 - B. Produzidas por outras causas que abrangiam várias atividades, geralmente de pouca duração, e por pausa no trabalho para conversar com a observadora.

Os padrões de atividades foram extraídos combinando-se em cada um dos cinco períodos ou lapsos os três índices seguintes:

- Presença: participação na atividade.
- Repetição: quando a tarefa era cumprida pelo menos mais de uma vez pela metade das mulheres.
- Seqüência: quando pelo menos três mulheres realizavam a tarefa em idêntica ordem.

Da aplicação dos índices aos dados coletados com base nas observações e nas entrevistas foram recolhidos os padrões de atividade comparados no Quadro 2.

A análise desses padrões mostrou que as imagens do padrão projetadas e lembradas se assemelhavam muito em conteúdo e seqüência, enquanto que o padrão observado indicou mais detalhes e variações. A semelhança dos padrões de imagem faz-nos pensar que ambos representam um dia ideal, pois se as recordações refletissem a recapitulação das atividades do dia anterior deveriam ter sido mais fiéis ao padrão observado.

QUADRO 2

Comparação de padrões de atividades *

Padrão da atuação		Padrão da imagem da atuação	
Observação	Projetos	Lembranças	
	(asseio pessoal)	(asseio pessoal)	
Período I			
moer milho			
fazer tortillas			
----- CAFÉ -----	CAFÉ-----	CAFÉ-----	
(cuidar dos animais)	(cuidar dos animais)		
Período II			
LIMPAR A COZINHA			
(moer milho)	moer milho		moer milho ou fazer tortillas
			cuidar dos animais,
			cuidar das crianças
			ou limpar a cozinha

	FAZER TORTILLAS ou limpar a cozinha CUIDAR DAS CRIANÇAS ou limpar a cozinha LIMPAR A CASA cuidar das crianças	FAZER TORTILLAS	FAZER TORTILLAS
Período III	----- ALMOÇO ----- LIMPAR A COZINHA PREPARAR ALIMENTOS LIMPAR A COZINHA CUIDAR DAS CRIANÇAS limpar a cozinha LIMPAR A CASA LAVAR ROUPA	----- ALMOÇO ----- LIMPAR A COZINHA LIMPAR A CASA cuidar das crianças LAVAR ROUPA	----- ALMOÇO ----- LIMPAR A COZINHA LAVAR ROUPA lavar roupa ou limpar a casa (asseio pessoal)
Período IV	(asseio pessoal) (carregar água) PREPARAR ALIMENTOS CUIDAR DAS CRIANÇAS ou lavar roupa ----- MERENDA ----- RECREAÇÃO	----- MERENDA ----- passar	----- MERENDA ----- recreação ou costura
Período V	lavar roupa ou costurar ----- JANTAR ----- RECREAÇÃO ou costura PREPARAR ALIMENTOS preparar alimentos ou recreação (passar) preparar alimentos LIMPAR A COZINHA PREPARAR ALIMENTOS	----- JANTAR ----- (recreação)	----- JANTAR ----- LIMPAR A COZINHA PREPARAR ALIMENTOS ou recreação (passar) CUIDAR DAS CRIANÇAS
	CUIDAR DAS CRIANÇAS ou preparar alimentos recreação ou preparar alimentos cuidar das crianças recreação cuidar das crianças	CUIDAR DAS CRIANÇAS preparar alimentos	CUIDAR DAS CRIANÇAS preparar alimentos ou cuidar das crianças cuidar das crianças

* As letras maiúsculas indicam as atividades levadas a cabo, projetadas ou rememoradas pelo menos pela metade das donas-de-casa e que constituem os padrões predominantes. As minúsculas assinalam as atividades levadas a cabo, projetadas ou rememoradas por menos da metade das mulheres. Os parênteses indicam inserções nos padrões predominantes baseadas na sequência provável das atividades dentro do período.

Comentando os padrões de atividade...

Do Período I:

- Muitas crianças permaneciam na cama até que o café fosse servido. Por essa razão, geralmente não estavam previstos nem se dispensavam, neste período, cuidados às crianças, e tampouco ocorriam interrupções nos trabalhos por esse motivo. Embora as mulheres pretendessem destinar e rememorassem haver destinado tempo para seu cuidado pessoal antes do preparo do café da manhã, poucas empregaram cinco minutos consecutivos para fazê-lo. Talvez as mulheres tivessem cuidado do seu asseio antes da chegada da observadora; entretanto, aparentemente tal não era o caso, já que muitas dormiam vestidas com roupas comuns que, quando trocavam, o faziam depois de se lavarem no Período III.
- Embora não tivessem mencionado para antes do café as atividades de moer milho e preparar *tortillas*, estas foram as únicas levadas a cabo por algumas mulheres no Período I, sem entretanto constituir regra geral. Isto explica a observação de que em muitas casas o café não era acompanhado de qualquer alimento sólido.

Durante o Período II:

- As mulheres que possuíam vacas planejavam ordenhá-las e o faziam, evidenciando que essa atividade teria feito parte do padrão geral se maior número de famílias possuíssem esses animais.
- Mesmo que não tivessem projetado limpar a cozinha depois do café, esta foi a tarefa mais habitual. Aparentemente a isso eram forçadas pela necessidade de disporem de espaço para o preparo das *tortillas*.
- Preparar *tortillas* representou a atividade dominante, desempenhada com o propósito de tê-las “frescas” para o almoço. Somente uma dona-de-casa repetia esta operação para o jantar. As demais ofereciam *tortillas* requentadas ou não as serviam.
- As atividades cumpridas para atender ao cuidado das crianças abrangeram: banhá-las, vesti-las, aprontá-las para a escola e, no Período V, colocá-las na cama. Embora estas fossem tarefas que mais da metade das mães executou em todos os períodos estudados, à exceção do primeiro, só constou do padrão de imagem para o último espaço de tempo de, pelo menos, metade das mulheres. Talvez o cuidado com as crianças não fosse considerado como parte dos afazeres domésticos. É possível que o vissem como uma atividade que podia ser delegada a outros membros da família ou como parte das demais tarefas da casa.
- As mulheres não projetavam a imagem de limpar e arrumar a casa antes do preparo do almoço. Apesar disso, essa atividade era iniciada no Período II e depois continuada.

No Período III:

- O preparo do almoço era habitualmente interrompido pelas crianças que pediam para comer em diferentes horários. Como as mulheres não apresentaram esta imagem, é óbvio que o fato não era nem incômodo nem importante para elas. Aparentemente seu ideal seria dar conta do preparo, serviço e consumo do almoço numa única operação.

- Os padrões de atuação e de imagem são coincidentes no que se refere a limpar a cozinha após o almoço.
- Terminado o almoço, seguia-se o período aparentemente preferido para a limpeza da casa e a lavagem da roupa. Apesar de não terem sido verbalizadas em outros horários, essas duas tarefas figuram como cumpridas no padrão a eles correspondentes.
- Aparentemente, também o Período III era o preferido para o cuidado físico, ao qual eram destinados mais de cinco minutos. As mulheres costumavam fazer sua higiene pessoal depois da lavagem de roupa, enquanto se encontravam na fonte.
- Este foi o tempo mais usado para o transporte de água para dentro de casa. Não representou, porém, uma atividade dominante, pois com frequência era delegada a outros membros da família, só ficando a cargo da dona-de-casa quando não havia quem o fizesse ou quando esta retornava a casa depois de lavar a roupa.

No decorrer dos períodos IV e V:

- A recreação, em que conversar se destacou como a principal atividade, figurou no padrão de atuação de pelo menos metade das mulheres. Embora a imagem por elas projetada tivesse incluído recreação, não correspondeu à real intensidade desta. A observadora teve a impressão de que a recreação, em si, não era plenamente aprovada pelas donas-de-casa, embora elas procurassem formas de descansar ajustadas aos meios de controle social.
- O preparo de alimentos correspondente ao Período IV, mais do que uma continuação da merenda, constou da cocção de milho e feijão.
- A tarefa de passar roupa foi projetada como possível atividade para antes do preparo do jantar. Entretanto, foi executada e lembrada no último período do dia. Possivelmente a destinação deste horário para cumpri-la se deveu ao desejo de trabalhar sem interrupção, depois que as crianças estivessem na cama, e de evitar-lhes o risco de queimaduras com o ferro de engomar. As mulheres também passavam roupa em outros horários, porém o faziam rapidamente, como parte das tarefas de aprontar as crianças para a escola, ou seja, de cuidar dos filhos.

Como querem as mulheres organizar seu tempo?

Segundo a evidência constatada, seu maior desejo parece ser o de trabalhar por períodos relativamente longos e continuados, sem interrupção. A nosso ver, um indicador dessa aspiração está na ausência de uma imagem de participação repetida relativamente a qualquer atividade e período. O reduzido número de donas-de-casa que foram observadas repetindo atividades faz pensar em que, de modo geral, realizaram essa aspiração, excetuando-se o referente ao Período III.

No preparo de alimentos as mulheres tiveram menos sucesso em satisfazer seu desejo de participação contínua até a conclusão de um trabalho.

Na prática, observou-se o preparo das refeições entremeado com o serviço da comida. Quase nunca essas duas tarefas foram mencionadas separadamente. Tampouco observamos esforços no sentido de reunir todos os membros da família para comerem juntos. Neste caso, a repetição de tarefas pode ser um reflexo da necessidade de servir aos que

vinham comer em horários diferentes. Embora se observasse escassez de pratos e talheres, que dificultaria atender a todos simultaneamente, a prática de lavar alguns utensílios e continuar servindo teria permitido que as refeições fossem preparadas e servidas em seqüência.

O desejo de trabalhar ininterruptamente também foi evidenciado pelas ordens que as mães davam aos filhos no sentido de que não interrompessem a tarefa de preparar tortilhas. Esta ocupava em média quarenta e oito minutos diários e devia ser concluída antes do almoço.

O desejo de trabalhar continuamente até a conclusão de uma tarefa distinguiu-se como meta da qual as mulheres estavam cômicas e que procuravam atingir. O meio empregado com maior freqüência para esse fim consistia em delegar a outros membros da família as atividades que pudessem interromper a seqüência do trabalho. Repetidas vezes as crianças eram despachadas em "mandados" e convocadas para colaborar, sem que fosse levado em conta o que faziam no momento.

As mães esperavam algum tipo de ajuda de seus filhos desde bem pequenos. Ao lhes ser perguntado "que idade têm os filhos quando começam ajudar nos trabalhos domésticos", suas respostas abrangeram os limites de três e quatorze anos, com a média de seis anos. Como as crianças costarriquenhas ingressam na escola a partir dos sete anos de idade, as mães esperam que seus filhos as ajudem antes mesmo de aprenderem a ler, escrever e contar.

Uma vez que todas as mulheres tinham filhos pré-escolares e quase a metade um filho de menos de um ano, esperávamos uma incidência relativamente alta de cuidados dispensados às crianças e de interrupções por parte dos filhos. As interrupções que ocorreram poucas vezes atingiram cinco minutos consecutivos e, por esse motivo, não fizeram parte do padrão de atuação predominante. Tampouco figuraram no padrão de imagem.

Durante o dia, quando as exigências das crianças ameaçavam interromper uma atividade em andamento, as mães em geral pediam a um filho mais velho que cuidasse do irmão.

Do exame do padrão das atividades e dos resultados das observações poderíamos concluir que as mulheres estudadas não planejavam a longo prazo. Todavia, no decorrer das suas atividades tiveram bastante oportunidade de comunicar, motivar, coordenar e adaptar.

Talvez lhes fosse útil uma análise mais cuidadosa dos processos empregados para cumprir as tarefas. Esta lhes permitiria visualizá-los com maior clareza e propiciaria as bases para que ditassem ordens e recomendações mais precisas aos filhos.

Com esses aspectos em mente, passaremos à discussão dos fundamentos da simplificação do trabalho, que ilustraremos com exemplos extraídos dessas mesmas famílias.

Experiências sugeridas

1. **Leia Antropología de la pobreza, de Oscar Lewis. Identifique o padrão de atividades e comente-o.**

2. Procure indicar um padrão de atividades dos membros da sua família para um dia de trabalho (útil) e um domingo. Mencione como o elaborou (observação, perguntas, memória e outras técnicas).

Até que ponto lhe parece que o padrão que você indicou é estável ou variável? Em que circunstâncias varia ele?

CAPÍTULO VII

A SIMPLIFICAÇÃO DO TRABALHO

Há algum impedimento físico que limite o uso do seu corpo?

Sofre de alguma doença que reduza a força que poderia empregar nas suas atividades domésticas?

Termina o dia exausta?

Na sua opinião, os resultados do seu árduo trabalho jamais aparecem?

Vê com tristeza o dia chegar ao fim sem que tenha conseguido terminar suas tarefas?

Sonha em dispor de tempo para fazer alguma coisa fora da rotina diária?

Há afazeres que não lhe agradam?

Como cumprir as tarefas com um mínimo de desgaste dos recursos humanos ou materiais disponíveis?

Que conjugação de esforço pessoal, serviço de terceiros e força mecânica convém à família para conservar o lar e a propriedade da maneira mais agradável possível para seus membros?

A simplificação do trabalho aproxima-nos de alguns princípios norteadores que permitem que se formule e concretize essa combinação.

A origem da simplificação do trabalho encontra-se nos interesses das indústrias em reduzir o custo da produção e aumentarem o lucro. Para isso incentivaram seus técnicos e engenheiros a desenvolverem sistemas para simplificar o trabalho. Mais tarde, esses princípios adaptaram-se e estenderam-se aos trabalhos domésticos e agrícolas.

A simplificação do trabalho é formalmente definida como o meio de realizar mais trabalho com determinado investimento de tempo e esforço, ou a redução do investimento de um ou de ambos os fatores para realizar determinado volume de trabalho. Em outras palavras, representa a técnica cuja aplicação permite realizar-se certo trabalho usando menos tempo e/ou esforço, ou mais trabalho mediante o emprego do mesmo esforço e/ou tempo.

Alguns autores propuseram uma série de perguntas a fim de despertar o interesse por aspectos capazes de provocar mudanças conducentes à simplificação do trabalho (6, p. 23). Com isso procuravam conscientizar as donas-de-casa do seguinte:

- qual é a tarefa;
- por que se executa a tarefa;
- onde se executa a tarefa;
- quando se executa a tarefa;
- quem executa a tarefa;
- como executa a tarefa?

Mundel estabeleceu cinco níveis de mudança que logo Gross e Grandall concentraram em três, com vistas a torná-los aplicáveis a todos os tipos de cultura (53, p. 46-48) (Quadro 3).

Nível I

Inclui mudanças somente no uso do corpo; o local de trabalho, o equipamento e os produtos permanecem inalterados.

Uso do corpo. Como o leitor amanheceu hoje? Entusiasta ou desanimado? Com vontade de conquistar o mundo ou de voltar a dormir?

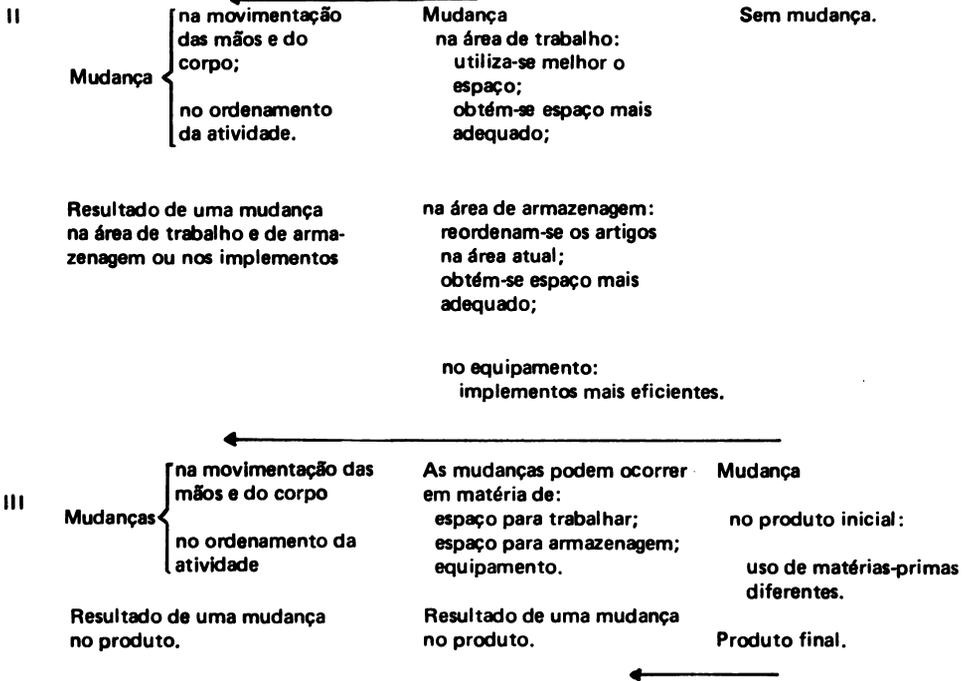
Via de regra, a resposta que você dá a essas perguntas caracteriza sua capacidade de trabalho. É claro que essa capacidade varia de acordo com o sexo, a idade, o estado geral da saúde física e mental, a alimentação, as horas de sono e as oportunidades de descanso e recreação.

QUADRO 3

Níveis de mudança

Nível	Atividade do trabalhador	Area de trabalho e de armazenagem e implementos	Produto
I	Mudança na movimentação das mãos e do corpo;	Sem mudança.	Sem mudança.

no ordenamento da atividade.



Transcrito de GROSS, IRMA H. e CRANDALL, ELIZABETH W. *Management for modern families*. 2a. ed. N.Y., Appleton-Century-Crofts, 1963. Quadro 10-4, p. 305. Tradução e reprodução autorizadas pelos editores e autoras.

O corpo é a máquina mais valiosa de que dispõe o homem; por isso, é importante cuidá-lo e aprender a usá-lo. Muitas donas-de-casa contam com um mínimo de implementos, além do próprio corpo e do corpo de seus familiares; muitas inconscientemente os usam com eficiência; em outros casos, porém, faz-se necessário difundir normas que promovam o adequado funcionamento do corpo humano.

É graças à aprendizagem consciente que as mulheres equilibram sua trouxa de roupa no alto da cabeça ou carregam o pote de água do rio a casa? Sabem as índias que estão aplicando algum princípio relacionado com o bom uso do corpo quando carregam o bebê nas costas enquanto tecem ou fazem a colheita?

Os critérios para uma postura física correta ajudam a manter a boa aparência e facilitam e adequada mecânica corporal.

A coluna vertebral representa um suporte natural cuja finalidade é amortecer o impacto de certos choques produzidos pela ação de caminhar ou trabalhar. Liga os três centros de peso compostos pela cabeça, o tronco e os quadris. Quando mantidos na sua posição natural, os músculos realizam um esforço mínimo, que se intensifica quando a tarefa requer curvatura. Por esta razão, costumamos sentir dor nas costas quando repetidas vezes alçamos objetos pesados. Pode ocorrer, então, que não só sintamos a dor causada pelo excessivo uso dos músculos, como também que estes percam sua elasticidade e, pouco a pouco, sua capacidade de sustentar-nos.

Há mulheres cuja fase em que devem cuidar de crianças pequenas é relativamente curta e cuja situação econômica lhes permite a aquisição de máquinas que facilitam ou executam com rapidez alguns afazeres mais pesados. Todavia, em muitos países da América Latina esse fato não se reproduz; a família geralmente numerosa faz com que durante muitos anos as mães tenham filhos pequenos para carregar e a escassez de dinheiro as impede de comprar certos equipamentos, como um carrinho de bebê, por exemplo, que suavizariam um pouco o seu trabalho.

Se a isso acrescentarmos o fato de que "carregar crianças" é uma das primeiras tarefas dos filhos, pois é muito comum que os mais velhos tenham entre as suas responsabilidades a de carregar nos braços os irmãozinhos, compreendemos como é importante que aprendam desde cedo a fazer bom uso do corpo, já que, antes mesmo de terminarem o crescimento, são forçados, pelo peso que carregam, a alterar seu equilíbrio natural.

Sobre a matéria já se fizeram muitas sugestões, cuja adoção facilita o uso do corpo de forma mais adequada. A seguir, procuraremos anotá-las e ilustrá-las com exemplos positivos e negativos:

1. Manter as partes do corpo em linha reta o maior tempo possível:
 - a) ao levantar peso, procurar dobrar os joelhos e manter a coluna vertebral em linha reta;
 - b) para executar alguma tarefa prolongada, procurar fazer com que a superfície de trabalho fique a uma altura que permita manter, de pé ou sentado, o corpo em boa postura.

Embora tradicionalmente as pessoas sejam aconselhadas a se sentarem para "poupar" energia, resultados de pesquisas apontam mudanças no conceito de energia, tanto do ponto de vista científico como do humano.

Poucas tarefas domésticas consumirão calorias a ponto de causar um sério desgaste da energia metabólica. A posição sentada, em comparação com a de pé, tampouco consome um número significativamente menor de calorias. Além disso, será também menos confortável se a cadeira não permitir que o corpo se acomode direito, com os pés à frente e uma pressão mínima sobre os músculos, e se a tarefa exigir que a todo instante a pessoa se levante (9). Por isso, às vezes é aconselhável que as pessoas se sentem e se levantem alternadamente e só permaneçam sentadas quando a atividade se desenvolver num único lugar.

Que observamos nas mulheres costarrriquenhas?

- Uma dona-de-casa dobrava a cintura, mantendo retos os joelhos, para limpar restos de comida presos ao fundo de uma panela colocada sobre o chão.
- Algumas se inclinavam para passar roupa sobre um banco ou sobre a cama; outras se mantinham corretamente de pé diante de uma mesa.

- Algumas que guardavam lenha debaixo do fogão dobravam a cintura e não os joelhos para retirá-la; outras a guardavam no alto e eram obrigadas a estirar os braços para apanhá-la.
 - Algumas mulheres, não todas, se sentavam quando as atividades eram desempenhadas num único lugar, como, por exemplo, as de dar comida ou mamadeira aos filhos, costurar ou remendar, escolher café ou feijão, descascar verdura, dobrar roupa e guardá-la, fazer visitas. Não se observou nenhuma que se sentasse para passar roupa.
2. Carregar objetos pesados tão próximo do corpo quanto possível. Manter os braços estendidos requer muito mais esforço muscular do que deixá-los na sua posição natural, principalmente se estiverem carregando algum peso.

Talvez por isso:

- Ao carregarem água, as mulheres equilibrassem dois recipientes de igual peso, um em cada mão, com os braços junto ao corpo, ou usassem uma vara que permitia a divisão do peso com outra pessoa, geralmente um filho.
3. Evitar levantar objetos pesados.
- Para não fazê-lo sozinhas, as mulheres solicitavam ajuda para acomodar sobre a cabeça a bacia com roupa molhada.
4. Desenvolver práticas rítmicas de trabalho, de modo que, em cada par de músculos, um descansa enquanto o outro funciona. Os trabalhos que requerem a contração simultânea de ambos, se forem continuados, resultam muito cansativos.
- A prática mais rítmica que observamos em Costa Rica ocorreu no preparo de tortillas. Algumas mulheres muito hábeis sovavam, assavam e guardavam as tortillas com economia de movimentos.
5. Pôr em prática princípios sobre o bom uso das mãos, desenvolvendo especialmente o hábito de empregar ambas, a fim de que: as duas mãos iniciem e terminem seu movimento ao mesmo tempo;
salvo para descansar, as duas mãos não permaneçam simultaneamente inativas;
os movimentos dos braços sejam feitos em direções opostas.

Observamos que:

- Algumas mulheres usavam ambas as mãos com muita agilidade para escolher feijão.
- Muitas delas, ao guardarem os pratos limpos na prateleira, seguravam cada prato com uma das mãos e o guardavam com a outra, quando poderiam ter usado uma mesa para colocar todos os pratos e as duas mãos para guardá-los.

Ordenamento da atividade. A seqüência em que a pessoa executa o trabalho pode alterar o uso do corpo. Por essa razão, costumam-se fazer estas recomendações:

1. Considerar o roteiro percorrido. Dado que movimentar o corpo consome calorias, a pessoa que quiser poupá-las deverá mover-se de tal forma que não precise repetir seu trajeto. Por exemplo, em lugar de fazer várias viagens, poderá apanhar de uma vez tudo aquilo de que vai necessitar.
- Muitas donas-de-casa costarrriquenhas entravam repetidas vezes no quarto de dormir para apanhar batatas e levá-las para a cozinha (como as casas eram pequenas, sem despensa, e as cozinhas permaneciam abertas e sujeitas a roubo, muitas coisas eram guardadas nos quartos).

2. Reunir todos os elementos indispensáveis à execução da tarefa, para que não seja preciso interrompê-la a fim de buscar alguma coisa.

Observamos que:

- Uma senhora, depois de sentar-se para costurar, fez seis viagens para reunir o material de que necessitava.
 - Outra sentou-se para coser; levantou-se para buscar a peça de roupa a ser remendada; mandou a filha que brincava ir buscar pano para o remendo; levantou-se à procura da tesoura e outra vez para buscar a linha.
 - Uma terceira dirigiu-se ao quintal, dizendo que ia varrê-lo, e logo pediu a filha que fosse a casa buscar a vassoura.
 - Duas mães deixaram sobre a mesa os filhos que haviam acabado de banhar para buscar roupa limpa com que vesti-los.
 - Em nenhum caso em que a dona-de-casa se ocupava pessoalmente da lavagem de roupa na fonte foi forçada a voltar a casa para buscar qualquer material necessário a esse trabalho.
3. Aproveitar o período de expectativa forçada no decorrer de um trabalho para ocupar-se do outro.
 - Muitas mulheres permaneciam inativas enquanto as crianças iam ao armazém buscar arroz. Depois, ficavam paradas junto ao fogão enquanto o arroz cozinhava.
 4. Eliminar ou combinar partes do trabalho.
 - Oito mulheres jogavam cascas de ovo e de verdura no chão e depois o varriam. Somente três donas-de-casa colocavam o lixo diretamente num recipiente próprio.
 5. Reconsiderar a ordem diária dos trabalhos e, quando possível, fazer primeiro os mais importantes.

Os fatos constatados em Costa Rica suscitaram-nos algumas dúvidas, tais como:

- Quais são as vantagens e desvantagens de passar roupa à noite?
 - No inverno, estação chuvosa e de pouco sol, por que tantas donas-de-casa fazem as tortillas pela manhã, antes da lavagem da roupa?
 - Por que tantas tarefas são executadas na última hora?
Seis donas-de-casa passaram peças de roupa no momento em que seus familiares precisavam vesti-las.
Cinco remendaram roupa na hora em que seu uso era necessário.
Uma fechou com pontos a blusa que sua filha vestia, nos lugares em que faltava botão.
6. Se possível, terminar uma tarefa antes de passar a outra. Deste modo faz-se melhor uso do período de "aquecimento", que consiste em utilizar a adaptação do corpo à posição e movimentos adotados.
Poder-se-á aproveitar melhor esse período não começando um trabalho que sabidamente não será concluído por falta de tempo.
Pensemos nas costarriquenhas:
 - Em alguns casos, começavam a "bater" a roupa poucos minutos antes de as crianças regressarem da escola para almoçar.

- Uma dona-de-casa guardou a esponja de aço dentro de um vaso colocado na prateleira sobre a pia e três minutos depois a retirou para lavar uma panela.
7. Alternar trabalhos leves e pesados. Procurar limitar as horas diárias de trabalhos pesados.
- A prática generalizada das donas-de-casa do meio rural costarriquenho de não completarem a lavagem de roupa no mesmo dia representa uma aplicação do princípio da dosagem do tempo dedicado ao trabalho mais pesado.

Desenvolvimento de destrezas. Está intimamente relacionado com mudanças próprias do Nível I. A destreza é o domínio do corpo orientado para a execução de alguma tarefa da qual a mente tem conhecimento. A destreza se desenvolve com a prática. A aprendizagem de métodos efetivos a partir do começo e sob a orientação de pessoas dotadas de habilidade e conhecimento, capazes de dar exemplos e apontar as raízes das nossas dificuldades, é muito mais eficaz do que a aprendizagem pelo processo de "aprender errando".

Em San Isidro, observamos que os filhos aprendiam, na maioria das vezes, por imitação dos pais e sem que deles recebessem instruções verbais claras e suficientes. Em alguns casos as mães comentaram que o trabalho dos filhos não prestava, mas que era necessário acostumá-los e mantê-los ocupados, mesmo que depois um adulto tivesse de terminar ou refazer a tarefa.

Em nenhuma das casas as filhas preparavam tortillas, embora ajudassem a moer o milho. Fazer tortillas é parte importante do papel dessas donas-de-casa, e embora muitas mães comentassem as dificuldades que haviam tido de vencer para aprender a fazê-las, quando se casaram, nenhuma instruía as filhas a respeito, a fim de dar-lhes oportunidade de adquirirem destreza e evitarem futuros inconvenientes.

Se é pela prática que se adquire, mantém e aumenta a destreza, é importante a ela ter-se acesso. Muitas vezes as mães solicitavam a ajuda dos filhos. Algumas o faziam para não interromperem a seqüência do próprio trabalho, outras para mantê-los entretidos ou ocupados com alguma coisa, e outras, para dar-lhes ocasião de aprender.

Somente uma das mães incluídas na nossa pesquisa indicou ser este o motivo por que destinava tarefas aos filhos.

Não sendo este o critério geral, é fácil visualizar os obstáculos com que as novas gerações defrontarão para adquirirem destrezas.

Nível II

As mudanças neste nível incluem as introduzidas na área destinada ao trabalho e à armazenagem, assim como nas ferramentas e implementos empregados. Estas modificações afetam o uso do corpo e o processo de execução do trabalho e podem exigir o desenvolvimento de novas habilidades. Além disso, é provável que exijam investimento financeiro para a aquisição de equipamento, assim como a presença de certos serviços na comunidade ou dentro de um raio razoável de transporte ou contato, e requeiram o uso da aptidão dos vários membros da família para aprontar o local, preparar o equipamento ou mantê-lo em condições de uso.

É importante que se leve em conta a altura da superfície de trabalho e do local onde é guardado o equipamento, pois esta pode facilitar ou dificultar o bom uso do corpo. Há alturas padronizadas, porém a estatura das mulheres típicas e as escalas comuns podem variar de país para país. À primeira vista parece que as mulheres latino-americanas têm

estatura média inferior à das norte-americanas. Conclui-se daí que o equipamento padronizado pelas medidas destas será desconfortável para uso daquelas.

Embora não disponhamos de informações emanadas da América Latina sobre altura e alcance cômodos para os braços, podemos citar um exercício sobre o tema que foi incluído no Segundo Curso Internacional de Economia Doméstica realizado no Uruguai (4). O Quadro 4 mostra as alturas indicadas como preferidas para o desempenho de algumas tarefas.

QUADRO 4

Alturas preferidas para atividades domésticas

Atividade	Altura média preferida (em centímetros)
Passar roupa	79
Fazer massa	80
Lavar louça	76
Prateleira mais alta de onde alcançar os utensílios com uma das mãos	196
Prateleira mais alta de onde alcançar os utensílios com as duas mãos	190

Nesse trabalho se faz um comentário, que nos parece criterioso, a respeito de que "o tipo comum de fogão a lenha tem a altura de 90 centímetros, obviamente excessiva para que as mulheres possam olhar dentro das panelas e mexer os alimentos que estão cozinhando. O problema é agravado pela grande aceitação que estão tendo os fogareiros a querosene (refere-se a um tipo especial usado na Zona Sul). Estes têm aproximadamente 20 a 25 centímetros de altura e amiúde são colocados sobre a mesa de trabalho. Em consequência, quando se tem de revolver a carne ou outros alimentos, é necessário descer as panelas" (4, p. 2).

Embora exista bastante informação publicada a respeito de arrumação de cozinha (50, 58), baseada na lógica e em testes realizados fora da América Latina, carecemos de dados sobre o arranjo mais adequado aos costumes latinos. Timony (34, p. 97-98) relata o ocorrido em uma comunidade brasileira, onde os arquitetos tiveram que desistir da colocação do fogão num local em que haveria melhor aproveitamento do espaço, para atender ao desejo social das donas-de-casa de conversarem com as visitas enquanto preparavam a comida, para cujo fim se prestava o fogão tipo "península", o preferido.

Seria bastante útil o exame das razões pelas quais, na cultura latino-americana, persistem certas formas de distribuição do espaço.

Os princípios que se afiguram mais genéricos incluem:

- Deixar espaço para o trabalho suficiente e a uma altura adequada em ambos os lados dos centros de limpeza e preparo dos alimentos e, se possível, também na área de armazenagem. Isto facilita o uso da superfície para nela apoiar o material, deixando livres as mãos.
Também permite a organização do trabalho de modo a haver movimentos rítmicos de um lado para outro, ao invés da necessidade de cruzar as mãos ou de apanhar objetos colocados à distância.
- Guardar utensílios, equipamento e material de limpeza em lugar de alcance imediato.
- Manter material de pequeno porte em mais de um lugar (por exemplo, panos de limpeza em cada cômodo ou saponáceo no banheiro, na cozinha e na lavanderia).
- Usar bandejas e cestas ou mesas rolantes para transportar, respectivamente, objetos pequenos ou pesados.
- Guardar os artigos onde seja fácil vê-los e alcançá-los.
- Aproveitar a área de fácil alcance para armazenar os alimentos de uso mais freqüente.
- Manter bem iluminada a área de trabalho.
- Dispor de cadeiras cômodas onde sentar para realizar certas tarefas.
- Manter em ordem o equipamento adequado à execução de cada tarefa.
- Utilizar móveis e material de construção que exijam o mínimo de cuidado.

À parte a cozinha, não estudamos a fundo as necessidades de armazenagem. A existência de artigos para serem guardados pode influir na construção da casa e pressionar mudanças. Em Costa Rica, as casas estudadas eram pequenas e com poucos lugares destinados à guarda de objetos. Para levantar informações a respeito dos problemas de armazenagem, perguntou-se às donas-de-casa se guardavam roupas de vestir, de cama e de mesa, assim como artigos de casa para uso em ocasiões especiais.

Da enumeração feita, a maioria somente guardava a roupa de usar aos domingos. Quanto aos outros artigos mencionados, elas não os possuíam ou faziam uso diário dos que estavam disponíveis. A roupa que não se usava diariamente era guardada em baús ou caixas de papelão.

Aparentemente as famílias dispunham mais de artigos de casa que excediam às necessidades de uso diário do que de roupa de cama. Com freqüência os filhos dão de presente às mães, no Dia das Mães ou no Natal, uma xícara com pires que logo é usada para as visitas. Como a roupa de cama é unitariamente mais cara, não é adquirida como presente com tanta facilidade.

No tocante à roupa guardada, as senhoras mencionaram problemas causados por insetos e umidade. O fato de que a maioria das famílias tinha alguma roupa para guardar e lhe era difícil fazê-lo em condições adequadas mostra a sua necessidade de ajuda no sentido da consecução de um local para armazenagem econômico e em ordem, embora simples, não só na cozinha como também nos quartos.

Outras ilustrações emanadas de nosso estudo das 19 mulheres costarriquenhas informam:

Quanto à localização de peças grandes do equipamento:

- Duas senhoras comentaram que haviam mudado a posição do fogão para evitar que o vento apagasse o fogo.

- Algumas donas-de-casa insistiam em ter a bica de água fora da casa para evitar o apodrecimento da madeira da banca da cozinha e o barro produzido pela água.
- Uma família que vivia longe da fonte e fora do alcance da água encanada construiu um poço para ter água perto da casa.

Quanto à altura:

- Alguns fogões eram muito altos em relação à altura das mulheres, que achavam difícil vigiar os alimentos que cozinhavam dentro das panelas.
- Como muitas tarefas eram partilhadas com os filhos que ainda não haviam atingido a estatura adulta, a altura das prateleiras e dos moedores não lhes permitia trabalhar comodamente e fazer bom uso do corpo.

Quanto ao equipamento adequado e em bom estado:

- Muitas mulheres colocavam avental de plástico sobre a roupa enquanto lavavam.
- Algumas cortavam alimentos sobre uma tábua ou um moedor.
- Várias máquinas de moer não tinham manivela no cabo, que era envolvido num pedaço de pano para não machucar a mão de quem as usasse.

Quanto à armazenagem:

- Muitas mulheres guardavam os ferros de engomar perto do fogão, lugar onde os esquentavam ou enchiam.
- Muitas penduravam parte do equipamento em pregos, onde era fácil vê-lo e alcançá-lo.

Quanto à iluminação:

- Algumas tarefas eram feitas fora de casa para aproveitar a luz natural, já que as casas eram escuras e não dispunham de iluminação artificial.

Nível III

Este nível compreende as mudanças que se processam no produto. Estas exigem disponibilidade de novos materiais no mercado (massas prontas, tecidos sintéticos, plásticos), dinheiro para comprá-los, imaginação e habilidade para fabricar um produto diferente com o material disponível, assim como aceitação das mudanças por parte da família. Este último fator dá lugar a que, em se tratando de aspectos de grande importância e longa tradição familiar, seja muito difícil introduzir mudanças no produto.

Isabel Kelly nos dá, a propósito, um exemplo quando conta que em algumas partes do México fora muito difícil convencer as pessoas a usarem o milho amarelo, superior em valor nutritivo ao branco existente no local. Isso porque a coloração amarelada das tortillas era tida como sinal de descuido, e as donas-de-casa não queriam passar por cozinheiras negligentes e ignorantes (34, p. 73).

As mudanças próprias do Nível III resultam em modificações no equipamento e no local de trabalho, além das introduzidas no uso do corpo e nos métodos de trabalho. Se uma família admitir, exemplo, o uso de lençóis sem passar a ferro, a dona-de-casa poderá ter um pouco mais de trabalho para estendê-los, mas poupará o tempo e o esforço físico antes necessários para passá-los a ferro. Isto porque foram completamente eliminadas algumas fases da tarefa.

Nossas donas-de-casa costarriquenhas introduziram mudanças no produto final quando:

- Algumas não descascavam as batatas e as verduras.

- Outras adotavam para as crianças as calças de cós de elástico que dispensam fecho ou botões.
- Algumas não passavam as toalhas de banho e a roupa interior de malha.
- Uma senhora não coava a massa para os "tamales" destinados à venda.
- Algumas deixavam a máquina de moer presa ao suporte enquanto outras a colocavam e tiravam cada vez que deviam usá-las.
- Algumas faziam tortillas de tamanho muito grande, principalmente as últimas da fornada, ao invés das pequenas de tamanho comum.

As mulheres estudadas em Costa Rica também mudaram o produto final variando o material utilizado para a sua elaboração.

- Várias usavam café em pó, evitando a necessidade de torrá-lo e moê-lo.
- Uma usava fazenda vermelha para confeccionar os vestidos da filha pequena porque essa cor não deixa que o sujo apareça muito.
- Outra evitava comprar tafetá para os vestidos porque este tecido se queima facilmente com o ferro quente.

Técnicas de simplificação

Como trabalhamos? Da forma mais rápida? Desgastando nossas forças? Há outros modos de trabalhar? Como simplificar?

Se quisermos introduzir nos nossos afazeres práticas que nos conduzam à sua simplificação, devemos empregar as técnicas mencionadas a seguir.

Selecionar uma tarefa que valha a pena simplificar

Para isso é necessário que esta preencha um ou mais dos três requisitos aqui apresentados:

Que requiera muito tempo. O tempo necessário para cumprir as tarefas pode ser determinado com base em estudos tradicionais sobre o uso do tempo ou em associação com pesquisas sobre padrões de atividades. O preparo das refeições é relativamente trabalhoso em quase todas as culturas estudadas. A lavagem de roupa e a limpeza da casa também são atividades que tomam muito tempo.

Que requiera muito esforço. Até agora temos empregado muito mais o termo "esforço" do que o termo "energia" ao nos referirmos ao investimento físico nas tarefas. É difícil medir com precisão o consumo de energia fora de um laboratório; e o desempenho normal das tarefas domésticas não se processa dentro de um laboratório sob controle. Por isso, as medidas do uso de energia podem ser substituídas pelas opiniões das donas-de-casa a respeito das tarefas pesadas, difíceis ou cansativas, ou pela observação das tarefas que exigem uso contrário à boa mecânica corporal.

Uma atividade pesada e prolongada pode produzir fadiga, da mesma forma que a execução de um trabalho sem a ajuda de equipamento adequado à sua simplificação. Este tipo de fadiga faz parte do cansaço físico que é possível aliviar alternando-se tarefas pesadas e leves, ou descansando, que é a única forma de recuperação.

Às vezes, porém, queixamo-nos de fadiga mesmo estando desocupados ou fazendo um trabalho aparentemente leve. Neste caso, é possível que o motivo do cansaço seja psicológico, com raízes no nosso tédio, desgosto ou frustração. Talvez tenha origem no nosso desejo de estar em outro lugar ou fazendo outra coisa, na nossa preocupação por causa de um conflito com outra pessoa, ou na insegurança provocada pela falta de destreza para fazer o trabalho. Pode também acontecer que outras pessoas ou situações dominem nossos pensamentos, ou que uma combinação de razões atue. O desaparecimento do cansaço psicológico depende da eliminação ou domínio da sua causa.

Que seja repetida com freqüência. As tarefas podem ser cumpridas com variada freqüência: repetidas mais de uma vez por dia; realizadas diariamente; várias vezes por semana ou semanalmente, conforme a cultura e o tipo de equipamento disponível. Qualquer tarefa desempenhada menos de uma vez por semana não merece ser estudada detidamente com vistas à sua simplificação.

Estabelecer a imagem do trabalho terminado

Para projetar a imagem ou o quadro mental dos resultados que serão satisfatórios para a dona-de-casa e sua família, é preciso que se dispense atenção ao papel desempenhado pelos valores.

É mais importante manter a casa limpa ou estimular as reuniões familiares? Vale mais a pena servir uma refeição bem preparada ou dar à filha a oportunidade de aprendizagem culinária? É "melhor" passar a ferro toda a roupa de uma vez ou fazê-lo só em parte deixando algum tempo livre para a recreação na companhia dos filhos?

Muitas perguntas desse tipo estão estreitamente relacionadas com as mudanças específicas do Nível III introduzidas no produto.

Examinar os métodos empregados para desempenhar a tarefa

Para se saber como o trabalho é feito, é necessário observar-se o procedimento adotado: qual é e como é a tarefa, e com que equipamento é executada. Para estudar formalmente os afazeres é possível aplicar-se uma série de métodos que incluem até mesmo a filmagem cinematográfica. Vamos considerar apenas duas técnicas simples que as donas-de-casa podem utilizar.

O mapa do trajeto. Este mostra o fluxo do trabalho, isto é, o caminho que a pessoa percorre para executar a tarefa do princípio ao fim. Embora seja possível traçar uma planta ligeira e nela identificar a rota percorrida e o número de viagens, a distância será calculada com precisão utilizando-se uma planta em escala.

A rota pode ser traçada diretamente na planta, mas como é necessário pelo menos uma prova do método aperfeiçoado, o emprego de uma linha ou barbante para fazer a marcação facilitará o trabalho. Para isso deve-se fixar a planta a uma tábua ou cartão em que se possam cravar alfinetes para prender a linha ou barbante. Além de espetar um alfinete em cada ponto em que a pessoa se detém ou muda de direção, é preciso cravá-los nos pontos correspondentes às portas e quinas dos móveis para que a rota marcada não os atravesse.

Ao terminar a prova pode-se inspecionar o roteiro, destacando os pontos de concentração e o percurso, e calcular a distância.

O **mapa do procedimento**. Esta é outra técnica que facilita o conhecimento do método empregado na execução de um trabalho. Mostra o que a pessoa faz, sem considerar onde e por quanto tempo.

Utilizam-se letras para indicar os grandes grupos de movimentos de quem desempenha a tarefa. Outra pessoa deverá marcá-los na ordem em que aparecem no decorrer do trabalho.

M	O	I	P	Comentários
M	O	I	P	
M	O	I	P	
M	O	I	P	
M	O	I	P	

Gráfico 6. Mapa de Procedimento

- M: Indica movimentação, quando a pessoa muda de lugar deslocando os dois pés.
- O: Indica qualquer operação ou atividade manual. Se há varias pessoas a serem observadas e se a tarefa incluir repetida intervenção das mãos, duas pessoas podem separadamente anotar o "uso de cada mão". "Uso" se define como cada vez que a mão deixa de pegar ou tocar algo.
- I: Denota inspeção, que é o uso da visão possivelmente combinado com o de outros sentidos, para averiguar a marcha do trabalho. Reflete, também, o pensamento voltado para a atividade. Por exemplo, o ato de provar um alimento para verificar se está cozido; o de olhar a mesa para certificar-se de que nada falta.
- P: Indica parada, uma pausa no trabalho. As paradas podem ser provocadas, por exemplo, por visitas, atenção às crianças, espera de outras pessoas ou de que termine a cocção de algum alimento.

M	O	I	P	Comentários
M	O	I	P	
M	O	I	P	
M	O	I	P	
M	O	I	P	
M	O	I	P	

Gráfico 7. Exemplo de mapa de um procedimento adotado

A folha é marcada tal como se indica no Gráfico 7. Como o tempo empregado não é levado em conta mesmo que a pessoa caminhe demoradamente, o registro corresponderá a um só movimento. Se a pessoa permanecer num lugar trabalhando somente com as mãos, sem movimentar os dois pés, sem fazer inspeções e sem deter-se, esta operação será anotada como uma única.

Se possível, a coluna de comentários deve ser utilizada para descrever brevemente o que a pessoa faz. Por exemplo, um movimento poderia indicar "da mesa ao armário", e a operação seguinte, "apanhar alimentos". Esta denotaria as causas prováveis de inspeções e paradas.

Concluída a tarefa, conta-se o número total de movimentos, operações, inspeções e paradas.

Sugerir um método aprimorado

O exame dos dados levantados através dos processos acima sugeridos fornece-nos elementos para que tentemos aprimorar os métodos de trabalho e propor outras formas de ação tendo em vista simplificar as tarefas. É nesse esforço que se devem aplicar as mudanças introduzidas em cada um dos três níveis acima referidos, a fim de reduzir os investimentos ou aumentar a produção.

Provavelmente, as sugestões inovadoras estimularão as discussões entre os membros da família, sobretudo quando as mudanças sugeridas implicarem o uso de dinheiro, tempo e talento de alguns deles, a mudança de algum hábito formado ou a modificação de alguma prática ligada a um valor importante.

Tendo-se chegado a uma conclusão quanto a um método aprimorado, este deverá ser submetido a prova, incorporando as sugestões.

Testar o novo método

No decorrer do teste do método proposto, é conveniente que se levatem os mapas de trajeto e procedimento. Deste modo será possível, no fim da prova, avaliar as mudanças com base nas alterações assinaladas na distância percorrida e no número de diferentes operações executadas; este dado será obtido do confronto com os resultados dos estudos anteriores da tarefa.

Deve-se igualmente dispensar atenção às alterações no tempo e no dinheiro investidos, bem como nas reações da pessoa que executou o trabalho.

Da soma dos dados fornecidos pelos mapas de procedimento e do confronto das duas provas deve-se esperar que a segunda indique redução no total de movimentos e operações. É possível que a princípio aumentem as inspeções e paradas, pois a pessoa está modificando hábitos; por esta razão, também poderá aumentar o tempo empregado no teste do novo método. Se for demonstrado que a rota encurtou e que diminuiu o número de movimentos diferentes, a prática do método deverá resultar na redução do tempo gasto na tarefa.

Ao se considerarem as mudanças no custo financeiro, cumpre saber se o encargo é apenas inicial, como o de comprar equipamento ou modificar algum móvel, ou se se trata de despesa com material ou serviços que se repetirá com freqüência.

Também vale a pena averiguar como a pessoa se sente em relação aos dois métodos. Via de regra, um novo método incomoda no princípio, embora muitas vezes a evidência da sua utilidade seja dada pelos resultados do mapa de trajeto. Algumas mulheres, porém, experimentaram, desde o primeiro momento de uso do método simplificado, menos confusão e tensão.

É possível que, ao considerar a economia feita com o novo método, a dona-de-casa descubra outras simplificações e variações que poderá testar até sentir-se satisfeita.

Praticar o novo método até que se converta em hábito

Uma vez que o teste do novo método foi satisfatório, este deve ser posto em constante prática a fim de criar hábito. Quando isso ocorrer, provavelmente diminuirá o tempo gasto na execução da tarefa.

Se a pessoa adquirir consciência da aplicação dos princípios de cada tipo de mudança, poderá utilizá-los sem que precise elaborar mapas.

Responsabilidade da família na simplificação do trabalho

Dado que tanto a casa como os móveis e utensílios que nela se encontram influem fortemente no trabalho exigido para a sua manutenção, cabem aos membros da família interessados na simplificação desse trabalho certas responsabilidades no que diz respeito a construir, selecionar, remodelar e escolher as substituições e os novos produtos. Assim, deverão levar em conta a maneira pela qual cada um dos fatores mencionados facilita ou limita o trabalho simplificado.

Os fatores a considerar podem ser:

- A localização da casa em relação às vias de comunicação e aos centros comerciais, educacionais e religiosos. A proximidade dos serviços oferecidos pela comunidade reduzirá o esforço despendido em cada viagem, mas por outro lado poderá induzir as pessoas a não planejarem com o devido cuidado as saídas, nem a limitarem seu número, resultando daí desperdício de tempo e energia.
- O tamanho e a distribuição do espaço interno da casa.
- A idade da casa.
- O material empregado; costuma ser muito útil comparar o custo inicial deste com a sua duração provável e com exigências de manutenção.
- O cuidado requerido pelos móveis e utensílios.

A família também deve levar em conta as atividades e interesses de seus membros, a fim de permitir-lhes dispor de tempo e lugar para atendê-los. Para isso é necessário considerar:

- Os horários, escolar e de trabalho, que estabelecem as horas em que cuidados, roupa e comida são necessários e fixam o tempo em que alguns de seus membros não estarão disponíveis em casa.
- Os tipos mais comuns de participação social, dentro e fora do lar, que exigem preparativos e espaço.

- A maneira como as mudanças no calendário influem nos tipos de atividade e de bens a serem guardados ou cuidados, assim como na disponibilidade de pessoas para ajudar. Por exemplo, que mudanças decorrem das estações do ano, do tempo de colheita, dos feriados, do período letivo e das férias?

A família deve considerar o montante da sua renda diante das possibilidades de simplificar o trabalho.

– Há recursos para pagar empregadas? Quando? Em que circunstâncias? Para fazer o quê?

Quando tais recursos não existem, é possível que a dona-de-casa trabalhe mais horas, peça mais colaboração ou mude sua imagem do que é aceitável.

Ao iniciarem seus filhos no trabalho, os pais têm o dever de mostrar-lhes como fazer bom uso do corpo e de ajudá-los a formar hábitos simplificados e eficientes. Também devem ensinar-lhes como fazer adequado uso do equipamento, para que este tenha vida longa e se mantenha em boas condições.

Experiências sugeridas

1. Procure na leitura de Barnes ou Mundel (6, 53) algum tema sobre simplificação do trabalho.
Comente a respeito da possível aplicação das suas idéias em lares da sua comunidade.
2. Analise as condições familiares existentes em seu país, nas quais a simplificação do trabalho seria útil. Explique ou justifique suas respostas. (Dar razões a favor ou contra o ensino da simplificação do trabalho a famílias de seu país).
3. Cite exemplos de cada um dos níveis de mudança que poderiam apresentar-se em lares de seu país.
4. Formule uma lista de tarefas que valeria a pena estudar, tendo em vista simplificá-las. Justifique cada uma.
5. Selecione uma das tarefas da lista elaborada no exercício constante do item 4, a fim de usá-la, em classe, para demonstrar um método de simplificação do trabalho. Designe pessoas para fazerem os dois mapas e outras para executar a tarefa. Deixe que a pessoa faça primeiramente o trabalho à sua maneira.
Antes de iniciar outra prova, discuta o procedimento simplificado a ser seguido. No fim, compare seus resultados com os de outros grupos de colegas que fizeram a experiência (diferenças em provas simplificadas) e comente os fatores a eles associados.
6. Selecione uma das tarefas da lista elaborada no exercício constante do item 4. Observe o desenvolvimento dessa tarefa em uma casa, apontando o procedimento adotado. Se possível, trace um mapa do trajeto.
Anotar sugestões para simplificar a tarefa. Procure introduzir pelo menos uma de suas sugestões. Explique os resultados do seu intento.
7. Visite uma ou mais casas comerciais que vendem eletrodomésticos.
Faça uma lista do equipamento encontrado que ajudaria a simplificar as tarefas incluídas na lista elaborada no exercício constante do item 4.
Se possível, entreviste um vendedor ou o gerente para informar-se a respeito da aceitação que o equipamento tem. (Por exemplo, quais são os mais vendidos? Quais requerem mais manutenção?).

8. Faça uma lista do material para piso, paredes, mesas, estofados, prateleiras de cozinha, disponível onde mora. Relacione, para cada item, os materiais por ordem das dificuldades que oferecem para limpar e conservar.
Que outra informação deve a família considerar ao selecionar material para tais fins?
9. Se possível, observe uma mãe ensinar à filha a fazer algum trabalho doméstico. Indique como o fez. Avalie o procedimento adotado, tendo em vista a simplificação do trabalho.
10. Proponha métodos específicos para ajudar as famílias a assumirem suas responsabilidades relativamente à simplificação do trabalho.

CAPÍTULO VIII

ORIENTAÇÃO AOS CONSUMIDORES

Você dorme mal na noite que precede um dia de compras?

O dinheiro não foi suficiente? Comprou o que não necessitava?

Entusiasmou-se e acabou se esquecendo do que precisava comprar?

Nas lojas, agiu sem pensar e agora está arrependida?

Amiúde tudo isso acontece. Para que tais problemas não se repitam com tanta frequência, talvez seja conveniente rever alguns dos princípios da orientação aos consumidores.

Os fundamentos da simplificação do trabalho são aplicáveis a qualquer lugar e nível sócio-econômico. A orientação aos consumidores é uma abordagem do aproveitamento dos recursos que adquirem primazia quando as famílias deixam de produzir muitos dos elementos necessários à satisfação das suas necessidades e, para obtê-los, ingressam no mundo dos negócios.

O dinheiro é o recurso dominante como objeto da orientação aos consumidores, porém não é o único que entra em jogo. São igualmente importantes o conhecimento das características das mercadorias e serviços, a destreza e habilidade para selecionar, assim como a disponibilidade dos serviços e facilidades que compõem o cenário em que se dá o consumo.

À semelhança dos demais recursos, o dinheiro também é escasso. Nunca temos o suficiente para comprar tudo aquilo que desejamos. Além disso, está intimamente entrelaçado com outros recursos, pois não o consumimos tal como se apresenta, mas o trocamos por objetos e serviços. Por sua vez, o dinheiro também tem importância psicológica.

O dinheiro não serve só para obter bens e serviços. Algumas pessoas utilizam-no como símbolo de poder ou autoridade; para outras, é sinal de prestígio ou base de segurança. Há quem o veja como instrumento de disciplina, usado como freio ou suborno e negado como castigo.

Toda pessoa possui um conjunto de atitudes diante do dinheiro, as quais compõem a chamada "personalidade financeira". Tais atitudes representam predisposições para agir de determinada maneira quando há posse de dinheiro, para cuja formação influem as experiências com ele relacionadas.

Qual é a sua atitude?

- Pensa amiúde em dinheiro?
- Ele o preocupa, embora saiba que tem o suficiente para atender aos seus compromissos?
- No seu entender todo mundo deve "ganhá-lo", e o recebido por herança ou rendimento não é "justo"?
- Como se sente nas suas relações com alguém que ganha mais do que você? E com quem ganha menos?
- Sente-se melhor quando tem dinheiro no bolso?
- Pensa que poupar é o uso mais importante que se faz do dinheiro?
- Joga a dinheiro?
- Culpa a falta de dinheiro quando quer evitar um conflito de valores? (Por exemplo, em vez de dizer que não aprova o tema de um filme, diz que não vai vê-lo por falta de dinheiro).
- Tem prazer em gastar ou reluta em fazê-lo?
- Como gasta dinheiro quando está aborrecido?
- E quando está alegre?
- Compra coisas supérfluas para dissimular sua solidão?
- Sente-se culpado quando compra alguma coisa para você mesmo, ou isso lhe agrada?
- Sente prazer em presentear?
- Tem vontade de comprar utensílios novos?
- Compra a crédito ou sempre à vista?
- Costuma comprar artigos em saldos ou liquidações ainda que não os necessite?
- Compra em lojas de "categoria", embora possa achar em outra parte a mesma mercadoria a preço inferior?
- Sente-se bem numa roda em que outras pessoas custeiem sempre as despesas?
- Solicita empréstimos com freqüência?
- Paga suas dívidas o mais rápido possível ou necessita ser lembrado?
- Empréstima dinheiro? Exige garantias quando o faz?
- Como você compara sua personalidade financeira com a dos demais membros da sua família?

Que é renda?

Quando nos referimos a renda, pensamos em dinheiro. O dinheiro, porém, não é a única forma sob a qual se expressa a nossa renda. Esta pode assumir a forma de dinheiro, de bens e serviços, ou de satisfação.

Todos os tipos de renda têm a sua fonte provedora, podendo os homens influir sobre cada um deles no sentido de aumentá-la.

A renda em dinheiro pode proceder de salário, rendimentos, lucros em negócios, pensões, venda de safras ou produtos caseiros, prestação de serviços, loteria, herança, presentes, juros de dinheiro investido ou emprestado. Pode ingressar regular ou irregularmente, variar em quantidade e derivar de uma ou mais fontes.

É possível aumentar a renda em dinheiro por meio de:

- Mais horas de trabalho.
- Cultivo de maior área de terra.
- Plantio de um produto mais rentável.
- Maior venda da produção caseira.
- Aperfeiçoamento da habilidade, a fim de vender os produtos a preço mais alto ou receber melhor remuneração pelos serviços.
- Execução de trabalhos para os quais há mais aptidão.
- Aprendizagem de tipos de trabalho mais bem remunerados.
- Procura de mercados mais favoráveis.

Se é verdade que muitas das decisões das famílias latino-americanas são mais integrativas do que econômicas, é provável que as desvantagens ultrapassem as vantagens na tentativa de pôr em prática essas sugestões.

A renda real, ou seja, os bens e serviços exploráveis, pode ser auferida a partir do emprego ou dispêndio de dinheiro na produção caseira; do aproveitamento das habilidades e destrezas da família que não é necessário pagar; da utilização da moradia e outros bens com que conta a família, assim como do uso dos serviços e facilidades oferecidos pela comunidade, que não se pagam diretamente no momento do uso, mas de forma indireta.

A renda real pode ser aumentada da seguinte maneira:

- Aprendendo formas de gastar o dinheiro para obter mais bens e serviços.
- Aumentando a produção caseira.
- Incrementando os serviços realizados pelos membros da família.

Isto subentende:

- Cuidar da saúde para obter maior rendimento.
- Simplificar o trabalho.
- Desenvolver novas destrezas ou habilidades.
- Aplicar e aprimorar as destrezas ou habilidades já adquiridas.
- Cuidando dos bens possuídos.
- Usando ao máximo os serviços oferecidos sem incorrer em despesa ou gastando o mínimo.
- Permutando bens ou serviços com membros de outras famílias.

A renda psicológica ou satisfação representa receitas indiretas associadas a atitudes, interesses e habilidades. São produzidas quando sentimos orgulho da nossa obra, quando

alguém reconhece o valor de algo feito por nós, ou quando fazemos alguma coisa que nos dá prazer. Elogios, cumprimentos ou satisfação agem como motivação e contribuem com uma renda pessoal ou psicológica.

Para aumentar esse tipo de renda cada membro da família deve:

Dedicar o maior tempo possível a atividades que lhe são agradáveis.

- Procurar modificar atitudes em relação a afazeres desagradáveis. Isso talvez seja possível mediante o desenvolvimento de destrezas e habilidades ou a aplicação de outros aspectos da simplificação do trabalho.
- Variar a rotina de trabalho.
- Reconhecer a contribuição de cada membro da família. Demonstrar-lhes apreço, estímulo e aprovação, ao invés de criticar o errado e silenciosamente aceitar o certo.

Que problemas econômicos identificamos na América Latina?

Alguns problemas econômicos que se destacam em muitas famílias rurais latino-americanas são:

Existência de baixa renda monetária com relação a:

- tamanho da família, que requer gastos elevados para atender às suas necessidades diárias;
- custo da obtenção de bens e serviços proporcional ao crescimento da família;
- custo do transporte;
- custo dos remédios;
- custo das festas tradicionalmente importantes.

Existência de renda monetária irregular associada a:

- instabilidade do valor do dinheiro, que leva as pessoas a convertê-lo em bens tão logo o ganham;
- receio ou resistência quanto ao uso de certas facilidades públicas, como, por exemplo, o serviço médico local.
- hábito de comprar em pequenas quantidades, que às vezes sai mais caro;
- costume de mandar crianças fazerem compras; elas não sabem distinguir qualidade nem avaliam a importância de guardar o troco;
- limitações impostas pela política creditícia.

Alguns desses problemas são, obviamente, inerentes à situação econômica geral na qual a família mesma não tem muito como influir. Todavia, dão-nos algumas indicações para orientar os consumidores.

A família que quiser superar uma situação financeira angustiosa terá de aumentar a renda, diminuir as despesas ou mudar de preferências.

Como podem as famílias controlar ou diminuir suas despesas?

O primeiro passo é formar uma idéia de quais são elas. Para isso é necessário manter um registro das despesas durante algum tempo, o que requer que a dona-de-casa saiba ler, escrever e fazer contas. Como, porém, nem sempre ela possui tais conhecimentos, amiúde é forçada a recorrer à ajuda de outras pessoas ou dos agentes que colaboram com as

famílias orientando-as na recomposição das despesas e levando-as a apreciar a utilidade desta prática.

Com vistas a esse fim tais pessoas poderão:

- verificar quais são as compras comumente feitas no lugar e os preços do comércio;
- acompanhar a(s) pessoa(s) nas compras durante certo tempo, anotando os gastos;
- entrevistar os membros da família para obter dados sobre suas despesas esporádicas ou freqüentes, conhecer os lugares onde costumam comprar e, se possível, ter uma idéia dos preços que pagaram.

O segundo passo é formular uma lista das prioridades de despesa, levando em conta:

- os valores;
- o nível de vida desejado;
- as necessidades de todos os membros.

Esta lista pode servir para julgar como o dinheiro está sendo usado no momento. Naturalmente, a família deverá evitar ou eliminar as despesas não incluídas na sua lista de prioridades ou que nela ocupem os últimos lugares.

A seguir, a família deverá desenvolver bons hábitos em matéria de compras:

- Para isso deve estar cônica das vantagens e desvantagens de fazer listas; aproveitar liquidações; visitar mais de uma loja antes de decidir; comprar objetos de segunda mão; variar a qualidade do que compra de acordo com o uso futuro; mandar as crianças fazerem compras; comprar por atacado e experimentar novos produtos.
- Comparar as conseqüências das compras pagas à vista e a prazo. Como o custo e a regulamentação das compras a crédito variam conforme o lugar, é necessário que os programas de orientação ao consumidor baseiem sua assistência na situação local e procurem fomentar a expansão e o controle oficial da política creditícia.

Também os membros da família devem desenvolver bons hábitos de uso dos bens possuídos:

- Usar, tratar e guardar com cuidado objetos e artigos tais como roupa, alimentos, móveis e utensílios, para evitar despesas desnecessárias provocadas por desperdício, conserto ou reposição.
- Limpar e manter em ordem a casa e seus arredores a fim de evitar acidentes e doenças e, em conseqüência, despesas com tratamento médico e a perda da contribuição dos membros da família ao desempenho das tarefas ou à receita monetária.

Para as pessoas que sabem ler e escrever, há normas disponíveis que ajudam a planejar o orçamento familiar, abrangendo, em geral, o período de um ano. A adoção desta prática na América Latina parece-nos, porém, um avanço grande demais. As etapas devem ser vencidas pouco a pouco. Via de regra as famílias não têm uma idéia nítida a respeito das suas despesas e tampouco segurança em relação à sua renda. Tudo isso dificulta o planejamento a longo prazo.

Que responsabilidades tem a família na orientação de seus membros como futuros consumidores?

1. Reconhecer o tipo de personalidade financeira que caracteriza cada membro da família.
2. Criar condições para que os filhos vivam experiências que facilitem o desenvolvimento da sua personalidade financeira.
3. Considerando que as mulheres, em geral, sobrevivem aos maridos, devem elas adquirir as necessárias habilidades para se defenderem no mundo dos negócios, caso enviúvem.
4. Aprofundar a atenção dispensada aos aspectos que oferecem maiores problemas em matéria de despesa, a fim de contar com mais elementos de juízo na tomada de decisões.
5. Tomar atitudes e adotar práticas saudáveis no tocante ao crédito, reconhecendo as vantagens e desvantagens que este apresenta.
6. Reconsiderar seus hábitos de compra para verificar se estão de acordo com a sua renda.
7. Identificar o ritmo de ingresso do dinheiro (regular ou flutuante) e calcular o custo mínimo para manter seu nível de vida.
8. Na seleção de bens duráveis, considerar especialmente as exigências destes em matéria de uso e manutenção.
9. Dar aos membros da família noções sobre o uso e manutenção das máquinas e utensílios possuídos.
10. Como as disposições legais relativas a crédito, impostos, contratos e herança, que afetam o uso do dinheiro, são nacionais, estaduais e municipais, toda a família deve conhecer a legislação vigente, a fim de:
 - Aproveitar os benefícios.
 - Evitar os problemas.
 - Agir com inteligência no que lhe corresponder nas decisões políticas, seja como eleitor ou eleito.
11. A família deve propiciar a seus membros a oportunidade de participarem nas discussões sobre o uso do dinheiro, pois assim eles estarão mais motivados para usá-lo adequadamente. Também deve ajudar as crianças a aprenderem a usá-lo, a partir da posse de pequenas quantias, para que, paulatinamente, aprendam a prezar o valor do dinheiro e adquiram bons hábitos de compra.

Experiências sugeridas

1. Leia em Haglund e Oheim (39, 58) sugestões a respeito de como comprar alimentos. Faça sua própria lista de sugestões aplicáveis a seu país.
2. Leia em Villegas (73) sugestões para orientar a compra de equipamento doméstico. Visite algumas casas que vendem esse equipamento. Entreviste um vendedor ou o gerente. Formule uma lista de critérios para orientar a família na compra de um ou mais tipos de equipamento para casa.
3. Consulte as publicações do Programa de Orientación al Consumidor (Apt. 4183, San Juan, Puerto Rico) e as da Información de Mercadeo al Consumidor del Servicio de

Extensión Agrícola” (Apt. 607, Río Piedras, Puerto Rico 00927). Leia em Haglund sobre os métodos de ensinar bons hábitos de compra. Discuta sua aplicabilidade em seu país.

- 4. Entreviste representantes dos setores comercial e financeiro sobre os problemas que as famílias têm no uso do dinheiro. Discuta como os agentes de educação poderiam ajudar a minorar esses problemas.**
- 5. Entreviste alguma família conhecida para averiguar sua maneira de distribuir a renda monetária e as satisfações ou dificuldades derivadas do uso deste recurso.**
- 6. Durante certo tempo recorte notícias da imprensa relacionadas com a economia. Comente o efeito que possam ter na vida familiar.**
- 7. Observe as pessoas fazendo compras em qualquer mercado ou casa comercial. Comente suas observações, assinalando: quem compra; que informações pede; o que compra; o que não compra apesar de considerá-lo. Exponha as idéias ou dúvidas que lhe ocorrerem quanto à educação do consumidor.**
- 8. Colecione idéias, difundidas no país, a respeito de como fazer economia no lar.**
- 9. Em mesa-redonda, relate suas primeiras experiências com dinheiro. Como contribuíram elas para a formação da sua personalidade financeira?**
- 10. Proponha métodos específicos para ajudar as famílias de seu país a cumprirem cada uma das suas responsabilidades como consumidores.**

CAPÍTULO IX

COMO ADMINISTRARÃO?

Temos sempre procurado ilustrar três formas de observar o que fazem as pessoas quando administram.

A situação de que lançamos mão é simples considerando que o cenário é representado por uma comunidade costarriquenha relativamente isolada e com poucas alternativas. Todavia, a situação nessa comunidade está passando por acelerado processo de mudança. Desde que o estudo formal terminou, vêm-se registrando mudanças permanentes nos recursos.

- Uma estrada nova permite comunicação mais fácil com outros centros.
- A expansão da rede elétrica oferece meios para melhorar a iluminação e dispor de mais energia para simplificar os afazeres.
- Uma nova represa eliminou o problema da falta de água em determinadas épocas do ano e o trabalho decorrente da necessidade de guardá-la.
- Todos os anos aumenta o número de crianças que completam sua educação primária. Também cresce o número dos que iniciam estudos secundários.

Há, agora, mais alternativas disponíveis. Ao oferecê-las, a vida exige que se façam escolhas e se tomem decisões.

Como agirão as pessoas diante desse acréscimo de oportunidades?

Por quais valores optarão? E se não os modificarem radicalmente, como ajustarão seus novos desejos ao sistema de valores aceito?

Ignorarão as novas máquinas e serviços? Conservarão seus antigos métodos de trabalho?

Que farão as crianças no seu tempo livre, já que não têm a responsabilidade de transportar água e lenha? Como se integrarão na vida produtiva?

Diante das imposições cada vez maiores que o mundo dos negócios faz, como as famílias administrarão para que seja preservado o caráter valioso das suas decisões integrativas?

Estas são questões importantes com que as famílias defrontarão e que desafiam a administração do lar a procurar formas de respondê-las e a ajudar as famílias a reconhecê-las, divulgando informação adequada e apontando-lhes uma série de caminhos que a elas se abrem esperando decisão. À medida que a vida humana se dinamiza, a administração do lar deve tornar-se cada vez mais dinâmica, de modo a delinear os caminhos que a criatura humana poderá palmilhar na sua trajetória vital.

CAPÍTULO X

A ADMINISTRAÇÃO

As pessoas podem relacionar o desejado e o disponível, quer antecipando-se ao momento em que este último entra em ação, a fim de atualizar aquele, quer fazendo-o depois que já estiver em jogo. A duração do período em que se dá a antecipação dependerá da perspectiva do tempo que se tenha. Pode acontecer que a perspectiva varie de acordo com os diferentes recursos. Por exemplo: pensar em aproveitar serviços em futuro remoto porque alguém então os oferecerá, ou usar o dinheiro no presente porque seu valor está diminuindo.

É costume, no período que compreende nossa antecipação, traçarem-se planos, embora não obrigatoriamente. Planejar exige que se prevejam condições, conseqüências, mudanças ou estabilidade. Se não anteciparmos uma relativa estabilidade, é possível que não proponhamos planos minuciosos, pois poucas pessoas comprometerão recursos disponíveis para um futuro incerto.

Os indivíduos que têm uma perspectiva limitada em relação ao futuro, ou pouca confiança no seu poder de dominar os acontecimentos vindouros, possivelmente mostrarão acentuada tendência a planejarem a curto prazo e rechaçarão o planejamento a longo prazo por medo de não alcançarem os resultados esperados ou por não quererem sacrificar seus esforços atuais.

Por outro lado, é possível que o período para fazer planos aceito por uma família esteja firmemente associado ao ritmo de ingresso da sua receita monetária. Nessas circunstâncias, o espaço de tempo de que as famílias dos trabalhadores braçais dispõem para planejar seria o dia ou a semana; no caso das famílias com salário mensal seria o mês, e no das famílias dependentes de ciclos agrícolas seria o determinado pelas colheitas.

Algumas pesquisas realizadas nos Estados Unidos indicam que as donas-de-casa reconhecem o planejamento como a atividade mais trivial da administração. Não obstante, sérias dificuldades têm-se anteposto às pesquisas a respeito de como as pessoas planejam quando não dispõem de planos escritos, tais como cardápios, orçamentos, horários, listas de compras, croquis ou desenhos. Através de entrevistas que se realizaram de forma intervalada durante um ano, com trezentas famílias norte-americanas, sobre suas intenções de comprar bens duráveis e sobre as aquisições já feitas, verificou-se que os planos que fixavam data eram mais fielmente cumpridos do que aqueles que não o faziam ou que tinham duração indefinida(41).

As observações e leituras a respeito de lares rurais latino-americanos levam-nos à conclusão de que à frente do planejamento antecipado vêm as decisões sobre o uso de recursos tomadas durante a realização das atividades domésticas, especialmente nos lugares em que as mudanças de estação não são bruscas. Estas decisões, porém, não deixam de ser também uma forma de planejamento. O tempo transcorrido entre o planejamento e a ação é que não é muito longo.

De modo geral, há quatro atividades auxiliares da administração que podem ser realizadas antes da ação ou no curso desta.

Comunicação: que inclui os meios verbais e não verbais de dar a conhecer o desejado e os meios para alcançá-lo. Embora nem toda comunicação familiar tenha caráter administrativo, seria interessante examinar sua associação com a concretização de aspirações.

Através da comunicação se processam a seleção de valores e metas, a demonstração sobre os modos de fazer alguma coisa e a discussão de possíveis soluções para os problemas; também se viabiliza todo o processo de socialização dos membros da família quanto à forma de agir aceita e ao desenvolvimento de destrezas que se transformam em recursos humanos da família. Em dado momento, também permite o exercício de supervisão.

Motivação: que é o estímulo dado às criaturas humanas para que iniciem, continuem e cumpram sua parte na atuação. Fundamenta-se no aproveitamento das atitudes e preferências pessoais.

Coordenação: que é a integração ou conciliação de desejos, preferências e prioridades com vistas à procura de material, equipamento e espaço para cada pessoa ou grupo, de modo que cada faceta do trabalho possa cumprir-se simultaneamente ou em seqüência.

Adaptação: que consiste em se estar cômico das mudanças introduzidas na situação e no desenvolvimento do trabalho a fim de fazer os necessários ajustes ou modificações.

Em cada um desses aspectos são tomadas decisões no sentido de aproveitar o disponível para a consecução do desejado. As decisões podem ser tomadas antecipadamente (plano) ou no decorrer da ação.

Mesmo que os especialistas não estejam de acordo quanto às técnicas ou aspectos que as pessoas utilizam para administrar, todos eles concordam em que na administração está subentendida a elaboração de planos. Costuma-se dizer que planejar permite a consideração de várias formas de ação sem que isso esgote os recursos.

Muitas semelhanças podem ser encontradas no que se tem escrito a respeito de como traçar um plano e de como tomar decisões. Alguns autores chegaram a incluir, na sua definição do processo decisório, a "seleção de um plano a seguir". Conforme foi dito, "planejar" seria tomar certas decisões num espaço de tempo anterior à atuação ou utilização dos recursos que entrariam em jogo na decisão. Planejar requer a tomada de muitas decisões, às vezes com bastante risco implícito. Não é adotar uma linha precisa e igual em todas as situações, pois em cada uma delas podem variar o tempo, a forma e o desejo de planejar.

Não obstante as variações apontadas, em todos os casos se cumpre invariavelmente uma atividade mental que possibilita acomodar os recursos em combinações efetivas a fim de alcançar o desejado. Isso é administrar. Administrar requer o despertar da mente diante das situações sempre mutáveis da vida e o ajustamento das peças para construí-la.

EPÍLOGO

A criança arregalou os olhos ao receber a caixa de presente. Desamarrou-a. Inúmeros cubos de madeira, de todas as cores e tamanhos, esparramaram-se. Imediatamente, sem pensar, armou alguma coisa. Logo decidiu o que havia feito: uma casa e um automóvel.

Passado o sabor da novidade, por ali ficou a caixa, cheia de peças desordenadas, que a tampa já não conseguia fechar.

Com seus passinhos curtos e lerdos, chegou a irmãzinha. Olhou, deslumbrada, os pedaços de madeira. Soube que com eles poderia armar alguma coisa e se deteve a pensar no que faria. Construiria uma casa, já que as formas da madeira não permitiam compor uma família. Depois, buscaria suas bonecas e as colocaria ali. Passo a passo, calculando peças, espaços e tamanhos, foi conseguindo o que desejava.

Eu observara as duas crianças e as havia comparado; seus modos diferentes de agir fizeram-me pensar. Admirava a semelhança que via em cada uma delas com muitos adultos meus conhecidos. Será que sempre somos um pouco crianças? Será por isso que manipulamos as peças que a vida nos põe nas mãos? Às vezes, sem pensar, as unimos e logo admiramos a nossa obra. Outras vezes, planejamos cuidadosamente o destino de cada elemento. E, ante o resultado, deleitamo-nos com o triunfo ou choramos nosso fracasso.

BIBLIOGRAFIA

1. ALBERT, ETHEL M. "The classification of values; a method and illustration". *American Anthropologist* 58:221-248. 1956.
2. ——— "Theory construction for the comparative study of values in five cultures; a report on the values study". Cambridge, Mass., Harvard University, *Laboratory of Social Relations Value Study*. 1954. s.p. (Mimeografado).
3. ALLPORT, G. W. VERNON, P. E. e LINDZEY, G. *Study of values test booklet*. 3ª ed. Boston, Houghton Mifflin. 1969. 12 p.
4. ALTURAS preferidas para los quehaceres del hogar, septiembre 1959. Montevidéo, Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, Zona Sul. 1961. 2 p. (Mimeografado).
5. BAEZA BRAVO, RUTH e BRAVO BARBERA, LILIA. *Cómo distribuye la dueña de casa las 24 horas del día*. Tese de Professora do Estado. Santiago, Universidad de Chile. 1961. 38 p. (Fotocópia).
6. BARNES, RALPH M. *Estudio de movimientos y tiempos*. Traduzido do inglês por Carlos Paz Shaw. Madri, Aguilar. 1962. 575 p.
7. BOUGLE, C. *The evolution of values*. Nova York, Holt. 1926.
8. BRATTON, C. A. e BRATTON, ESTHER CREW. "Decision making in home management". In *Conference on values and decision-making in home management*. East Lansing, Michigan State University. 1955. Proceedings. pp. 26-34 (Mimeografado).
9. BRATTON, ESTHER CREW. "Some factors of cost to the body in standing or sitting to work under different postural conditions". *Journal of Home Economics* 50(9):711-715. 1958.
10. BROWN, INA CORINNE. *Understanding other cultures*. Englewood Cliffs, N.J., Prentice-Hall. 1963. 184 p.
11. BUEN gobierno del hogar en todo el mundo. Tradução do inglês. 4ª ed. em espanhol. México, Centro Regional de Ayuda Técnica. 1965. 172 p.
12. BUSTRILLOS, NENA R. *Decision-making styles of selected Mexican homemakers*. Ph. D. Thesis. East Lansing, Michigan State University. 1963. 155 p. (Microfilme).
13. CANTRIL, HADLEY. "A study of aspirations". *Scientific American* 208(2):41-45. 1963.
14. ——— *The pattern of human concerns*. New Brunswick, N.J., Rutgers University. 1965. 427 p.
15. CHRISTENSEN, HAROLD T. "The intrusion of values". In ———, ed. *Handbook of Marriage and the Family*. Chicago, Rand McNally. 1964. pp. 969-1006.
16. CORDEIRO, COPERNICO DE ARRUDA. *Estudio sobre nivel y standard de vida de algunas familias de agricultores en seis comunidades rurales de Costa Rica*. Tesis Mag. Agr. Turrialba, Costa Rica, Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas. 1961. 77 p.
17. CRESPO, CARMEN MARIA. *Use of time by 53 Puerto Rican rural homemakers*. M.S. thesis. Ithaca, New York, Cornell University. 1957.
18. CUBER, JOHN F. *Sociology; a synopsis of principles*. 3ª ed. Nova York, Appleton-Century-Crofts. 1955.

19. CURSO NACIONAL DE INVESTIGACION SOCIAL EN ECONOMIA DEL HOGAR EN EXTENSION AGRICOLA. **Características de la vivienda rural en Ibarra; estudio descriptivo.** Buenos Aires, Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria. 1964. 48, 15 p.
20. DEACON, RUTH E. "Home management; focus and function". *Journal of Home Economics* 54(9):760-762. 1962.
21. ——— e BRATTON, ESTHER CREW. "Home management; focus and function". *Journal of Home Economics* 54(9):763-766. 1962.
22. DE BACA, MARY A. "Análisis de la situación actual del estado de las familias residentes en el partido de Pergaminó, Bs. As." Tradução e adaptação do inglês. Buenos Aires, Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria. 1966. 52 p. (Serie **Formación Técnica Economía del Hogar N° 116**). (Mimeografiado).
23. DE GRAZIA, SEBASTIAN. **Tiempo, trabajo y ocio.** Traduzido do inglês por Consuelo Vásquez de Parga. Madri, Tecnos. 1966. 459 p.
24. DIESING, PAUL. **Reason in society; five types of decisions and their social conditions.** Urbana, University of Illinois. 1962. 262 p.
25. ECK, M., DUMORTIER, L. e SAULNIER, J. **Trabajo y fatiga mental.** Traduzido do francês por Carlos Jiménez Villarejo. Barcelona, Fontanella. 1965. 177 p.
26. ENGBRETSON, CAROL. **Analysis by a constructed typology of wives' values evident in managerial decision situations.** Ph. D. thesis. East Lansing, Michigan State University. 1965. 163 p.
27. ERASMUS, CHARLES J. "Work patterns in a Mayo village". *American Anthropologist* 57:322-333. 1955.
28. ESTADOS UNIDOS. OFICINA FEDERAL DE EDUCACION. **Material de trabalho para ser usado em Seminário de Currículo, verão de 1963.** Tradução e adaptação do inglês. Hato Rey, Puerto Rico, Departamento de Instrucción Pública, Programa de Economía Doméstica. 1965. 9p.
29. FICHTER, JOSEPH H. **Sociology.** Chicago, University Of Chicago, 1957. (Sociología. Traduzido do inglês por Alejandro Ros. Barcelona, Herder. 1965. 461 p.).
30. FIRTH, RAYMOND. **Primitive economics of the New Zealand Maori.** Nova York, Dutton. 1929.
31. FLOYD, W. F. e WELFORD, A. T. **Fatiga y trabajo.** Traduzido do inglês por Cecilia Graciela Millonschik. Buenos Aires, Eudeba. 1964. 94 p.
32. FORST, FLORENCE H. "A behavioral approach to consumer education in design". *Journal of Home Economics* 54(10):830-834. 1962.
33. FOSTER; GEORGE M. **Empire's children; the people of Tzintzuntzan.** Smithsonian Institution. Institute of Social Anthropology. Publ. n°6. 1948. 297 p.
34. ——— **Las culturas tradicionales y los cambios técnicos.** Traduzido do inglês por Andrés M. Mateo. México, Fondo de Cultura Económica. 1964. 261 p.
35. FRANK, LAWRENCE K. "Society as the patient." *New Brunswick, Rutgers University.* 1948. pp. 339-358.
Reimpresso do *Journal of Social Philosophy* 4:293-312. 1939.
36. GILLIN, JOHN LEWIS e GILLIN, JOHN PHILLIP. **Cultural sociology.** rev. ed. Nova York, Macmillan. 1948. 844 p.
37. GROSS, IRMA e CRANDALL, ELIZABETH WALBERT. **Management for modern families.** 2ª ed. Nova York, Appleton-Century-Crofts. 1963. 589 p.

38. HALLIDAY, JEAN ROWAN. **Relationships among certain characteristics of a decision-event; decision procedure, decision context, and decision-maker.** Ph. D. thesis. East Lansing, Michigan State University. 1964.
39. HAGLUND, ELSA. **La economía de la vida familiar en el Caribe,** Roma FAO. 1958? 54 p. (Mimeografiado) FAO/58/11/8608.
40. ———. **La casa-habitación; su construcción y mejoramiento.** Traduzido do inglês por Carlos Gerhard. México, Pax-México. 1961. 249 p.
41. HILL, REUBEN. "Judgment and consumership in the management of family resources". **Sociology and Social Research** 47(4) :446-460. 1963.
42. KENKEL, WILLIAN F. "Observational studies of husband-wife interaction in family decision-making". In Sussman, Marvin B., ed. **Sourcebook in Marriage and the Family.** 2ª ed. Boston, Houghton Mifflin. 1963. pp. 144-156.
43. KLUCKHOHN, CLYDE et al. "Values and value orientations in the theory of action". In Parsons, Talcott e Shils, Edward A., eds. **Toward a general theory of action.** Cambridge, Harvard University. 1954, pp. 388-433.
44. KLUCKHOHN, FLORENCE ROCKWOOD e STRODTBECK, FRED L. **Variations in value orientations.** Evanston, Illinois, Row, Peterson. 1961. 437 p.
45. KOMAROVSKY, MIRRA. "Class differences in family decision-making on expenditures". In Sussman, Marvin B., ed. **Sourcebook in Marriage and the Family.** 2ª ed. Boston, Houghton Mifflin. 1963. pp. 261-266.
Reimpreso de FOOT, NELSON N., ed. **Household decision-making.** Nova York, New York University, 1961. pp. 255.265.
46. LACOT, MARIA SOCORRO' **Freedom in making personal decisions as perceived by Puerto Rican ninth-grade girls.** Ph. D. thesis. Ames, Iowa State University. 1962. 197 p.
47. LATTES DEIK, VIRGINIA. **La vivienda rural en el área demostrativa de San Ramón.** Montevideú, Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, Zona Sul. 1962. 40 p. (Mimeografiado).
48. ———. **Nivel de vida familiar en el área Estanzuela, aspectos metodológicos.** Montevideú. Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, Zona Sul. 1965. 40 p. (Mimeografiado).
49. LEWIS, OSCAR. **Antropología de la pobreza; cinco familias.** Traduzido do inglês por Ema Sánchez Ramírez. México, Fondo de Cultura Económica. 1961. 304 p.
50. LOBSTEIN, ALICIA. **365 días sin servicio doméstico.** Buenos Aires, Sudamericana. 1959. 497 p.
51. MASLOW, ABRAHAM H. **Motivation and personality.** Nova York, Harper and Row, 1954. 411 p.
52. MUKERJEE, RADHAKAMAL. **The social structure of values.** Londres, Macmillan. 1949?
53. MUNDEL, MARVIN E, **Estudio de tiempos y movimientos.** Tradução da 3ª ed. inglesa por Jesús Soto Olivares. México, Continental. 1963. 769 p.
54. ORGANIZAÇÃO DA NAÇÕES UNIDAS. **Manual de encuestas sobre hogares; guía práctica para investigación del nivel de vida.** Nova York, ONU. 1964. 198 p. (Serie F N° 10 Estudios de Métodos).
55. NELSON, LINDA JEAN. **Present and preferred kitchen facilities of selected rural women of Turrialba, Costa Rica** M.S. thesis. Ames, Iowa State University. 1953. 115 p. (Cópia datilográfica).

56. NELSON, LINDA, JEAN. **Daily activity patterns of peasant homemakers**. Ph. D. thesis. East Lansing, Michigan State University. 1963. 156 p.
57. NICKELL, PAULENA e DORSEY, JEAN MUIR. **Management in family living**. 3ª ed. Nova York, Wiley. 1959. 551 p.
58. OHEIM, G. **Tu hogar**. Traduzido e adaptado do alemão por Carlos M. Barbeito e Ernesto Mascará. Madri, Daimon. 1957. 494 p.
59. PARKER, DEWITT H. "Human values". Nova York, Harper. 1931. (Original não consultado; citado em Nickell, Paulena e Dorsey, Jean Muir. **Management in family living**. 3ª ed. Nova York, Wiley. 1959, p. 23).
60. PARSONS, TALCOTT. **The social system**. Glenoche, Illinois, Free Press. 1951. 575 p.
61. RAINWATER, LEE, COLEMAN, RICHARD P. e HANDEL, GERALD. **Working man's wife; her personality, word and life style**. Nova York, Oceana. 1959. 238 p.
62. REICHEL-DOLMATOFF, GERARDO e REICHEL-DOLMATOFF, ALICIA. **The people of Aritama; the cultural personality of a Colombian mestizo village**. Chicago, University of Chicago. 1961. 483 p.
63. RODGERS, Roy H. "Toward a theory of family development". **Journal of Marriage and the Family** 26(3):262-270. 1964.
64. RODRIGUEZ TERRELL, INES e GONZALEZ INZUNZA, ANA. **Cómo distribuye la dueña de casa las 24 horas del día**. Tese de Professora do Estado. Santiago, Universidad de Chile. 1960. 43 p. (Fotocópia).
65. ROSE, ARNOLD M. "Sociology and the study of values". **British Journal of Sociology**, 7:1-17. 1956.
66. SALDARRIAGA VILLA, MISAEL. **Niveles de vida y liderazgo en la vereda Azafranal**. Bogotá, Federación Nacional de Cafeteros de Colombia. 1964. 78 p. (Mimeografado).
67. SLOTKIN, J.S. **Social anthropology**. Nova York, MacMillan. 1950. 604 p.
68. SOROKIN, PITIRIM A. e MERTON, ROBERT K. "Social time; a methodological and functional analysis". **American Journal of Sociology** 42:615-629. 1937.
69. STEVENS, CHANDLEE LLOYD. **Aspirations of married student husbands and their wives**. M.A. thesis. East Lansing, Michigan State University. 1964. 69 p.
70. STRODTBECK, FRED L. "Husband-wife interaction over revealed differences". In Sussman, Marvin B., ed. **Sourcebook in Marriage and the Family**. 2ª ed. Boston, Houghton Mifflin. 1953, pp. 543-547.
Reimpresso da **American Sociological Review** 16:468-473. 1951.
71. UNITED NATIONS ORGANIZATION. **Enquiries into household standards of living in less-developed areas**. Nova York, UN. 1951. 191 p.
72. VAN BORTEL, DOROTHY GREY e GROSS, IRMA H. "A comparison of home management in two socio-economic groups". **Michigan Agr. Exp. Sta. Tech. Bul. N° 240**. 1954. 50 p.
73. VILLEGAS, SUSANA. **La mecanización del hogar**. Madri, Giner. 1958. 326 p.
74. WARREN, JEAN. "Use of time in its relation to home management". Ithaca, New York, **Cornell University Agr. Exp. Sta. Bul. N° 734**. 1940. 98 p.
75. ———. **Uso del tiempo por las amas de casa del área demostrativa de San Ramón, Uruguay, 1958**. Traduzido do inglês por Fresia de Marull. Montevideú, Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, Zona Sul. 1958? 20 p. (Mimeografado).

76. WHITEFORD, ANDREW HUNTER. **Popayán y Querétaro; comparación de sus clases sociales.** Bogotá, Universidad Nacional de Colombia. Monografías Latinoamericanas N° 1. 1963. 282 p.
77. WILKENING, E. A. e MORRISON, DENTON E. "A comparison of husband and wife responses concerning who makes farm and home decisions". **Marriage and Family Living** 25:349-351. 1963.
78. WILLIAMS, ROBIN M., Jr. **American society.** New York, Knopf. 1952.

Composição, Fotolito, Impressão
GRAPHOS INDUSTRIAL GRÁFICO LTDA.
Rio de Janeiro – Brasil
1980

ИЧАЧЕБ